



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS -  
IFG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA - PROFEPT**

**WEBERTY FERREIRA LIMA**

**A CONCEPÇÃO DE TRABALHO VEICULADA POR ESCOTEIROS DE  
ANÁPOLIS-GO: O RAMO SÊNIOR EM FOCO**

**Anápolis - GO  
2021**

**WEBERTY FERREIRA LIMA**

**A CONCEPÇÃO DE TRABALHO VEICULADA POR ESCOTEIROS DE  
ANÁPOLIS-GO: O RAMO SÊNIOR EM FOCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo câmpus Anápolis do Instituto Federal de Goiás, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Linha de Pesquisa: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na EPT

Orientador: Prof. Dr. Guenther Carlos Feitosa de Almeida.

Anápolis - GO  
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

	LIMA, Weberty Ferreira
L732c	A concepção de trabalho veiculada por escoteiros de Anápolis-GO: o ramo sênior em foco / Weberty Ferreira Lima – – Anápolis: IFG, 2021. 100 p. : il. color.
	Orientador: Prof. Dr. Guenther Carlos Feitosa de Almeida.
	Dissertação (Mestrado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás; Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica.
	1. Escotismo. 2. Educação não formal. 3. Trabalho. 4. Ramo sênior – Escotismo. 5. Anápolis - GO.I. ALMEIDA, Guenther Carlos Feitosa de orien.. II. Título.
	CDD 370.7



**INSTITUTO FEDERAL**  
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS  
CÂMPUS ANÁPOLIS



**Programa de Pós-Graduação**  
**Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/IFG)**

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL**  
**(Modalidade da Sessão: Web Conferência)**

No dia 31 (trinta e um) do mês de julho do ano de 2021, às 9 horas, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) - Câmpus Anápolis, por meio de webconferência, deu-se a Defesa da Dissertação de Mestrado “**A concepção de trabalho veiculada por escoteiros de Anápolis-GO: o ramo sênior em foco**” e respectivo Produto Educacional de autoria de **Weberty Ferreira Lima**, como requisitos para conclusão do Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica.

A Banca Examinadora foi composta pelos professores: **Dr. Guenther Carlos Feitosa de Almeida - IFG/ProfEPT** (Orientador e Presidente da Banca), **Dr. Paulo Silva Melo-IFGoiano**(Avaliador Externo) e pela professora: **Dra. Lorena Silva Oliveira Costa-IFG/ProfEPT** (Avaliadora Interna).

Em conformidade com o Regulamento do ProFEPT e o Regulamento Geral dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Instituto Federal de Goiás (IFG), a Banca Examinadora manifesta-se pela **APROVAÇÃO** da **Dissertação** e do **Produto Educacional** de **Weberty Ferreira Lima**.

Anápolis -GO, 31 de julho de 2021.

**Documento assinado eletronicamente por:**

1. Dr. Guenther Carlos Feitosa de Almeida-IFG/ProfEPT(Orientador e Presidente da Banca)
2. Dra. Lorena Silva Oliveira Costa-IFG /ProfEPT
3. Dr. Paulo Silva Melo-IFGoiano
4. Weberty Ferreira Lima – Discente do ProfEPT

Documento assinado eletronicamente por:

- **Weberty Ferreira Lima, WEBERTY FERREIRA LIMA - ESTUDANTE - IFG - CÂMPUS ANÁPOLIS (10870883000900)**, em 06/08/2021 14:23:34.
- **Paulo Silva Melo, PAULO SILVA MELO - DOCENTE - INSTITUTO FEDERAL GOIANO (10651417000178)**, em 06/08/2021 11:59:24.
- **Lorena Silva Oliveira Costa, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 06/08/2021 11:58:20.
- **Guenther Carlos Feitosa de Almeida, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 06/08/2021 11:56:52.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 03/08/2021. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 186332  
Código de Autenticação: dbd146tq7c



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO  
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

**Identificação da Produção Técnico-Científica**

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese  | <input type="checkbox"/> Artigo Científico              |
| <input checked="" type="checkbox"/> Dissertação                      | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro              |
| <input type="checkbox"/> Monografia – Especialização                 | <input type="checkbox"/> Livro                          |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação                             | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ |   |

Nome Completo do Autor: Weberty Ferreira Lima

Matrícula: 20182060150246

Título do Trabalho: A concepção de trabalho veiculada por escoteiros de Anápolis-GO: o Ramo Sênior em foco

**Autorização - Marque uma das opções**

1.  Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2.  Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_ (Embargo);
3.  Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2** ou **3**, marque a justificativa:

- O documento está sujeito a registro de patente.  
 O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.  
 Outra justificativa: \_\_\_\_\_

**DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA**

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Anápolis, 27/10/2021.



Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Dedicatória - Aos meus pais Edson e Dilva pelo melhor que sempre me dedicaram.  
Aos meus irmãos Wesley, Wendell, Wivinnny, Jorja e minha esposa Rayane, pela  
força e carinho.

## **AGRADECIMENTOS**

A meu orientador Guenther Carlos Feitosa de Almeida pela paciência e inteligência no trato de ensinar.

Aos demais professores e colegas de turma, pela inestimável troca de conhecimentos e momentos ímpares.

Aos escoteiros de Anápolis, pela receptividade e dedicação no apoio a este trabalho.

A minha amiga Simei por ter compartilhado o processo seletivo para participação deste programa de pós-graduação que, até então, eu desconhecia.

Retribui-se mal a um mestre, continuando-se sempre apenas  
aluno. E por que não quereis arrancar louros da minha coroa?  
Vós me venerais; mas e se um dia vossa veneração  
desmoronar? Guardai-vos de que não vos esmague uma  
estátua.  
(NIETZSCHE, 2008)



## RESUMO

O Movimento Escoteiro, escolhido como tema para esta dissertação, pertence ao espaço educativo não formal, que integra uma das linhas de estudo da educação profissional do ProfEPT - Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica. Este estudo, qualitativo, tem como objetivo analisar a concepção de trabalho veiculada pelo Ramo Sênior dos escoteiros de Anápolis em Goiás. Foi realizada uma pesquisa de campo que contou com análise de documentos, entrevista com os coordenadores de um Grupo Escoteiro de Anápolis e um grupo de discussão com escoteiros do Ramo Sênior. Para análise dos dados foi empregada a Triangulação de Dados como método, que permite analisar a associação de três elementos: processos e produtos centrados no sujeito, elementos produzidos pelo meio do sujeito e processos e produtos originados pela estrutura socioeconômica e cultural. Como resultados mais relevantes percebe-se que o Método Escoteiro de Ensino se difere de outros espaços da educação não formal por possuir um conteúdo programático, estruturado em base de diretrizes educativas da UNESCO, uma organização internacional que tem como intuito favorecer a formação de uma cidadania delimitada pelos interesses econômicos hegemônicos. Esta formação visa preparar crianças e jovens a se tornarem protagonistas do aprimoramento da estrutura social de forma harmônica, por meio do desenvolvimento de competências diversas que os tornem mais adaptados às imposições da acumulação flexível. O atual modo de produção e retenção da riqueza se pauta em políticas públicas que aniquilam as resistências à extração da mais-valia do trabalho, por meio da radicalização do capital, da destruição da seguridade empregatícia e da ampliação da demanda pela força de trabalho empreendedora. Conclui-se que o Ramo Sênior se fundamenta em uma concepção do trabalho com aderência salutar na organização social do trabalho, tal qual ela se encontra estruturada. Conclui-se também que o movimento escoteiro possui um espaço educacional não formal com potencial para desenvolver o contraditório na concepção de trabalho capitalista, se se permitir discutir um novo programa educativo que integre fundamentos do trabalho enquanto princípio educativo, em uma perspectiva materialista, histórica e dialética. Os resultados e conclusões mencionados subsidiaram a criação de uma cartilha, como produto educacional, denominada "O que é trabalho? Cartilha sobre o trabalho contemporâneo para o Ramo Sênior".

**Palavras-Chave:** Escotismo. Trabalho. Educação não formal. Ramo Sênior.

## ABSTRACT

The scout movement, chosen as the theme for this dissertation, belongs to the non-formal educational space, which integrates one of the lines of study of professional education by ProfEPT - Graduate Program in Professional and Technological Education. This qualitative study aims to analyze the conception of work conveyed by the senior branch of scouts from Anápolis in Goiás. A field research was carried out which included document analysis, interviews with the coordinators of a scout group from Anápolis and groups of discussion with Scouts of the senior branch. For data analysis, data triangulation was used as a method, which allows analyzing the association of three elements: processes and products centered on the subject, elements produced by the subject's environment and processes and products originated by the socioeconomic and cultural structure. As the most relevant results, it is noticed that the Scout method of teaching differs from other spaces of non-formal education in the aspect of having a programmatic content, structured based on educational guidelines of UNESCO, an international organization that aims to favor the formation of a citizenship delimited by hegemonic economic interests. This training aims to prepare children and young people to become protagonists in the improvement of the social structure in a harmonious way, through the development of different skills that make them more adapted to the impositions of flexible accumulation. The current mode of production and retention of wealth is based on public policies that annihilate resistance to the extraction of surplus value from work, through the radicalization of capital, the destruction of job security and the expansion of demand for the entrepreneurial work force. It is concluded that the senior scouts is based on a conception of work with healthy adherence to the social organization of work, as it is structured. It is also concluded that the scout movement has a non-formal educational space with the potential to develop the contradictory in the conception of capitalist work, if it is allowed to discuss a new educational program that integrates the fundamentals of work as an educational principle, in a materialist, historical and dialectic. The mentioned results and conclusions supported the creation of a booklet, as an educational product, called "What is work? A booklet on contemporary work for the senior scout".

**Keywords:** Scouting. Work. Non-formal education. Senior scout.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

B.P. - Baden-Powell

GEBS - Grupo Escoteiro Bernardo Sayão

OMME - Organização Mundial do Movimento Escoteiro

PROFEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

SESC - Serviço Social do Comércio

UEB – União dos Escoteiros do Brasil ou Escoteiros do Brasil

WOSM – World Organization of Scout Movement

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO I –METODOLOGIA DE PESQUISA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>18</b>
1.1.1 O TRABALHO ENQUANTO PRINCÍPIO EDUCATIVO.....	18
1.1.2 A RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO FORMAL.....	23
1.1.3 A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E A PROMOÇÃO DA CIDADANIA.....	26
1.1.4 A EDUCAÇÃO POLITÉCNICA.....	28
1.2.1 POPULAÇÃO: CARACTERÍSTICAS GERAIS.....	30
1.2.2 O MÉTODO DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....	33
<b>CAPÍTULO II – O TRABALHO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA</b> .....	<b>38</b>
2.1. O FORDISMO E SUAS IMPLICAÇÕES NO TRABALHO.....	38
2.2 TOYOTISMO: AS TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO E A CAPTURA DA SUBJETIVIDADE DO TRABALHADOR.....	40
2.3 O EMPREENDEDORISMO COMO UM ARRANJO PARA UMA RELAÇÃO FLEXÍVEL ENTRE CAPITAL E TRABALHO.....	46
2.4 DESENVOLVIMENTO DAS POLÍTICAS NEOLIBERAIS DE FORMAÇÃO PARA O TRABALHO NO BRASIL.....	48
<b>CAPÍTULO III – A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCOTEIRA E O ENFOQUE NO RAMO SÊNIOR</b> .....	<b>50</b>
3.1.1 UMA INCURSÃO PELA HISTÓRIA DO ESCOTISMO.....	50
3.1.2 O INÍCIO DO MOVIMENTO ESCOTEIRO NO BRASIL.....	53
3.1.3 INDÍCIOS DAS PRIMEIRAS ATIVIDADES ESCOTEIRAS A NÍVEL REGIONAL E LOCAL.....	55
3.2 AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS INTERNACIONAIS, A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E O MOVIMENTO ESCOTEIRO .....	56
3.3 A TEORIA DO CAPITAL HUMANO E SUA INFLUÊNCIA NO ESCOTISMO.....	59
3.4 A EDUCAÇÃO PARA AS COMPETÊNCIAS E O ESCOTISMO.....	61
3.5 O EMPREENDEDORISMO NO ESCOTISMO.....	65
3.6 O ESCOTISMO E A EDUCAÇÃO FINANCEIRA.....	69
3.7 POTENCIALIDADES E LIMITES DA FORMAÇÃO SÊNIOR POR MEIO DE COMPETÊNCIAS.....	74
<b>PRODUTO EDUCACIONAL</b> .....	<b>84</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>89</b>
<b>APÊNDICES</b>	
<b>ANEXOS</b>	

## INTRODUÇÃO

O estudo da concepção de trabalho dentro do Movimento Escoteiro dilata a pesquisa da EPT (Educação Profissional e Tecnológica) para um campo que abrange a relação de trabalho e educação para além da escola. O processo educativo escoteiro se insere no tipo de educação enquadrado como não formal<sup>1</sup>.

Este pesquisador teve a oportunidade de participar do movimento escoteiro por 10 anos durante sua juventude, interrompendo sua participação após cursar graduação em Ciências Sociais na UniEvangélica. Sua participação neste movimento foi marcante em sua vida, que inspirou alguns de seus valores e posicionamentos éticos que formaram seu caráter, incluindo o de preocupação com a coletividade, em detrimento de uma perspectiva mais individualista de vida. A graduação contribuiu para intensificar os questionamentos de sua formação ética, que incluía seu aprendizado no escotismo.

O objetividade da pesquisa se garante a partir do emprego da abordagem materialista histórica e dialética, buscando evidenciar as contradições presentes nos fundamentos do escotismo, correlacionados a sua concepção de trabalho, com enfoque no Ramo Sênior.

Para uma pré-noção do leitor não habituado com o escotismo e sanar possíveis curiosidades preliminares a respeito da relevância do tema, destaca-se que o movimento de escoteiro conta com mais de um século de fundação e tem acumulado um histórico de experiências de educação de jovens. O escotismo se institucionalizou através da UEB (União dos Escoteiros do Brasil ou, somente, Escoteiros do Brasil), que foi reconhecida pelo Estado, passando a encarregar-se de uma educação complementar para crianças de seis anos e meio de vida até jovens de vinte e um. O Ramo Sênior trata-se de uma subdivisão dentro do movimento escoteiro composto por seniores, participantes do gênero masculino, e guias, do gênero feminino, na faixa etária dos quinze até completarem dezoito anos de vida.

No intuito de buscar compreender as potencialidades e limites da educação escoteira para a formação dos jovens, apresenta-se como **problema** desta investigação: qual a concepção de trabalho é veiculada em um grupo de escoteiros de Anápolis-Goiás?

O **objetivo** deste estudo é compreender a concepção de trabalho veiculada

---

<sup>1</sup> Conceito abordado no item 1.1.3 desta dissertação.

por seniores e guias dos escoteiros de Anápolis em Goiás. Teve como objetivos específicos: a) demonstrar a concepção hegemônica de trabalho na sociedade contemporânea à partir da atual configuração do trabalho no sistema capitalista; b) compreender os fundamentos da educação escoteira; c) analisar a concepção de trabalho do Ramo Sênior dos Escoteiros de Anápolis; d) fornecer um produto educacional que contemple uma concepção de trabalho na perspectiva do trabalhador.

Para compreender o problema da concepção de trabalho do Ramo Sênior dos escoteiros de Anápolis, este estudo inicia-se com a **discussão do método**, que parte do trabalho enquanto princípio educativo abordado por Saviani (2007, 2011). Neste, o trabalho é entendido como atividade humana central para entender os processos sociais relacionados aos modelos de educação adotados em uma dada sociedade.

Para que seja possível manter a submissão da força de trabalho na estrutura social, Althusser (1985) explica que se torna necessário a qualificação de trabalhadores nos moldes das regras estabelecidas pela ideologia dominante. A escola passou a se configurar como a instituição responsável em reproduzir as regras de respeito à divisão do trabalho, disciplinando a moral e comportamentos tidos como adequados para uma consciência cívica. Neste sentido, coube verificar como as instituições de educação não formal têm contribuído para uma formação de sujeitos que correspondam aos interesses do capital.

A força de trabalho, no capitalismo, se apresenta por meio de uma mão de obra que se vende por um salário. No entanto, a manutenção desta força de trabalho exige mais do que reprodução material, que sustenta a vida destes trabalhadores. Exige, também, a reprodução imaterial, que está atrelada a uma qualificação alienada desse trabalhador, por meio da captura de sua subjetividade no novo formato de produção desenvolvido pelo toyotismo (ALVES, 2008). Este processo torna o trabalhador cada vez mais propenso ao desenvolvimento de comportamentos que favoreçam um estilo de vida produtivo materialmente em função da geração e concentração da riqueza.

Na atual configuração da divisão do trabalho, a formação de trabalhadores tem se orientado em uma preparação para o empreendedorismo. Um processo marcado de desregulamentação dos direitos trabalhistas, agravado com a

*uberização*<sup>2</sup> do trabalho e acelerado pela instabilidade econômica e empregatícia em decorrência do coronavírus<sup>3</sup> (ANTUNES, 2020).

Consonante com esta formação para o trabalho, o Projeto Educativo Escoteiro elabora determinadas competências que serviram de base para a formação do sênior, que se dividem em seis áreas de desenvolvimento: físico, intelectual, educativo, caráter, social e espiritual (UEB, 2015a). Estas competências se fundamentam nos pilares de Delors (1996), resumidos em: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. São competências abrangentes que permitem aos sêniores e guias uma formação complementar a educação escolar.

Dentre outros objetivos, as competências sêniores se preocupam em promover uma educação financeira, acreditando que este é o caminho a ser seguido para transformar a sociedade por meio das novas gerações, que saibam poupar e empreender melhor seus recursos. No entanto, as soluções abordadas por este modelo de educação ignoram a desigualdade socioeducacional que afligi a classe trabalhadora, conforme abordado por Duarte (2001). Enquanto as competências dos sêniores buscam discutir os problemas da sociedade, não identificam a precarização do trabalho que permeia o avanço da sociedade empreendedora.

A identificação da concepção de trabalho presente na educação escoteira para o Ramo Sênior permitiu analisar e estabelecer correlações às exigências de qualificação do atual sistema produtivo flexível. Como resultado das conclusões tiradas nesta pesquisa, foi desenvolvido uma cartilha para o Ramo Sênior que abarca reflexões a respeito do mundo do trabalho no intuito de contribuir com uma perspectiva crítica da concepção de trabalho dominante.

O escotismo possui um espaço aberto para discussão de diferentes visões de mundo por meio de atividade que discutem temas considerados importantes na sociedade. Enquanto um espaço educacional não formal que estimula uma educação para a diversidade, o escotismo possui o potencial de se tornar um espaço de debate para o contraditório da concepção de trabalho hegemônica.

---

<sup>2</sup> Denominação usada por Antunes (2020) ao se referir ao trabalho precário vinculado à plataformas digitais, que é naturalizado pelo capital como nova forma de empreendedorismo.

<sup>3</sup> Também denominada de COVID-19 (SARS-CoV-2), é uma doença que infecta seres humanos acarretando, como principais sintomas: febre, tosse seca e cansaço. Pode causar também dores, congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou olfato, erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés. (OPAS, [2020?])

## **CAPÍTULO I –METODOLOGIA DE PESQUISA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Neste capítulo realizar-se-á uma sistematização da relação entre educação e trabalho, com enfoque nos aspectos que destacam a centralidade do trabalho nos processos sociais. O intuito é apresentar o caráter formativo do trabalho e as mediações da educação para o trabalho. Ademais apresentaremos os delineamentos da pesquisa

### **1.1 O TRABALHO, A EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL**

#### **1.1.1 O TRABALHO ENQUANTO PRINCÍPIO EDUCATIVO**

Para entender a singularidade do atributo humano, Saviani (2007) imputa as faculdades de trabalhar e educar como exclusivas da capacidade humana. Desta forma, a essência do ser humano estaria vinculada ao trabalho, à transformação da natureza de acordo suas necessidades. Sendo assim, a essência humana não existe de forma predeterminada, mas é definida por ele em sua própria atividade. Desta forma mais conclusa, é o ser humano que produz a sua própria essência social por meio do trabalho. Para além da questão meramente econômica do trabalho, o trabalho produz também outra dimensão do ser humano, como, por exemplo, suas relações sociais e linguagens, como será descrito mais a seguir.

O entendimento constitutivo do ser humano por meio do trabalho, da relação que o ser humano estabelece como mundo natural para satisfazer suas necessidades, foi inicialmente tratada por Marx (2013), demonstrando que, ao mesmo tempo que modifica a natureza, ele modifica a si mesmo.

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX 2013, p. 326-327, grifo do autor).

A complexificação da produção material se desenvolve no aprimoramento dos meios de assegurar a manutenção da subsistência humana. A capacidade de produção, denominada "trabalho material" por Saviani (2011), é antecipada por meio



de uma abstração dos meios empregados para atingir alguma necessidade. Esta abstração ocorre por meio de representações mentais de conhecimento das propriedades do mundo real (ciência), de valorização (ética) e de simbolização (arte). Estas representações mentais retratam necessidades diretas que podem ser denominadas "trabalho não material". E é justamente neste último tipo de trabalho que se pode categorizar a educação. Portanto, quando se trata da cultura, trata-se do conhecimento humano acumulado na sua relação com a natureza por meio do trabalho, podendo ser verificado nas mais diversas formas de produção "não material do trabalho", desde os hábitos até os conceitos sistematicamente elaborados (SAVIANI, 2011).

Trata-se aqui da produção de ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades. Numa palavra, trata-se da produção do saber, seja do saber sobre a natureza, seja do saber sobre a cultura, isto é, o conjunto da produção humana. (SAVIANI, 2011, p. 12)

Portanto, a educação configura sua importância na qualidade de produzir e reproduzir os conhecimentos que são proveitosos para constituição da humanidade em cada indivíduo. O que Saviani (2011) chama de "segunda natureza", ou seja, aquela produzida historicamente pelo ser humano para si mesmo.

Dimensionando este processo para além do indivíduo, no âmbito coletivo, a educação propicia o desenvolvimento da sociedade humana. Por meio dela que se permite o aprimoramento das formas de produção e reprodução da formação humana na organização social, repassando os conhecimentos adquiridos às gerações subsequentes (PARO, 2007).

Para que isso não se perca, para que a humanidade não tenha que reinventar tudo a cada nova geração, fato que a condenaria a permanecer na mais primitiva situação, é preciso que o saber esteja permanentemente sendo passado para as gerações subsequentes. Essa mediação é realizada pela *educação*, entendida como a apropriação do saber historicamente produzido (PARO, 2007, p. 442).

Quando se considera o desenvolvimento da educação enquanto um fenômeno social historicamente definido, deve-se considerar, também, o contexto socioeconômico. Brandão (1981) parte de um conceito que abarca elementos sociais construídos historicamente de acordo com o desenvolvimento de cada povo. Nas suas próprias palavras, ele assim define:

A educação é uma prática social (...) cujo fim é o desenvolvimento do que na pessoa humana pode ser aprendido entre os tipos de saber existentes em uma cultura, para a formação de tipos de sujeitos, de acordo com as

necessidades e exigências de sua sociedade, em um momento da história e de seu próprio desenvolvimento. (BRANDÃO, 1981, p. 33)

Devemos lembrar que, enquanto prática social, a forma com que a educação se manifesta depende da forma com que se configuram as relações sociais entre homens. Por esta razão, Brandão (1981) considera que a educação está determinada pelas estruturas políticas, sociais e econômicas e, portanto, como utópico o entendimento que a educação pode, por si só, proporcionar uma grande transformação social.

Em virtude desta determinação, as relações sociais que vão orientar a atividade educativa estão vinculadas a forma de produção e reprodução do conhecimento. No sistema capitalista a burguesia se apropria do produto e do conhecimento desenvolvido pelo trabalhador durante o processo de trabalho, retendo-os para si. Uma apropriação que ocorre por meio da venda da força de trabalho que permite o capitalista se apropriar do que é produzido pelo trabalhador, o que Marx (2013) chama de *subsunção formal* do trabalho ao capital.

A apropriação do saber pelo capital está associada à capacidade do trabalho de afirmar e ao mesmo tempo negar, por meio do trabalho, a essência humana. De acordo com Vázquez (2007), Marx descortinou a máxima da economia clássica que apontou a riqueza humana por meio do trabalho, sem conseguir explicar o porquê de o trabalhador não enriquece trabalhando. Portanto, Vázquez (2007) afirma que, para Marx, ao mesmo tempo em que o trabalho é o produtor da essência do humano e, portanto, de sua humanidade, ele a nega na medida em que o trabalho é alienado e apropriado por outrem.

O trabalhador distancia de seu caráter humano quanto mais aproxima do trabalho alienado, tornando um mero objeto, como qualquer outro. O poder que o ser humano tem em realizar o trabalho, volta contra ele mesmo, se considerando obrigado a realizar uma atividade para outro e não se reconhece como detentor daquilo que produz, tratando o produto como algo externo e estranho. Este processo de produção ocorre através de relações intersubjetivas que vão definindo as relações de produção. A reprodução dessas subjetividades resulta na perpetuação das relações de dominação burguesa sobre a classe trabalhadora.

No sentido que lhe é dado por Marx, ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados [...] aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou [...] à

natureza na qual vivem, e/ou [...] a outros seres humanos, e – além de, e através de, [...], [...] e [...] – também [...] a si mesmos (às suas possibilidades humanas constituídas historicamente). Assim concebida, a alienação é sempre alienação de si próprio ou autoalienação, isto é, alienação do homem (ou de seu ser próprio) em relação a si mesmo (às suas possibilidades humanas), através dele próprio (pela sua própria atividade). E a alienação de si mesmo não é apenas uma entre outras formas de alienação, mas a sua própria essência e estrutura básica. Por outro lado, a “autoalienação” ou alienação de si mesmo não é apenas um conceito (descritivo), mas também um apelo em favor de uma modificação revolucionária do mundo (desalienação). (BOTTOMORE, 2013, p. 18-19)

Assim como temos, no contexto atual, relações de precarização do trabalho, como a uberização e o incentivo ao empreendedorismo, Balibar (1995) já apresentava, como exemplo de autoalienação, um apontamento de Marx sobre a mistificação da consciência dos ideólogos das classes dominantes, que diverge da consciência da prática real da divisão do trabalho. Estes ideólogos alienam a própria consciência da realidade concreta, o que se torna possível mediante a negação de seus próprios interesses em prol da construção de um consenso de interesses da classe que se beneficia da divisão de trabalho vigente.

"A ilusão que consiste em acreditar que a dominação de uma classe determinada é unicamente a dominação de certas ideias" (logo também a sublimação do interesse particular em interesse geral) é o resultado da atividade dos *ideólogos* (Marx fala dos "ideólogos ativos" da classe dominante). Mas para isso, é preciso que estes *se mistifiquem a si mesmos*, "primeiro em suas questões", isto é, em seu modo de pensamento, e só podem fazê-lo porque seu modo de vida, sua *particularidade* própria (ou "independência") gerada pela história, lhe fornece as condições para isso. Os ideólogos estão à *margem* de sua própria classe, como as ideias que eles produzem (Razão, Liberdade, Humanidade) estão *além* das práticas sociais. (BALIBAR, 1995, p. 64, grifo do autor)

Mas para que ocorra a efetivação da divisão do trabalho Balibar (1995) explica que é preciso que haja a separação do trabalho intelectual e do trabalho material. Esta circunstância permite à consciência representar algo por si só, independente da consciência prática.

A divisão social e técnica do trabalho foi frisada por Kuenzer (1991) como fundamental para o desenvolvimento da produção capitalista. A dualidade estrutural da educação brasileira é um exemplo da preparação diferenciada de trabalhadores, desarticulando a teoria da prática na preparação das atividades produtivas.

A realidade estrutural que permeia as relações de educação e de trabalho não pode ser analisada de forma isolada e, principalmente, sem o reconhecimento dos fatos históricos que desencadearam na atual configuração do modo de produção capitalista e o desenvolvimento de sua ideologia hegemônica. Esta ideologia pode

ser entendida a partir de sua relação com a *totalidade*<sup>4</sup> social, considerando os aspectos sociais, econômicos e políticos, envolvidos na luta de classes. Segundo Löwy (2010), a totalidade é uma categoria que não se confunde com a apreensão da realidade de forma completa, mas sim:

A categoria metodológica da totalidade significa a percepção da realidade social como um todo orgânico, estruturado, no qual não se pode pretender um elemento, um aspecto, uma dimensão, sem perder a sua relação com o conjunto. Concretamente, no caso as ideologias, não se pode entender uma ideologia, uma utopia, uma visão social de mundo, uma doutrina social, uma concepção da prática e da teoria social, sem ver como ela se relaciona com o conjunto da vida social, com o conjunto histórico do momento, isto é, com os aspectos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de classes sociais etc. (LÖWY, 2010, p. 16 )

Na lógica acima, a compreensão da concepção de trabalho em um grupo social, passa por sua relação com a totalidade do conjunto histórico-social o qual está vinculado. Disto decorre a tentativa de compreender a concepção de trabalho dos sêniores e guias de um grupo escoteiro de Anápolis, a partir da concepção de trabalho dominante no mundo capitalista atual. Ao descortinar a concepção de trabalho escoteira, torna-se possível compreender melhor sua visão de mundo.

Os aspectos históricos do modo de produção e trabalho do fordismo/taylorismo seguido pelos aprimoramentos promovidos pelo toyotismo, servirão de base para compreender o ponto de partida dos elementos que categorizam a hegemonia ideológica e a atual forma de dominação do capital engendrada nas relações sociais.

Os aspectos históricos que levam a dominação pelo capital são identificados no metabolismo social gestado pelas relações de produção do modelo de capitalismo vigente. Relações às quais são pautadas por elementos históricos que se diferem de elementos ontológicos do trabalho. Para a caracterização ontológica do trabalho, Mészáros (1995, apud ANTUNES, 2009) diferencia o trabalho por funções vitais: de primeira ordem ou de segunda ordem. As funções de primeira ordem se tratam de necessidades primárias para a sobrevivência humana, estando, portanto, mais relacionadas às determinações ontológicas do trabalho. As funções de segunda ordem emergem do desenvolvimento social, historicamente determinado, de uma dada realidade, que instrumentaliza mecanismos de controle social-metabólico, das funções de primeira ordem, que estão voltadas, essencialmente,

---

<sup>4</sup> Introduzida por Lukács ([19--?] apud Löwy, 2010).

para expansão e reprodução do capital.

Os mecanismos de controle social são identificados por meio da análise do desenvolvimento histórico da produção material. A objetividade desta pesquisa se fundamenta em uma perspectiva metodológica materialista-histórica e dialética, preocupando em realizar separação de ideologia e de ciência, como explica Frigotto (2010). Isto significa evitar minimizar o erro de se fundamentar em pressupostos naturalizados pela atual configuração da produção material, que cria uma consciência artificializada sobre a divisão do trabalho.

### **1.1.2 A RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO FORMAL**

Quando se propõe uma discussão relacionada ao tema da educação, mesmo que para espaços não formais, dificilmente é possível escapar da correlação com a escola, o espaço icônico de promoção do processo educativo. Saviani (2009) orienta que a compreensão do fenômeno educativo precisa se voltar primeiramente aonde ele se encontra mais desenvolvido, portanto um estudo que envolve uma temática relacionada à educação, a escola se apresenta como ponto de partida da investigação. Compara-se a educação *não escolar* com a *educação escolar* para conhecer melhor o fenômeno educativo. A educação escolar se contrasta com a sua negatividade, educação não escolar ou não formal, diferenciando o caráter primário da escola e secundário quando se refere a outros tipos de espaços educativos.

Como característica mais específica, a escola se ocupa da produção do saber sistematizado, racional e científico. Saviani (2011) distingue o conhecimento cultural acidental, do que é essencial para o desenvolvimento humano. O essencial é o clássico: produções de conhecimento de grande reconhecimento histórico e seu aprimoramento sistematizado. Da mesma forma que a escola, o escotismo reconhece e valoriza o saber sistematizado, trazendo a ciência e a tecnologia com um de seus cinco ramos do conhecimento (UEB, 2013).

Com o desenvolvimento do sistema produtivo capitalista, a qualificação passou a ocorrer em um lugar diferente do ambiente produtivo. A escola se institucionalizou como local apropriado para isto, passando a se desenvolver como principal ambiente de ensinamento científico e de saberes práticos que são úteis para o trabalho (ALTHUSSER, 1985).

Paralelamente as técnicas e conhecimentos que auxiliassem no trabalho,

Althusser (1985) explica que a escola, em conjunto com as demais instituições ligadas ao Estado, passou também a ensinar valores morais que, tidos como adequados ao ambiente de trabalho, reproduzem a dominação da classe burguesa. Para tanto, estabeleceu-se uma educação ideológica na qual, cada um deveria assumir o seu papel social de acordo com sua classe de origem.

Na escola, com a participação do Estado, à classe trabalhadora cabe o papel de desenvolver saberes práticos a serem explorados no trabalho. Portanto, a reprodução da força de trabalho exige a manutenção da ideologia de submissão à classe dominante, enquanto reprodução das condições materiais de produção é dada pela *infraestrutura*<sup>5</sup> social, definida pela base econômica que configura a união das forças produtivas e as relações sociais envolvidas (ALTHUSSER, 1985).

Kuenzer (1991) aponta que a escola tem desempenhado este papel de promotor e, por conseguinte, socializador do conhecimento, em consonância com as necessidades do capital, o que configura a não democratização do conhecimento, delimitando sua distribuição. Em articulação com o capital, a apropriação do saber produzido socialmente se realiza por meio de uma seleção excludente de seu acesso.

Articulam-se, pois, escola e empresa, no processo de distribuição desigual do saber, o que, longe de ser incompetência da escola, constitui-se na sua própria função.

No modo de produção capitalista, **o trabalho é ao mesmo tempo, determinante de educação de qualificação e de desqualificação do trabalhador.** (KUENZER, 1991, p.23).

Ao conceber o trabalho como uma atividade que exige entre subjetividade e objetivação, Kuenzer (1991) identifica que a educação separa o que seria inseparável ao desarticular a teoria da prática. Desta forma desumaniza-se o trabalho, inibe-se a capacidade criativa, bem como a reflexão sobre sua prática. Uma separação que favorece a manutenção do capitalismo, o que explicaria a própria existência da escola enquanto ambiente criado para separação da teoria da prática do trabalho.

Saviani (1999) sistematizou as teorias que tratam do processo de transformação, assim como a manutenção da estrutura socioeconômica através da

---

<sup>5</sup> "A metáfora do edifício – base (infraestrutura) e superestrutura – é usada por Marx e Engels para apresentar a ideia de que a estrutura econômica da sociedade (a base ou infraestrutura) condiciona a existência e as formas do ESTADO e da consciência social (a superestrutura)" (BOTTOMORE, 2013).

educação. Partindo da noção social que a escolarização tem com um de seus objetivos a superação da marginalização, buscou categorizar o primeiro grupo de teorias, as quais ele classificou como não críticas, que englobam as pedagogias: tradicional, nova e tecnicista. Apesar do processo de ensino e aprendizagem, estas teorias pedagógicas têm em comum o ponto de partida de que a educação possui autonomia e seria capaz de intervir na sociedade e transformá-la para corrigir as injustiças. Ao contrário destas, no segundo grupo estão as teorias crítico-reprodutivistas defendem que a escola seria condicionada pela sociedade e portanto incapaz de transformá-la, uma vez que a escola teria a função de reproduzir o modelo de sociedade que está inserida.

Como resposta às inquietudes levantadas por vários educadores brasileiros quanto aos limites das teorias não críticas e das teorias crítico-reprodutivistas, Saviani (2011) explica que surgiu a necessidade da criação de uma nova pedagogia que se propusesse revolucionária no sentido de proporcionar condições de transformação social a partir da formação de indivíduos capazes de reagir mediante as contradições da sociedade capitalista, reconhecendo sua necessidade de superação. Nesta perspectiva, surge a pedagogia histórico crítica:

Em suma, a passagem da visão crítico-mecanicista, crítico-a-histórica para uma visão crítico-dialética, portanto histórico-crítica, da educação, é o que quero traduzir com a expressão pedagogia histórico-crítica. Essa formulação envolve a necessidade de se compreender a educação no seu desenvolvimento histórico-objetivo e, por consequência, a possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não sua manutenção, a sua perpetuação. Esse é o sentido básico da expressão *pedagogia histórico-crítica*. Seus pressupostos, portanto, são os da concepção dialética da história. Isso envolve a possibilidade de se compreender a educação escolar tal como ela se manifesta no presente, mas entendida essa manifestação presente como resultado de um longo processo de transformação histórica. (SAVIANI, 2011, p. 80)

Apesar da crítica sistêmica que se propõe a educação histórico-crítica, os desafios que Saviani (2011) exprime, estão no âmbito da luta por dentro das condições dadas pela atual estrutura social, que seriam "condições essas por mim denominadas de 'materialidade da ação educativa', no âmbito da qual destaquei três aspectos, a saber: ausência de um sistema nacional de educação, a questão organizacional e o problema da descontinuidade" (SAVIANI, 2011, p. 109). Isto leva a concluir que o autor defende uma transformação social utilizando-se das condições e limites presentes na educação formal atual.

Posto esta breve discussão das características da educação formal e sua delimitação programada na formação do trabalhador, esta pesquisa precisa se preocupar com a educação fora da escola, onde se encontra seu objeto de estudo. Brandão (1981) faz uma distinção sobre educação e escolarização, pois entende que o processo educativo vai além do que está “programado”, “formal” ou “tecnocrático”. A educação é um processo que envolve a transformação dos sujeitos, que se constitui como humano e, nesse processo, há a transformação do mundo.

A escola tornou-se grande representante da educação formal, mas outras instituições sociais também promovem práticas educativas de forma intencional. Um tipo de educação usualmente denominado como não formal,

### **1.1.3 A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E A PROMOÇÃO DA CIDADANIA**

A educação não formal assim se denomina, notadamente, a partir do seu contrário, a educação formal, sumariamente representada pela educação escolar. As singularidades desses espaços educativos se definem tanto quanto ao objetivo como na forma de organização.

A educação formal é desenvolvida nas escolas, segundo Gohn (2006) por meio de conteúdos pré-estabelecidos que são historicamente definidos e firmados mediante leis regulatórias. Diferente da educação não formal que apresenta um processo educativo vinculado às conveniências de cada grupo específico.

Como ponto de partida para sua caracterização, “[...]a educação não formal é aquela que se aprende no 'mundo da vida', via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos” (GOHN, 2006, p. 28). Apesar de denotar certa informalidade, a educação não formal não se confunde com a educação informal (GOHN, 2006), se diferenciando principalmente pela intencionalidade. Enquanto a educação informal ocorre, espontaneamente no próprio processo de socialização, a educação não formal há uma maior intencionalidade na ação educativa (GOHN, 2006).

No mesmo sentido, Libâneo (2010) afirma que a educação informal não é intencional. Já a educação intencional se encontra tanto na educação formal quanto na não formal. No entanto, Libâneo destaca que o processo educativo tem se manifestado com uma redução das dessemelhanças entre a educação formal, não formal e informal. Cita como exemplo o desenvolvimento de técnicas pedagógicas



com uso de técnicas informais e a vinculação da escola a outros espaços de produção de conhecimento. Soma-se a isso o desenvolvimento tecnológico que acaba trazendo para os espaços formais e informais uma aproximação de experiências diversas que servem de oportunidade para explorar novas práticas educativas.

Para Gohn (2014) a educação não formal está relacionada à educação para a cidadania. Este tipo de educação decorre tanto no compartilhamento de experiências individuais, quanto nos processos pedagógicos de instituições por meio de programas elaborados. A educação para cidadania, segundo esta autora, permite a inclusão das pessoas em situação de vulnerabilidade social. Porém, ressalta que a educação não formal deve ir além da inclusão, promovendo também uma formação de um ser humano emancipado para que se torne possível o acesso a um conhecimento que permita a efetivação de seus direitos sociais e políticos, historicamente conquistados.

Nesta perspectiva depreende-se de educação não formal como:

"(...) um processo sociopolítico, cultural e pedagógico para a formação da cidadania, entendendo o político como formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais. A educação não-formal, não é nativa, é construída por escolhas ou sob certas condicionalidades, há intencionalidades no seu desenvolvimento, o aprendizado não é espontâneo, não é dado por características da natureza, não é algo naturalizado. O aprendizado gerado e compartilhado na educação não-formal não é espontâneo porque os processos que o produz têm intencionalidades e propostas." (GOHN, 2014, p. 40).

A conceituação da educação não formal sobre essa perspectiva está atrelada a condição de participação efetiva dos cidadãos em movimentos sociais, ONGs e outros espaços educativos não escolares (GOHN, 2014). A autora apresenta uma defesa da articulação dos espaços formais e não formais como forma de potencializar a formação para a cidadania.

Em relação às determinações e as intencionalidades, a educação para cidadania precisa levar em consideração os fatores que inibem a efetivação dos direitos sociais ou mesmo da possibilidade de enfrentamento do atual modelo socioeconômico, quando se considera as diferentes agendas e objetivos nos diversos espaços educativos.

A origem do termo cidadania remete, imediatamente, à palavra cidade. Quando a cidade e a indústria se subordinaram à agricultura, Saviani (2001) afirma que teve

como resultado o exercício da cidadania por meio da participação ativa da vida na cidade. Para ele, é comum identificar abordagens que problematizam uma carência de cidadania. Estas abordagens ignoram que esta cidadania está vinculada a uma ética e uma educação que foi construída historicamente por uma sociedade de princípios liberais.

Os princípios liberais delimitam os direitos sociais na relação entre os indivíduos de uma dada sociedade, conforme explicado por Saviani (2001). No contexto da sociedade burguesa, o direito do indivíduo se delimita em dois aspectos: egoísta independente e moralizado pelo estado através da educação pública, que se encarrega da formação moral necessária para ajustá-lo às necessidades da sociedade burguesa.

A educação não formal tem se firmado como uma forma de suprir o papel do Estado na educação para a cidadania. O processo de mercantilização da educação descrito por Gadotti (2005) em que a mesma passa a ser transformada em mercadoria, está revogando a obrigação antes dada ao Estado de garantir o direito à educação. Um processo mediado por meio do que o autor denomina de "indústria do conhecimento" que, como as demais indústrias, tem se oferecido para vender os produtos educacionais como qualquer outro tipo de produto. Enquanto ao Estado, adotando uma visão gerencial de gastos, tem entendido o custo educativo como uma despesa que pode ser atenuada com a participação do setor privado e de outras instituições não governamentais, ampliando o espaço de atuação da educação não formal.

#### **1.1.4 A EDUCAÇÃO POLITÉCNICA**

A questão da educação integral pode ser confundida com o aumento da jornada escolar em contraturnos e a inclusão de disciplinas não convencionais. Porém, a discussão da educação integral não se limita ao alargamento temporal das atividades na escola, a chamada escola em tempo integral. O que torna importante para esta dissertação são os fundamentos que propiciam os processos de formação. Neste sentido, é preciso expor a partir de qual perspectiva é possível considerar uma formação humana integral.

A formação exígua definida conforme o acesso dos indivíduos provenientes da classe trabalhadora levou a discussões de alternativas para formação humana

integral. Moura, Lima Filho e SILVA (2015) explicam que, embora Marx não teorizou sobre temas de formação profissional e educação de forma específica, ele teceu críticas ao sistema educacional capitalista que resultava na formação de pessoas unilaterais, portanto limitadas e subalternas no trabalho.

Como contraponto a esta formação limitada, tem-se discutido a viabilidade de uma educação integral na perspectiva marxiana, denominada de politécnica, que se trata de uma formação em várias dimensões do ser humano, portanto onilateral. Esta formação engloba em três dimensões de desenvolvimento, que seriam: intelectual, física e tecnológica (MOURA, LIMA FILHO e SILVA, 2015).

Primeiramente: *Educação mental* [intelectual].

Segundo: *Educação física*, tal como é dada em escolas de ginástica e pelo exercício militar.

Terceiro: *Instrução tecnológica*, que transmite os princípios gerais de todos os processos de produção e, simultaneamente, inicia a criança e o jovem no uso prático e manejo dos instrumentos elementares de todos os ofícios. (MARX, 1982a apud MOURA, LIMA e SILVA, 2015, p. 1060)

Moura, Lima Filho e SILVA (2015) explicitam que a educação física seria importante para neutralizar possíveis consequências oriundas da atividade laboral na saúde humana. Enquanto a educação mental estaria voltada ao domínio das ciências e tecnologias voltadas ao trabalho. A formação humana, na perspectiva politécnica, considera tão importante o desenvolvimento físico corporal, quanto à formação intelectual e tecnológica, em contrapartida as proposta educativas que davam mais ênfase, ora para aspectos teóricos desvinculados da prática, ora para aspectos pragmáticos por vezes desvinculados da teoria, que preparavam um trabalhador incompleto e típico do que foi encontrado nas linhas de produção fordista.

Para entender melhor a educação politécnica, Saviani (2007) toma como exemplo a formação do ensino médio. O autor destaca que a educação escolar consiste em um mero adestramento que não possibilita o domínio de técnicas fundamentais de produção. Desta forma a "educação politécnica" ou, como o autor prefere "educação tecnológica", defende a formação intelectual com o trabalho produtivo, em outras palavras, vincular os fundamentos do trabalho com as habilidades necessárias para o processo produtivo.

No nível superior Saviani (2007) defende que, além da formação profissional seja ensinado, em conjunto, uma cultura superior que contemple os problemas contemporâneos da humanidade, visando estimular o conhecimento cultural dos

trabalhadores, buscando estabelecer um vínculo destes com os estudantes universitários e possibilitando um meio de articulação entre o trabalho material e o trabalho intelectual. Desta forma, previne-se tanto a passividade intelectual dos trabalhadores, quanto o academicismo dos estudantes.

Apesar da escola se apresentar como um espaço formativo, não significa que seja possível que este tipo de educação possa ser desenvolvido em uma sociedade de classes capitalista. A práxis laboral em uma sociedade de trabalho alienado acaba impossibilitando uma práxis emancipatória do trabalho. A divisão de classes na sociedade capitalista torna claro a manutenção do controle sobre o trabalho alienado de uma classe pela outra. Mas considerando as contradições inerentes do capitalismo, que permite a luta da classe de trabalhadores contra a exploração do trabalho, Frigotto (2009) esclarece que a educação politécnica pode então começar a se desenvolver e condena a visão de que se deve esperar pelo fim do capitalismo para se começar a semear uma educação integral para a classe trabalhadora.

## **1.2 METODOLOGIA DE PESQUISA**

### **1.2.1 POPULAÇÃO: CARACTERÍSTICAS GERAIS**

O escotismo se apresenta como um movimento que tem por objetivo educar jovens para que sejam ativos na sociedade. O escotismo busca incentivar a participação de todas as pessoas, inclusive de diferentes etnias e credos em seus propósitos e princípios<sup>6</sup> (UEB,2013).

O propósito do Movimento Escoteiro é contribuir para que os jovens assumam seu próprio desenvolvimento, especialmente do caráter, ajudando-os a realizar suas plenas potencialidades físicas, intelectuais, sociais, afetivas e espirituais, como cidadãos responsáveis, participantes e úteis em suas comunidades, conforme definido pelo seu Projeto Educativo. (UEB, 2013).

Em seus princípios, os escoteiros são incentivados a religiosidade, a promoção da paz, a fraternidade e a responsabilidade com seu próprio desenvolvimento. Além de suas características gerais, faz-se importante conhecer também suas principais características organizacionais, para que o leitor possa ter

---

<sup>6</sup> Os três princípios do escotismo são: deveres para com Deus, deveres para com a pátria e Deveres para consigo mesmo.

uma dimensão adequada do movimento (UEB,2013).

O movimento escoteiro brasileiro está vinculado a seus organismos internacionais, que coexistem de forma unificada. A UEB (2015b) descreve que, a nível internacional, o escotismo é representado pela Organização Mundial do Movimento Escoteiro (OMME), no inglês *World Organization of the Scout Movement* (WOSM). A OMME é dividida em três órgãos: a Conferência Mundial Escoteira; o Comitê Mundial do Movimento Escoteiro e o Escritório Mundial do Escotismo.

A Conferência Mundial funciona como “Assembleia Geral” do escotismo. Esta conferência se reúne trienalmente com participação das organizações escoteiras nacionais, sendo regularmente uma organização por país. A reunião visa manter a unidade e integridade do movimento e promover seu desenvolvimento. Trata-se de um órgão deliberativo e organizativo da estrutura da OMME. O Comitê Mundial é um órgão diretivo e executivo das decisões e diretrizes definidas pela conferência. E o Escritório Mundial, conhecido como Bureau Mundial Escoteiro, funciona sob direção do secretário-geral, que é definido no Comitê Mundial. O secretário possui várias funções, que vão desde apoio aos demais órgãos do OMME, até a promoção do escotismo no mundo.

Além dos órgãos mundiais, o escotismo possui outras organizações internacionais importantes, como o Fórum Mundial de Jovens, a Conferência Interamericana Escoteira, dentre outras. Para esta pesquisa, que tem como enfoque um território mais restrito, cabe apenas mostrar que a organização do movimento escoteiro possui raízes internacionais e, apesar de algumas particularidades regionais, o movimento possui unidade de atuação por intermédio de diretrizes definidas no OMME.

Em nível nacional brasileiro, o escotismo é gerenciado pela União dos Escoteiros do Brasil (UEB). Esta instituição detém o direito de permitir a atuação do escotismo, inclusive de abertura e funcionamento de grupos escoteiros locais (UEB, 2013). Cada grupo escoteiro se divide em seções denominadas de ramos (faixa etária que devem ser divididos os integrantes dos grupos).

- O primeiro ramo é denominado de lobinhos, que compreende a faixa etária de seis anos e meio até os onze anos completos
- Com onze anos, se tornando um adolescente, o lobinho passa para escoteiro, ramo que irá participar até completar 15 anos.

- Ao completar quinze anos o jovem passa para o Ramo Sênior, que ficará até completar dezoito anos.
- Dos dezoito anos até completar vinte e um, o jovem adulto participa do ramo pioneiro.
- Dos vinte e um em diante ele poderá se tornar um adulto voluntário na educação de outros jovens.

Devido às limitações que são próprias de cada pesquisa, nesta foi delimitado uma investigação da concepção de trabalho da realidade concreta local do escotismo, em sua relação dialética com o escotismo no âmbito nacional e internacional, bem como sua relação com a totalidade social. Neste sentido, buscou-se compreender a relação do todo com as partes e o contraste com as relações de produção material, historicamente constituídas. Para tanto se fez necessário apresentar a estrutura organizacional dos grupos escoteiros no Brasil, bem como situar particularidades locais.

Na sondagem preliminar da pesquisa, averiguou-se que, atualmente, coexistem 3 grupos escoteiros em Anápolis-GO, embora nem todos estavam de fato atuantes. O anonimato dos participantes da pesquisa foi reforçado com a não veiculação do grupo escoteiro pesquisado.

O Ramo Sênior foi escolhido para participar desta pesquisa devido a condição de transição de momento de vida dos jovens nessa faixa etária em que, por vezes, marca o início da relação deles com o mundo do trabalho. Outra opção seria o ramo pioneiro, porém este se encontra com número mais reduzido de membros.

Para o gênero feminino usa-se o termo guia, ao invés de sênior, ao se referir a escoteira desse ramo. Quanto a homossexualidade, não é abordado de forma clara nos manuais escoteiros. Mesmo na obra *Política Interamericana de Diversidade e Inclusão* a UEB (2016c) trata da diversidade e das minorias de forma genérica, debatendo que o escotismo precisa acolher a todos sem nenhuma distinção, mas sem especificar de que tipo de distinção está se referindo. A linguagem do documento ainda apresenta uma divisão binária ao tratar da questão de gênero:

**Práticas inclusivas como meio para proporcionar a inclusão real.** No âmbito do Movimento Escoteiro entendemos as atividades educativas como um conjunto de ações realizadas por meninos, meninas, adolescentes e jovens, a partir de um enfoque lúdico e com a finalidade de proporcionar experiências de aprendizagem. Estas experiências devem ser tais que

permitam o desenvolvimento das crianças e jovens que são parte do Movimento Escoteiro sobre os conceitos de diversidade e inclusão. (UEB, 2016c, p. 6)

Dentro dos Grupos Escoteiros, os Ramos são denominados de Tropas, podendo haver mais de uma Tropa do mesmo Ramo em um Grupo Escoteiro. As Tropas podem ser compostas por membros de apenas um sexo ou mista, quando se compõem de membros de sexos distintos. Cada Tropa é dividida em até 5 Patrulhas. Cada patrulha deve conter de 4 a 6 membros. Quando há mais de 5 Patrulhas, deve-se dividir o ramo em mais Tropas.

A amostra desta investigação é de um dos grupos escoteiros de Anápolis-Goiás. Deste Grupo foram entrevistados três coordenadores do grupo (Presidente, Coordenador, Chefe de tropa), e foi realizado um grupo de discussão com 5 jovens da Tropa Sênior mista que estavam ativos.

### **1.2.2 O MÉTODO DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa (Triviños, 1987), com revisão bibliográfica e pesquisa de campo por meio de análise documental, entrevistas e grupo de discussão. Teve como enfoque a compreensão da concepção de trabalho do Ramo Sênior em Anápolis, em Goiás, a partir de coleta de dados por meio de entrevistas, grupo de discussão, pesquisa bibliográfica dos manuais escoteiros e análise dos dados por meio dos referenciais aqui abordados.

Em relação ao quantitativo, totalizaram-se oito participantes, sendo cinco jovens que participaram do grupo de discussão e três adultos que foram entrevistados separadamente. Em relação à transcrição das entrevistas e do grupo de discussão, cabe-se a observação que foi realizada removendo-se os vícios de linguagem para sintetizar no que essencialmente foi dito.

No início da pesquisa, dos três grupos escoteiros ativos em Anápolis, apenas um possuía tropa sênior atuante. Conseqüentemente, apenas neste foi realizado o grupo de discussão. No projeto de pesquisa estava previsto a participação, do mesmo grupo, na execução do produto educacional, que se daria no formato de um curso livre. No entanto, a implementação do curso foi inviabilizada devido às condições que foram consideradas inadequadas para realização a distância.

O projeto desta pesquisa, por envolver coleta de dados em humanos, foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IFG, sob registro "CAAE: 25591419.8.0000.8082".

### **A análise documental**

No tocante à análise de documentos destaca-se que esses documentos são “[...] quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 38).

Foram pertinentes à análise os seguintes documentos da União dos Escoteiros do Brasil:

- Escotistas em Ação - Ramo Sênior(2015);
- Escotismo Mundial (2015);
- Planejamento Estratégico 2011-2015: Muitos olhares, a mesma visão.(2010);
- Plano Estratégico 2016-2021: Crescer para transformar(2016);
- Jovens empreendedores: Como captar e gerenciar recursos para a Patrulha(2016);
- Política Interamericana de Diversidade e Inclusão.(2016);
- Política Nacional do Programa Educativo dos Escoteiros do Brasil: Vivendo aventuras, transformando pessoas. (2018);
- Princípios Organizações e Regras. (2013);
- Projeto Educativo do Movimento Escoteiro (2017).

Os documentos em tela revelaram as perspectivas educativas do movimento assim como sua concepção de sociedade e trabalho. Para esta análise destaca-se duas categorias: a educação por competências e o empreendedorismo; que foram definidas a posteriori, descobertas ao longo da pesquisa e que também se tornaram elementos chave da pesquisa e da análise dos diferentes dados.

### **A entrevista**

A técnica de entrevista e suas análises permitem captar o significado que os sujeitos atribuem aos fatos, processos e saberes com que eles estabelecem relação. Como assegura Severino (2007, p.124), esta é uma

[...] técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto,



diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado [...]. O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam.

Foi realizado entrevistas individuais orientadas por um único roteiro <sup>7</sup> semiestruturado e previamente elaborado (APÊNDICE 1), que garantiu a flexibilidade necessária para o acesso aos diferentes questionamentos e objetivos da investigação.

Foram realizadas entrevistas com os responsáveis pelo grupo escoteiro em questão, a saber: a presidência, a coordenação e a chefia de tropa. Cada um destes sujeitos foi entrevistado uma vez. As entrevistas foram feitas pela internet, utilizando-se do aplicativo *Hangout* pelo celular e por computadores e gravadas com auxílio de aplicativos gravadores do voz e vídeo. Posteriormente, o registro da entrevista foi transcrito.

### **O grupo de discussão**

O grupo de discussão foi realizado com a Tropa Sênior do Grupo Escoteiro pesquisado. Teve como objetivo a elaboração de um discurso social por meio do diálogo. Como explica Meinerz (2011), o discurso se manifesta como um produto constituído da ideologia da sociedade em que vivem e que é recriada em novos discursos. Tem como fundamento as relações de poder simbólico de Bourdieu (apud Meiner, 2011) sobre o *habitus* incorporado pelos indivíduos por meio da ideologia social.

As aportações de Bourdieu dizem respeito à sua teoria social expressa no conceito de *habitus*, que se define como um sistema de princípios geradores de ações e de discursos. Tal sistema é incorporado ao longo da história do indivíduo, através da inscrição no grupo social a que pertence. Essas aportações implicam uma discussão em torno da dimensão social da linguagem. (MEINERZ, 2011)

A aplicação deste método sugere a separação de pessoas com diferentes graus de hierarquia como sugere Meinerz (2011). Portanto, os escotistas e dirigentes, enquanto adultos, não coube a participação no grupo de discussão. As perguntas do grupo de discussão foram do tipo não diretivo, conforme Triviños (1987). Desta forma, tem-se um roteiro flexível de perguntas que se adaptam às respostas dos entrevistados em relação às perguntas que as antecedem.

---

<sup>7</sup> Disponível no apêndice B

No grupo escoteiro pesquisado, existe apenas uma Tropa Sênior mista. Em um levantamento preliminar, foram constatadas treze integrantes, embora nem todos estavam participando ativamente. A pesquisa tinha uma expectativa de trabalhar com um número médio de 10 participantes no grupo de discussão.

Com o avanço da pandemia do Covid-19, a maior parte das atividades escoteiras ficou paralisada no Brasil. A partir de então, foi permitido apenas a realização das atividades a distância para as crianças e jovens, tendo como consequência a diminuição de sêniores e guias na tropa e, naturalmente, comprometendo o quantitativo de participantes nesta pesquisa. Em obediência a esta paralisação das atividades presenciais, bem como para salvaguardar a integridade dos participantes, a coleta de dados teve que se adequar a modalidade a distância.

O número de participantes sêniores e guias se reduziu em cinco no grupo de discussão: 4 sêniores e uma guia. O grupo de discussão foi realizado pela internet, utilizando-se do aplicativo *Zoom* pelo celular e por computadores e gravadas com auxílio de aplicativos gravadores do voz e vídeo. Posteriormente, o registro da discussão foi transcrito. Para prevenir a identificação, os participantes foram denominados, durante a transcrição, por: Sênior 1, Sênior 2, Sênior 3, Sênior 4 e Guia. Embora tenha apenas uma guia, a identificação está resguarda já que havia mais guias ativas na tropa sênior, que não participaram da discussão.

A recomendação de Meinerz (2011) é que o grupo de discussões seja realizado com sete a dez participantes, embora a autora não apresente argumentação desta escolha numérica. Todavia, foi decidido manter esta metodologia com apenas os cinco voluntários, na expectativa que este número fosse suficiente para colher as informações necessárias, mesmo que talvez não tão ricas de conteúdo quanto na possibilidade de realização com um número maior de participantes.

Meinerz (2011) também orienta que os participantes não devam se conhecer e nem ao investigador. Ela justifica esta orientação sugerindo um pagamento ou presente aos participantes, desta forma assegurando um maior distanciamento entre investigador e investigados, bem como garantindo maior equilíbrio entre homogeneidade e heterogeneidade social. Como eram todos participantes do mesmo Grupo Escoteiro, e único com Ramo Sênior ativo, era impossível realizar o recrutamento de participantes desconhecidos entre si. Com relação ao pagamento

ou premiação, para esta pesquisa foi considerado que, sendo o investigador desconhecido para todos os participantes, estava-se garantido distanciamento necessário.

A participação dos sêniores e da guia foi interativa. Devido a informação que o entrevistador tinha trajetória escoteira, este foi tratado como um chefe escoteiro por iniciativa dos próprios participantes no momento da entrevista. Os entrevistados ficaram a vontade para falar, participando como se tivessem em uma atividade escoteira.

### **A triangulação dos dados**

Cuidando para que se possa ter uma dimensão ampla do objeto, com ênfase na realidade local dada pelo recorte do objeto no Ramo Sênior, em sua relação dialética com a estrutura social, optou-se pela técnica de triangulação na coleta de dados. Em Triviños (1987) isto se refere a uma investigação que permita interpretar o objeto a partir de três dimensões:

- Processos e produtos centrados no sujeito
- Elementos produzidos pelo meio do sujeito
- Processos e produtos originados pela estrutura socioeconômica e cultural

Os dados referentes aos **processos e produtos centrados no sujeito**, foram colhidos por meio de entrevistas e grupo de discussões. Trata-se de uma prática metodológica de investigação de campo, que está se desenvolvendo em pesquisas em educação no Brasil. Esta prática permite a compreensão dos discursos sociais produzidos coletivamente pelos sujeitos para justificar suas ações (MEINERZ, 2011).

Nos **elementos produzidos pelo meio**, foi examinado as legislações nacionais, documentos oficiais e manuais que determinam o funcionamento do escotismo. Paralelamente foram examinadas pesquisas referentes ao escotismo no Brasil.

Os **processos e produtos originados pela estrutura socioeconômica e cultural** foram dados pelos referenciais teóricos aqui descritos que abordam a questão do trabalho em seu movimento histórico. Teve como enfoque a compreensão do contexto do trabalho historicamente estabelecido: o modo de produzir; as forças, as relações, as propriedades e as classes envolvidas (TRIVIÑOS,

1987).

## **CAPÍTULO II – O TRABALHO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

A organização do trabalho no capitalismo contemporâneo é resultado de um processo histórico de desenvolvimento dos modos de produção que antecederam. Um desenvolvimento marcado por conflitos de interesses de classes. Alguns destes processos históricos se destacam, como o advento do fordismo e do taylorismo que marcou o modo de produção industrial, que resultou na organização sindical do proletariado e posteriormente, o toyotismo e sua capacidade de desmobilização da classe trabalhadora.

Para acompanhar estas transformações no trabalho, os trabalhadores são submetidos a uma formação delimitada a necessidade de cada modo de produção. Se antes no fordismo os trabalhadores se especializavam em determinadas funções parciais da produção, a partir do toyotismo tem se exigido um trabalhador capaz de adaptar-se ao trabalho flexível.

### **2.1. O FORDISMO E SUAS IMPLICAÇÕES NO TRABALHO**

O ano de 1914 foi considerado por Harvey (2008) como data simbólica do fordismo, justificado pela implementação, estabelecida por Henry Ford, do pagamento salarial de cinco dólares por oito horas diárias de jornada de trabalho em suas linhas de montagem de carro. A disseminação desse processo de produção ganhou mais força no pós-guerras, após várias tentativas fracassadas de outros processos produtivos, que tentavam superar a crise permanente do capitalismo, que se acentuou com a depressão econômica de 1929.

Entre outros elementos individuais, Ford visou o controle da vida cotidiana dos trabalhadores para garantir uma vida saudável e longa. Gramsci (2015) aponta que ao "novo tipo de homem" era necessário regulamentar o instinto sexual como elemento necessário para racionalização da produção e do trabalho. Desta forma, era necessário tratar da espiritualidade, da organização da família e outras iniciativas "puritanas" para conservar fisiologicamente o trabalhador.

Antunes (2006) denotou que o fordismo, que tinha como base a teoria do

taylorismo, tratou-se de uma forma de organização do trabalho na indústria, expandindo a vários setores econômicos, que teve seu ápice em meados do século XX até o início da década de 1980. Tinha como fundamento a produção massificada, por meio de uma linha de montagem focada na fabricação de produtos uniformes. Dentre as diversas características desse processo produtivo, buscava-se o controle despotista do tempo e do movimento do trabalho realizado pelo proletariado.

A conjunção no binômio taylorismo/fordismo se embasa no trabalho parcelar, com fragmentação de tarefas repetitivas do mesmo operário no conjunto do trabalho coletivo. O trabalhador atuava com um “apêndice da máquina/ferramenta” na atividade industrial (ANTUNES, 2009). A escolha da fragmentação da atividade laboral tinha como objetivo a redução dos custos da produção para expandir os lucros.

Sob o modo de organização fordista a exploração de mais valia assume uma potencialidade inédita, até o momento no século XX. O valor da força de trabalho e do mais-valor<sup>8</sup> são resultados de três grandezas de acordo com Marx (2013). A primeira delas se trata da grandeza extensiva de trabalho, ou seja, a jornada de trabalho. A segunda seria a grandeza intensiva, que se refere à quantidade de trabalho despendida para um determinado tempo. A última grandeza seria a força produtiva que está associada às condições de produção a qual na mesma quantidade de trabalho e tempo pode gerar diferentes quantias de produtos.

Na teoria do valor, ao conceituar valor, Marx (2013, p. 119) o define como “tempo de trabalho socialmente necessário”. Note que o *tempo* é um elemento crucial para geração de valor. Para que seja possível realizar a subsunção formal do trabalho, o trabalhador vende sua força de trabalho.

Desta forma, a mais-valia, extraída do sobretrabalho<sup>9</sup> no processo produtivo do taylorismo/fordismo, era extraída extensivamente pelo prolongamento da jornada de trabalho, mais-valia absoluta, e a acentuação da extração intensiva, mais valia relativa, com o progresso tecnológico e aumento do ritmo de produção. A acentuação da mais valia absoluta e relativa consolidou a subsunção real do trabalho ao capital (ANTUNES, 2009).

A alienação do trabalhador, evidenciada por Marx (2004), revela como o trabalho se torna algo que lhe é, não somente exterior, mas estranho. Quanto mais o

---

<sup>8</sup> Mais comumente denominado de “mais-valia” em outras traduções.

<sup>9</sup> O excedente de trabalho desconsiderando o custo da produção.

trabalhador vende sua força de trabalho para a reprodução do capital, mais este produto lhe expropria de sua essência, que deveria se constituir no trabalho. O trabalho que lhe é externo, não permite sua realização enquanto ser humano, mas sim a sua negação. O trabalhador se torna dependente da produção do objeto. A reprodução da sua existência é definida, primeiramente pela sua condição de trabalhador e somente em segundo, como sujeito.

Com os direitos trabalhistas conquistados durante os anos de desenvolvimento do capitalismo industrial, houve redução das jornadas de trabalho e dos dias semanais trabalhados (ANTUNES, 2006). A preocupação do trabalhador se voltou para a forma com que deveria gozar do tempo livre e fazê-lo cheia de significados, uma vez que não encontra sua satisfação pessoal por meio do trabalho.

Apesar da intensificação da produção, o fordismo estagnou sua capacidade de desenvolvimento econômico. A crise financeira que se evidenciou a partir de 1970 foi atribuída ao fordismo e ao keynesianismo<sup>10</sup>. Antunes (2009) traçou 6 indicadores para expressar o fenômeno da crise desse processo produtivo: a queda nas taxas de lucro; o esgotamento do padrão de consumo em resposta ao desemprego estrutural; desenvolvimento do capital financeiro para especulação; maior concentração de capital; decadência do “Estado do bem-estar social”; acentuação das privatizações.

## **2.2 TOYOTISMO: AS TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO E A CAPTURA DA SUBJETIVIDADE DO TRABALHADOR**

A transformação cultural de separação menos rígida do mundo familiar com o mundo do trabalho, foi uma das razões que levaria a origem de uma forma alternativa de produção, no Japão pós-guerra dos anos de 1945. O governo incentivou fortemente o trabalho para reerguer o país, que havia sofrido agravos de grandes proporções em sua derrota. A reestruturação do trabalho, que se iniciou na Toyota, logo se alastrou para as demais empresas daquele país (RIBEIRO, 2015).

---

<sup>10</sup> Campos (2005) salienta que se atribui a John M. Keynes, as contribuições econômicas que levaram ao desenvolvimento dos programas de combate ao desemprego e assistência aos necessitados, a partir dos anos de 1945, que viriam a contribuir para as políticas públicas do Estado do bem-estar social na Inglaterra e *New Deal* nos Estados Unidos da América, que adotaram programas de proteção social.

O toyotismo foi viabilizado como uma resposta à crise dos antigos processos produtivos, que foi impulsionada pela insatisfazível necessidade de expansão do capital. Dentre as insuficiências apresentadas por ANTUNES (2006) que impulsionaram, estão: a necessidade advinda, inicialmente do ramo têxtil, de que os trabalhadores soubessem operar máquinas diferentes; a busca por uma alternativa de superação da crise financeira dispensando a necessidade de aumentar a contratação de mais trabalhadores; o uso de técnicas gerenciais importadas de mercados norte americanos. Esta gerência era pautada na reposição de novos produtos apenas a partir da venda dos já produzidos, sendo assim, tendo uma produção completamente atrelada à demanda. O objetivo era que essa visão gerencial fosse utilizada tanto para a grande indústria, quanto para as prestadoras de serviço, quanto as fornecedoras a ela vinculadas. O toyotismo consolidou a inserção da lógica da produção industrial para outros setores da economia.

O toyotismo deflagrou uma reorganização industrial a partir do novo regime denominado de *acumulação flexível*<sup>11</sup>, estabelecendo um novo relacionamento entre a economia e o estado, ocasionando transformações consideráveis no trabalho (KUENZER, 2007).

Ao contrário do fordismo, esta nova forma de certificar a acumulação de capital pauta-se na flexibilidade, para combater a rigidez dos processos que iam desde a reorganização do trabalho até a organização do consumo. Este processo tem como consequência a desconstrução e recomposição de habilidades, a ascendência do desemprego estrutural, a acumulação de funções pelos trabalhadores nos círculos de trabalho, a diminuição dos salários e o enfraquecimento sindical (HARVEY, 2008).

O processo de reorganização da indústria foi acompanhado pela desarticulação dos sindicatos. Na nova organização, trabalhadores de um produto se localizam em fábricas diferentes, a maioria de médio e pequeno porte, fragmentando a produção industrial. Esse processo também conduziu a constituição de novas formas de contratação. A mudança na produção ensejou alterações nas leis trabalhistas, que passaram a aceitar contratos temporários por serviço, em

---

<sup>11</sup> Regime de acumulação de oposição ao fordismo por meio da flexibilização dos processos do trabalho que, conseqüentemente, afetam o mercado, seus produtos e até mesmo os padrões de consumo. Envolve uma nova forma de produção com inovação tecnológica, se sustentando em um desenvolvimento desigual das regiões globais e amplia fortemente o setor de serviços. (HARVEY, 2008)

substituição aos contratos formais e estáveis. Mesmo os empregos mais formais se submeteram a condições alternativas, como a de “nove dias corridos”, com formas de compensação em períodos de menor demanda, fazendo com que o trabalhador tenha que se ajustar cada vez mais às necessidades de cada empresa (Harvey, 2008).

Este processo perpassou pelo enfrentamento com o movimento grevista do sindicalismo no Japão que era identificado como uma barreira para o desenvolvimento do toyotismo. O movimento grevista de 1950 foi derrotado ao tentar fazer oposição às demissões em massa da Toyota (ANTUNES, 2006).

O confronto entre as lutas sociais e o capital, segundo Antunes (2009), desencadeou uma reformulação da configuração da dominação societal. Esta reformulação ia além da reestruturação produtiva, pois tratava-se do resgate da hegemonia do capital nas mais variadas formas de relações sociais, enaltecendo, ideologicamente, o individualismo em detrimento da solidariedade e do coletivismo.

O reordenamento da dominação do capital para a retomada de sua expansão contou com o advento do neoliberalismo, notavelmente pelas reformas dos governos Thatcher-Reagan<sup>12</sup>, provocando o que foi chamado de *processo de reestruturação produtiva do trabalho* (ANTUNES, 2009). O neoliberalismo teve como marco as políticas públicas de privatização do Estado, reduzindo drasticamente sua produção Estatal, causando a retirada de direitos trabalhistas e flexibilização dos direitos sociais.

Erigiu-se um contexto que propiciou o advento de uma “nova cultura empresarial”, marcada pela proliferação de conceitos e práticas como Business School, Human Resource Management (HRM), Total Quality Management (TQM), Employee Involvement (EI) e Empowerment. (ANTUNES, 2009, p. 68)

As transformações no trabalho visam sedimentar a exploração, aniquilar o *trabalho improdutivo*<sup>13</sup> e ampliar a exploração intensiva do trabalho. Antunes (2009) explica este processo mostrando que, na nova divisão do trabalho, tem se incorporado ao trabalho produtivo a acumulação de atividades antes realizadas por postos de trabalhos distintos, provocando extinção de alguns destes focados em

---

<sup>12</sup> Governos conservadores que, em conjunto com organismos internacionais como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, articularam um novo Estado que almejasse solucionar sua crise fiscal mediante soluções do mercado. Os governos que encabeçaram este processo foram: o Margareth Thatcher no Reino Unido e o de Ronald Reagan nos Estados Unidos (CAMPOS, 2005).

<sup>13</sup> Trabalho que não gera valor.



apenas um tipo de função laboral. O exemplo disto se encontra nas novas formas de organizações empresariais que usam rotatividade e cargos de chefia ou designam as equipes *just-in-time*, e não um trabalhador, em um cargo em específico, a responsabilidade sobre a produtividade.

Dentre as particularidades apresentadas nesta nova forma de produção capitalista, Alves (2008) buscou interpretar as mudanças ocorridas no *trabalhador coletivo*<sup>14</sup>, que é central para o modo de produção capitalista, estreitando e estendendo o espaço e o tempo de trabalho. As inovações dadas pela reestruturação produtiva correspondem à organização da forma com que o trabalho coletivo está organizado na gestão espaço-tempo da produção do trabalho vivo (ALVES, 2008).

Por isso, na medida em que as inovações organizacionais enquanto forma de reposição da cooperação aparecem como “um método, empregado pelo capital, para mediante o aumento da sua força produtiva explorá-lo mais lucrativamente”, reconstituindo o trabalhador coletivo do capital, elas se tornam inovações axiais em torno do qual se articulam as inovações tecnológicas e inovações sócio-metabólicas. (ALVES, 2008, p. 35)

O novo *sociometabolismo*<sup>15</sup> foi desenvolvido a partir das adequações e interferências proporcionadas pelo modelo flexível de produção toyotista. Alves (2008) indica que a obra de Taiichi Ohno "O Sistema Toyota de Produção- Além da Produção em Larga Escala" servira de fundamento para compreender o "espírito do toyotismo", revelando o conjunto ideológico-moral que orientará a gestão da produção e do trabalho no capitalismo globalizado.

Utilizando-se de analogias de elementos da cultura japonesa Alves (2008) cita que Ohno compara o esporte e o trabalho para explicar que estas tarefas têm, em comum, a necessidade de um treinamento até que a prática se venha instintivamente, sincronizando corpo em mente.

No contexto do toyotismo, a subjetividade torna-se o foco fundamental. Neste sentido, Alves (2008) indica que há uma "captura da subjetividade" do trabalhador. Esta seria operada por uma reestruturação dos coletivos de trabalho, focando na superação de experiências passadas dos trabalhadores, o que inclui a adoção de uma nova linguagem que se alinhe aos termos presentes, nos novos ideários das

---

<sup>14</sup> Conceito desenvolvido por Marx que se refere à junção das forças de trabalho que se transforma em um sujeito coletivo ou, também dizendo, um mecanismo vivo da manufatura (Marx, 2013).

<sup>15</sup> O sistema de sociometabolismo do capital, o intercâmbio entre ser humano e natureza por meio do trabalho no capitalismo, se caracteriza pela subordinação das funções humanas de primeira ordem ao capital (MÉSZAROS, 2011).

empresas e instituições financeiras com foco na destruição de memórias de resistência operária. Prioriza-se a formação de jovens e adotam programas sutis de substituição de antigas práticas como, por exemplo, no uso de Programas de Demissão Voluntária (PDV). Os mesmos trabalhadores que antes eram chamados de “operários” são agora denominados de “colaboradores”, com o uso tático de uma suave mudança de termos que conquiste a subjetividade dos trabalhadores.

Esta nova linguagem empresarial visa facilitar a adesão dos jovens ao trabalho flexível, estando também presentes na concepção de trabalho que fundamenta os processos educativos formais e não formais, inclusive nos manuais escoteiros, como será visto mais a seguir.

No Brasil, as implicações das mudanças proporcionadas pelas novas formas de organização pautadas no trabalho flexível, refletiram em exigências de adequação às legislações trabalhistas. Antunes e Praun (2015) verificaram que, com a efetivação dos programas de qualidade total, *justin-time* e gratificações salariais de produtividade e aumento dos lucros, sobre a égide de fundamentos neoliberais, aqueceram a flexibilização do trabalho, em conjunto com a informalidade e, tendo como consequência, a precarização do trabalho e de vida dos trabalhadores.

Consoante com as novas configurações exigidas para que a produção se alinhe ao modelo de produção flexível, a discussão de alterações nos direitos trabalhistas esteve em pauta já na década de 1990, conforme aponta Siqueira Neto (1997). A alegação para tais mudanças têm se pautado na adequação à concorrência internacional. Os direitos trabalhistas brasileiros são vistos como entraves e sob uma superproteção do Estado. Nesta perspectiva, o direito trabalhista incapacita o reordenamento requerido para celeridade e flexibilidade dos processos de trabalho que são exigidas pelo mercado atual.

Siqueira Neto (1997) explicita que, como forma de contornar a suposta inflexibilidade do direito e do mercado de trabalho, tem se apontado como saída à destituição de direitos trabalhistas e encorajamento de acordos coletivos que viabilizam a não efetivação de direitos. Na prática essas medidas resultaram no cerceamento de atividades coletivas dos trabalhadores como, por exemplo, o direito à greve e a repressão intensa das atuações sindicais.

As recentes reformas trabalhistas dos governos: Michel Temer em 2017 e agora no governo de Jair Bolsonaro; aprofundaram a retirada dos direitos e a precariedade do trabalho, conforme apontam as análises de Ricardo Antunes e

Andréia Galvão na reportagem de Liana Coll (2019). A justificativa das reformas para gerar empregos, não se sustentou, como mostra a pesquisa do PNAD e do IBGE que apontaram uma sutil alteração no desemprego de 12% para 11,8%. Por outro lado, houve aumento de cerca de 600 mil trabalhadores na informalidade, totalizando 41,1% dos “empregados”.

Além da precarização causada pelas recentes mutações do trabalho no sistema capitalista, a adesão à uma concepção de trabalho flexível recai não somente nas relações de trabalho. Passam a gerenciar também os demais aspectos da relação humana, que estão relacionados à questão do tempo de trabalho. Sennett (2009) indica que sob a direção do capitalismo flexível, tornou-se inconcebível o estabelecimento de objetivos a longo prazo devido a condição humana, que impõe um número cada vez maior de necessidades a curto prazo. Nisto, inclui-se os vínculos por meio de relações interpessoais que, nos períodos anteriores, eram estabelecidos ao longo do tempo. Ademais, o autor revela a desconstrução de carreiras de longo prazo pela inserção constante da microeletrônica nos diversos processos de trabalho. A formação de um ser humano flexível e de conhecimentos fragmentados torna-o tão adaptável na demanda do trabalho, quanto nas relações com outros humanos, passando a visar, como exemplo, prazeres imediatos e relacionamentos menos duradouros entre pessoas.

Ao tratar a modernidade como líquida, Bauman (2001) concorda com Sennett (2009) ao citar a fluidez e a fragilidade dos laços sociais. Por meio de diversas metáforas o autor explana como o tempo tem triunfado sobre o espaço na modernidade flexível, apesar de tratá-lo como um elemento sólido, o espaço tem sido rompido pela velocidade do movimento, dando aqueles que detêm o seu controle, o principal meio de dominação.

A mutatividade do sociometabolismo gestado no trabalho flexível, a partir das novas exigências de expansão do capital, se constituiu a partir de uma nova composição. Alves (2008) aponta que no modelo flexível de capitalismo há um conjunto de inovações sócio metabólicas que disseminam no imaginário coletivo, em especial da juventude, conceitos e valores empresariais como sendo naturais aos seres humanos e por isso, mais adequados aos tempos contemporâneos. Nesse contexto o empreendedorismo se constitui como forma de responsabilizar o trabalhador pelas mutações do mundo do trabalho e também pelo seu sucesso na inserção do mercado contemporâneo.

## 2.3 O EMPREENDEDORISMO COMO UM ARRANJO PARA UMA RELAÇÃO FLEXÍVEL ENTRE CAPITAL E TRABALHO

O apelo ao empreendedorismo tem se difundido como um elemento de superação do desemprego, por meio da crença na perspectiva individual de ascensão socioeconômica para os trabalhadores. Essa ideia resume as conclusões de Nassif, Ghobril e do Amaral (2009), autores que indicam como o conceito de empreendedorismo se popularizou no final da década de 1990 e creditam a relevância da discussão à preocupação com as empresas de pequeno porte, que desempenham um papel fundamental para o desenvolvimento econômico e social.

Um conceito clássico do que é ser empreendedor diz que :

o empreendedor é a pessoa que destrói a ordem econômica existente graças à introdução no mercado de novos produtos/serviços, pela criação de novas formas de gestão ou pela exploração de novos recursos, materiais e tecnologias. (SCHUMPETER, 1947 apud CHIAVENATO, 2007, p. 8)

O conceito acima considera "o empreendedor" alguém capaz de criar novas formas de ordenamento da atividade econômica por meio da inovação de recursos e da administração, mas não revela as materialidades que circundam o empreendedorismo, em especial no Brasil.

Machado (2002) expõem que há um processo de substituição da empregabilidade pelo empreendedorismo e da especialização do trabalhador pela polivalência, ou seja, a ideia que o trabalhador deve estar apto a desempenhar ocupações diferenciadas, bem como disputar espaços na competitividade, tornando-se autônomo e independente. Espera-se que o trabalhador seja o "empresário de si mesmo", ao mesmo tempo que supostamente irá superar a condição de venda de sua força de trabalho, se tornando um produtor independente e demonstrando disposição para acompanhar as dinâmicas da economia.

Este processo também é denominado como *autoemprego*. Beloque (2007) discute o conceito de autoemprego a partir dos estudos dos *trabalhos da OIT*<sup>16</sup> e outros autores com destaque para Steinmetz e Wright (1989 apud BELOQUE, 2007,

---

<sup>16</sup> Organização Internacional do Trabalho que especificou os tipos de trabalho na International Classification by Status in Employment (BELOQUE, 2007)

p. 47) que " [...] consideram os auto-empregados como produtores simples de mercadorias", possuidores dos meios de produção e não vendedores de sua força de trabalho. Todavia, Beloque (2007) assinala que estes estudos partem do desarranjo existente entre os conceitos de trabalho e de emprego tornando-os quase sinônimos, referindo-se a trabalho de forma usual as atividades assalariadas, reduzindo seu significado.

O autoemprego, para Beloque (2007), é uma palavra carregada de contradições em seu termo: a começar pela relação empregatícia, em que um contrato de trabalho pressupõe, no mínimo, a participação de duas pessoas. Pressupõe também, a existência daquele que possui os meios de produção e daquele que vende sua força de trabalho, condição sem a qual não existe a relação de trabalho capitalista. Esta relação se concretiza em função do mercado, no contrato de compra e venda da força de trabalho:

O leitor se recorda que a produção de mais-valor ou a extração de mais-trabalho constitui o conteúdo e a finalidade específicos da produção capitalista, abstraindo das transformações do próprio modo de produção decorrentes da subordinação do trabalho ao capital. Recorda-se que, segundo o que foi exposto até agora, apenas o trabalhador independente e, portanto, legalmente emancipado pode, como vendedor de mercadorias, firmar contrato com o capitalista. (MARX, 2013)

Disposto sobre o contrato de trabalho fica a pergunta se o empreendedorismo seria uma forma alternativa de trabalho que poderia se configurar no que é denominado de autoemprego. Tavares (2018) argumenta que a atividade de empreendedor se trata de uma mudança na relação capital-trabalho no caminho de buscar formas alternativas de geração de mais-valia sem assalariamento e um contrato legal. Para tanto, o Estado providencia este aparato tornando a força de trabalho uma empresa. Apesar das mudanças provocadas pelo que a autora chama de pós-reestruturação produtiva, ela reconhece que o trabalho permanece o fator central na produção de riqueza. Afirma também que os capitalistas continuam no comando dos *verdadeiros meios de produção*<sup>17</sup> de forma exclusiva. Para o empreendedor, este sobra-se os "meios de trabalho", as propriedades daquele que trabalha.

Nesta perspectiva, o empreendedorismo é uma resposta ao problema do desemprego e ao subemprego nas regiões paupérrimas do globo, por aproximar o

---

<sup>17</sup> Setores considerados fundamentais, cita como exemplo: o da informática, o de transporte aéreo, o de comunicação e o de arma nuclear.

trabalho informal como uma saída para estes problemas que, desde a década de 1980, que tem sido apresentado pela OIT. Para ilustrar, Tavares (2018) aponta um estudo realizado no Quênia<sup>18</sup> em que o incentivo de organismos internacionais<sup>19</sup> às atividades informais, coincidiu com o fim da proteção social do emprego.

A partir dos anos de 1990 Tavares (2018) destaca que a terceirização foi se fortalecendo. Isso significa que a produção de mercadorias se tornou flexível a ponto de extrapolar o contrato formal de trabalho e passou a ser cada vez mais ser realizado pela produção informal, inclusive por força de trabalho qualificada, sendo este contexto materializado no Estado.

Beloque (2007) demonstra que a precarização do trabalho no Brasil se intensificou com a diminuição dos postos de trabalho assalariados formais que ocorreu a partir da década de 1980 e agravou-se a partir de 1990, com a maior presença de ocupações não-assalariadas ou sem registro. Ressalta também que o mercado de trabalho informal trabalha em conjunto com o setor formal de forma sistemática, integrando uma parte significativa da produção e da oferta de serviço na economia nacional.

## **2.4 DESENVOLVIMENTO DAS POLÍTICAS NEOLIBERAIS DE FORMAÇÃO PARA O TRABALHO NO BRASIL**

O desenvolvimento das políticas de formação para o trabalho em um país periférico como o Brasil, passa por fortes pressões e influências de organismos internacionais. A Internacionalização das políticas educacionais foi descrita por Libâneo (2016) como um movimento global implementado por *agências internacionais multilaterais*<sup>20</sup>. Estas tinham como um de seus objetivos recomendações de políticas públicas à países em desenvolvimento e emergentes, utilizando como método de operar, essa influência, empréstimos em agências financeiras internacionais. Estas recomendações se converteram em diretrizes,

---

<sup>18</sup> Denominado de Relatório do Quênia

<sup>19</sup> A OIT, o Banco Mundial e outras agências internacionais.

<sup>20</sup> Tais agências internacionais foram fundadas pelos Estados Unidos em 1944 na Conferência de Bretton Woods, no contexto do pós-guerra para elaborar a reconstrução dos países devastados (Herrero, 2013 apud Libâneo, 2016). Nas políticas sociais destacam os organismo internacionais: Organização da Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura - Unesco -, o Banco Mundial, o Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID - , o Programa das Nações unidas para o Desenvolvimento - PNUD - e a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE.

programas e projetos de lei, que organizavam o corpus de regulamentações educacionais do Brasil, alinhados aos interesses das grandes potências mundiais.

Libâneo (2016) evidencia as mudanças realizadas pelos governos Thatcher e Reagan em consolidar fundamentos de ordem político-econômica neoliberal, tendo como três pilares: desregulamentação; privatização; e liberalização dos mercados, como forma de diminuir a atuação do Estado. Na oferta de educação, isto se traduziu na ampliação da oferta de cursos e vagas em instituições privadas de ensino, transferência de recursos públicos para instituições privadas por meio de bolsas e financiamentos. A abertura do direito à educação para a mercantilização da educação transfere também a responsabilidade do Estado de educar. No B abrirá espaço para uma orientação na direção de reformas empresariais d

No Brasil, este processo se traduziu em propostas de reformas educacionais meramente conteudistas que excluísse a formação da dimensão humana na Base Nacional Comum Curricular (FREITAS, 2014). Estas propostas perpassaram algumas iniciativas governamentais. No recorte para esta pesquisa destaca-se a década de 1990, que foi marcada por políticas educacionais de cunho neoliberal inicialmente no governo de Fernando Collor e mais incisivamente com o governo Fernando Henrique Cardoso a partir de 1995, tendo continuidade no governo de Luiz Inácio Lula da Silva (NEVES E PRONKO, 2008). A educação nacional revela, mais aparentemente, sua função de coesão social a partir da ideologia burguesa. Esta tinha como objetivo a promoção de valores, conhecimentos e comportamentos que aprimoram a capacidade produtiva e competitiva, elementos fundamentais para o desenvolvimento do *capitalismo monopolista*<sup>21</sup>.

No atual contexto, a educação nacional tem travado diversos embates ocasionados a partir da pauta política educacional neoconservadora<sup>22</sup> do governo de Jair Bolsonaro e de setores empresariais. Dentre os exemplos mais críticos tem-se

---

<sup>21</sup> Esta fase do capitalismo foi tratada pela teoria marxista por Lenin na obra "*Imperialismo, fase superior do capitalismo*" e também por teóricos do capital financeiro. Para este estudo destaca-se que o capitalismo monopolista retrata uma passagem para um modelo de divisão do trabalho em que as economias das sociedades pré-capitalistas foram subjugadas pelas economias metropolitanas. Nesse contexto há preponderância do capital financeiro que culminou no imperialismo, ou seja, na hegemonia do capitalismo em escala mundial..(BOTTOMORE, 2013).

<sup>22</sup> Uma pauta que defende a intervenção do Estado para garantir a legitimidade de valores cristãos reacionários e deslegitimar a luta de classes no currículo escolar (DANTAS, 2019).

movimento Escola Sem Partido<sup>23</sup> que acusa a existência de uma doutrinação marxista na Educação Básica na sala de aula e de defenderem a ideologia de gênero, supostamente para ensinar crianças a serem homossexuais e destruir o modelo de família tradicional (REIS, 2019).

As transformações ocorridas nas políticas educacionais brasileiras visavam mudanças na qualidade do ensino, que serviram de base para o projeto educativo escolar da burguesia. Neves e Pronko (2008) apontam duas teorias que serviram de fundamento para este projeto: *a teoria do capital humano* e *a pedagogia das competências*. A primeira está relacionada à educação escolar para um caráter produtivista e a segunda para desenvolver o conhecimento que suprima a autonomia de pensamento e ação, a passo que superestima o saber experienciado. Teorias estas que serão abordadas no capítulo que se segue.

### **CAPÍTULO III – A CONCEPÇÃO DE TRABALHO ESCOTEIRA E O ENFOQUE NO RAMO SÊNIOR**

Em um primeiro momento será abordado uma incursão dos fatos mais relevantes da história do escotismo e de seus fundamentos, que estão correlacionados com a história do fundador, buscando destacar as transformações do movimento ao longo do tempo, até chegar na origem do Ramo Sênior.

Em um segundo momento será demonstrado o atual programa educativo escoteiro, seus objetivos e fundamentos, no intuito de buscar compreender a concepção de trabalho.

#### **3.1.1 UMA INCURSÃO PELA HISTÓRIA DO ESCOTISMO**

A síntese aqui redigida da história do movimento escoteiro e seu fundador tem o intuito de apresentar os principais fatos que contribuíram para a composição de suas experiências de vida, que serviram de fundamento para a criação do movimento escoteiro. As experiências históricas do fundador do movimento poderão desvelar elementos que auxiliem na correlação com as características que a UEB se

---

<sup>23</sup> Criado em 2004 pelo advogado e Procurador Miguel Nagib que é ligado ao Instituto Millenium que, sobre o pretexto de da neutralidade na educação, o instituto defende valores que exaltam a meritocracia, à responsabilidade individual e à propriedade privada (DANTAS, 2019).



fundamenta para orientar as atividades escoteiras.

O reconhecido fundador do movimento escoteiro foi Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, usualmente resumido no nome de Baden-Powell (B.P.) para os escoteiros. Nascido no ano de 1857 em Londres, na Inglaterra. Filho de Henrietta Grace Smyth e do reverendo Baden-Powell que, além de sacerdote, foi professor. Quando criança, Robert tinha desejo de se tornar um clérigo como o pai. Isto não se concretizou, embora permaneceu praticante do cristianismo por toda vida (WADE, 1975).

Quando deixou de ser vigário, tornou-se professor de matemática. Foi descrito por Wade (1975) como um intelectual interessado em diversas áreas do conhecimento, com destaque para a filosofia, a ciência e a educação. Tinha, entre amigos, escritores e cientistas contemporâneos.

B.P. teve a carreira militar como destaque em sua trajetória. Durante suas viagens a trabalho, esteve em contato com diferentes sociedades, desde africanos, americanos e canadenses, até interioranos estadunidenses. O conhecimento dessas diferentes culturas se encontra presente nas obras escritas por ele e influenciaram na idealização do escotismo (DIAS, 2016).

Dentre as principais experiências que influenciaram B.P. para os fundamentos iniciais do escotismo, estão as guerras ele participou. Na virada do século XIX para o século XX, sobleva-se o advento do colonialismo inglês, em disputa com outras potências europeias, resultando na partilha de terras africanas. A participação do fundador do escotismo nestes episódios é tratada de forma heroica e acrítica na literatura escoteira, desconsiderando as consequências funestas da guerra e os interesses econômicos e políticos de subjugação da Inglaterra sobre os territórios dominados (DIAS, 2016).

O próprio Baden-Powell (2006) assim procedeu ao relatar personagens históricos desvinculados de seus contextos. Ao tratar dos Cavaleiros da Idade Média, tratou-os de forma romântica como exemplos a serem seguidos, por possuírem um código de conduta pautado na honra e nas boas ações. Tal generalização da índole dos cavaleiros sugere a hipótese que "Dom Quixote" não esteve presente na prateleira de livros do fundador do escotismo ou foi por ele ignorado.

A carreira militar de B. P. foi marcado por uma trajetória de destaque e ascensão. Foi considerado um herói no cerco de Mafeking, na África do Sul, em que conseguiu conduzir a defesa de uma cidade, por um longo período, dos ataques do

exército inimigo (DIAS, 2016).

Para partilhar suas experiências e estratégias de guerra, B.P. escreveu seu livro *Aids to Scouting* em 1901. Suas ideias já se destacavam como um contraponto ao que Nagy (1987 apud DIAS, 2016) chamou de decadência dos valores morais, então vigentes na sociedade inglesa, por parte da juventude, embora o autor não deixe claro de quais valores se tratam. Os fundamentos de cunho militar eram exaltados como uma forma de disciplinar a juventude.

B. P. realizou o *Acampamento de Brownsea*, que foi considerado o primeiro acampamento escoteiro, em que ele fundou algumas das bases da pedagogia e da organização do movimento escoteiro (NAGY, 1987, BOULANGER, 2000 e DIAS, 2016). Este acampamento, que aconteceu no ano de 1907, foi considerado o marco fundador do movimento escoteiro.

*Aids Scouting* foi revisado e publicado em 1908, se tornando um dos livros de maior sucesso no mundo inteiro. No Brasil, é denominado "Escotismo para Rapazes". Visava ser um manual de cidadania que pudesse alcançar, não somente os jovens militares, como também os civis. A obra estimulou a propagação do escotismo em várias partes do mundo (NAGY, 1987 e DIAS, 2016). O escotismo previa, inicialmente, somente a participação de rapazes, mas abriu a participação para moças em 1909 quando patrulhas femininas foram surgindo de forma espontânea (DIAS, 2016).

O momento conflituoso que os países europeus estavam passando nesse período favoreceu o desenvolvimento do discurso nacionalista e o desenvolvimento de organizações paramilitares, que visavam arrebanhar a juventude sobre suas orientações, com a justificativa de defesa da nação (NASCIMENTO, 2004).

Apesar dos valores arraigados de caráter militar, a proposta do escotismo era tratada pelos historiadores e biógrafos como promotora da paz (NAGY, 1987 apud DIAS, 2016). A princípio, o movimento não tinha pretensão de se institucionalizar, mas de servir como uma pedagogia de prática livre entre jovens. No entanto, alguns grupos com fundamentos embasados no escotismo, se manifestaram com outras finalidades, a exemplo do *Boys Brigade*, uma organização paramilitar. Como reação, B.P. propôs a desmilitarização dos movimentos da base escoteira. Mas o problema só encontrou uma solução, de fato, com a institucionalização do movimento escoteiro, como forma de se diferenciar de outros que não se fundamentavam na proposta pacífica do escotismo.

Uma mudança que presume a ilustração de uma nova orientação mais pacífica de B. P. sobre a proposta do movimento escoteiro foi apontada na introdução da versão brasileira da obra “O Chefe: a vida de Robert Baden Powell” de Eileen Kirkpatrick Wade (1975). Nesta, há relatos da supressão do capítulo “proficiência no tiro”, que só apareceu na primeira edição do “Escotismo para Rapazes”, em 1908, no Período da Primeira Guerra Mundial.

À Baden Powell foi atribuído a criação dos ramos lobinho, escoteiro e pioneiro. Quando o escotismo foi praticado no Brasil, também se utilizava da separação nestes três ramos, até que o chefe João Ribeiro dos Santos propôs a separação do ramo escoteiro na faixa etária a partir dos 15 aos 18 anos, considerando a discrepância no desenvolvimento entre a larga faixa dos 11 aos 18 anos (UEB, 2015).

Para a formulação do novo ramo, utilizou-se da experiência do *Senior Scouts* (equivalente ao Ramo Sênior hoje) que existia nos EUA. João Ribeiro dos Santos conseguiu a autorização da UEB para implantar esse modelo de divisão no ano de 1945, no grupo escoteiro que hoje leva seu nome (UEB, 2015).

Outra dimensão que forma as características do escotismo é a sua relação com a maçonaria abordada por alguns autores. Há uma similitude apontada por Nascimento (2004) em relação aos princípios e práticas. Dentre os exemplos, tem-se: sinais secretos, que foram abolidos no escotismo ao longo do tempo; a tolerância religiosa; simbologias como o uso da Flor de Liz, que representa o escotismo; e a alusão aos códigos da cavalaria, que lembram os cavaleiros templários, ligados à maçonaria.

Outras comparações poderiam ser feitas, porém sem a devida comprovação se a correlação é um fato, não é de muita validade para uma investigação científica. Desta forma o registro sobre a relação entre escotismo e maçonaria, precisa se limitar ao tratamento de mero indício, sem se tirar conclusões que podem estar desvinculadas da verdade. Mesmo porque, não foi identificada nenhuma prova que Baden Powell foi maçom. A UEB (2013) deixa claro que o escotismo não possui cerimônias secretas e que todas são abertas aos responsáveis e demais escotistas, diferente do que usualmente é relatado sobre a maçonaria.

### **3.1.2 O INÍCIO DO MOVIMENTO ESCOTEIRO NO BRASIL**

Como em outros países, o escotismo começou a ser praticado no Brasil de forma espontânea (DIAS, 2016). A primeira notícia de início da prática do escotismo no Brasil foi creditada a marinheiros brasileiros que conheceram esse movimento na Europa, correlacionado ao advento da república que facilitou sua recepção (LEANDRO 2014). O primeiro grupo de escoteiros teve como ano de fundação 1910, no Rio de Janeiro, ainda na época da República Velha. Notavelmente, as bases do escotismo tiveram forte influência do militarismo tanto na formulação como na sua disseminação.

Alguns nomes de destaque na constituição do escotismo brasileiro têm se, dentre outros, Olavo Bilac e Mário Cardim. Olavo Bilac foi um defensor do serviço militar obrigatório e do escotismo. Contribuiu com escritos das primeiras literaturas escoteiras do Brasil, incentivando ideias de civismo, disciplina e senso de organização, características que ainda hoje são encontradas no movimento escoteiro. Mário Cardim, que ajudou a fundar várias entidades nacionais, foi outro incentivador, chegando a realizar conferências sobre o escotismo e ajudou a fundar a Associação Brasileira de Escotismo (LEANDRO 2014).

O escotismo colaborou com o projeto de militarização das escolas brasileiras. Essa medida estava associada à tentativa de determinação de uma identidade nacional que visava à implantação do escotismo nas escolas públicas de São Paulo no início do século XX (LEANDRO, 2014).

Várias organizações de escotismo foram surgindo ao longo dos anos no Brasil até que, em 1928, Mário Cardim recebeu uma carta de B. P. recomendando a unificação do movimento escoteiro na UEB. O objetivo era preservar os princípios do movimento educativo (LEANDRO, 2014). Com o Decreto-Lei nº 8.828 de 24 de janeiro de 1946, a UEB adquire exclusividade sobre a prática do escotismo no país, sendo reconhecida como instituição extraescolar.

Apesar da desmilitarização do escotismo no Brasil, ainda são encontrados vários traços que apontam a influência da disciplina militar. Além do sistema de patrulha e hastear bandeira, outros elementos simbólicos ainda se fazem presentes. O patriotismo aparece nos hinos, no emblema da logomarca nacional dos escoteiros e em práticas sobre orientação da UEB (2013).

O escotismo no Brasil pode ser praticado em três distintas modalidades: a modalidade básica, que é sobre técnicas mateiras e terrestres; a modalidade do mar, com atividades de marinharia e náutica; e a modalidade do ar, com atividades de

aviação e ambiente aeronáutico. Tais modalidades são apenas para os ramos escoteiro e sênior e lembram muito a divisão das forças armadas nacionais: exército, marinha e aeronáutica. Sobre isto os Escoteiros do Brasil esclarecem que:

Não se deve, sob nenhuma hipótese, considerar tais modalidades como organizações separadas da União dos Escoteiros do Brasil ou como esquema de treinamento prévio para Marinha ou Aeronáutica, muito embora suas atividades possam ser úteis nessas carreiras. (UEB, 2018, p. 23)

Por outro lado, os Escoteiros do Brasil condenam interpretações incorretas do escotismo que possam comparar o movimento às organizações paramilitares, bem como desencoraja falsas aplicações por outras instituições (UEB, 2013).

### **3.1.3 INDÍCIOS DAS PRIMEIRAS ATIVIDADES ESCOTEIRAS A NÍVEL REGIONAL E LOCAL**

Um indício de início do escotismo em Goiás foi uma experiência que começou em Jataí, pelo trabalho do professor Euletério de Souza Novaes que teve apoio do Senador Hermenegildo de Moraes Filho em 1926, no Colégio Novaes (TEIXEIRA e DA SILVA, 2006). Posteriormente, o colégio foi transferido para o Ginásio do Rio Verde, na cidade de Rio Verde, atribuindo-se a mudança a problemas de conflitos políticos relacionados à Coluna Prestes.

Já em Anápolis, uma das primeiras atividades escoteiras conhecidas foi uma visita de mais de cem escoteiros sobre chefia do senhor Missac Tateossian, em 13 de janeiro de 1952. Essa visita tinha como objetivo a fundação da Associação de Escoteiros de Anápolis (Teixeira e Da Silva, 2006).

Anos depois, com a união de dois grupos escoteiros, surge em 1958, a Associação de Escoteiros Baden Powell. Em 9 de setembro de 1961 foi fundado o Grupo de Escoteiros Anhanguera, que se tornaria Grupo Escoteiro Bernardo Sayão (GEBS) no futuro (TEIXEIRA E DA SILVA, 2006).

O Anexo A <sup>24</sup> apresenta um jornal do ano de 1957 de autoria desconhecida, revela que atividades escoteiras já ocorriam por volta da década de 1950, comemorando o cinquentenário do movimento. Este jornal indica que a

---

<sup>24</sup> Na sequência dos acontecimentos históricos relevantes, foram utilizados documentos digitalizados disponibilizados pelos escoteiros de Anápolis. Estes servem para levantar alguns fatos que ajudam a compreender a propagação do escotismo em Anápolis.

primeira diretoria Associação de Escoteiros de Anápolis foi eleita e tinha como idealizador o professor Ananias Pereira da Silva, acompanhado de Cyd Torres.

No relato deste cinquentenário, o escotismo apresentava um número muito expressivo de participantes. Citou-se que havia cerca de trezentos "alunos matriculados" e cerca de cento e cinquenta com participação frequente. Relatou-se também que havia mais de cinquenta exercendo "atividades escoteiras", não deixando bem esclarecido do que se trata este último número. Destaca também que havia cinquenta bandeirantes<sup>25</sup>, cinquenta fadinhas<sup>26</sup> e cem lobinhos. Embora estes números sejam bastante expressivos, o documento explicita que mais de sessenta dos participantes eram pioneiros que, na época, participavam na faixa etária de dezoito a vinte e oito anos, e que hoje é restrita a faixa etária de 18 a 21 anos. Sendo assim, uma comparação numérica de integrantes com outros períodos do escotismo, deve-se considerar essa mudança de composição.

No documento digitalizado constante no Anexo B, menciona-se que o GEBS funcionava nas dependências do SESC (Serviço Social do Comércio). Mais tarde, mudou sua sede para as proximidades da Igreja Bom Jesus. Cerca de dez anos depois, o escotismo cresceu de forma considerável. Relata-se também que padre Catão destacou que, naquele momento havia: uma tropa escoteira com trinta e dois adolescentes, uma alcateia de lobinhos com vinte e quatro crianças e uma tropa sênior com dezesseis jovens.

Segundo o mesmo documento, foi um escoteiro de Anápolis o primeiro do centro-oeste a conquistar o mais alto grau de formação do ramo escoteiro, denominado "escoteiro da pátria", o então jovem chamado Ciescopen Lopes.

Além da formação escoteira, há indícios que o escotismo anapolino já demonstrava preocupação com o engajamento dos seus jovens no mercado de trabalho. Conforme mostra o documento no Anexo C, houve participação de escoteiros de Anápolis em eventos do setor da indústria: II Feira de Amostras da Indústria Anapolina.

### **3.2 AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS INTERNACIONAIS, A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E O MOVIMENTO ESCOTEIRO**

---

<sup>25</sup> Movimento similar ao escotismo que considera Baden-Powell seu fundador em seu Estatuto. Na obra "Caminho a seguir" são citadas fadas de magos no ramo ciranda (FEDERAÇÃO DE BANDEIRANTES DO BRASIL, 2008, 2014)

<sup>26</sup> Bandeiras infantis.

Na obra "As características essenciais do escotismo"<sup>27</sup> sob os direitos autorais do próprio WOSM (2019a), o escotismo discorre de forma resumida suas características essenciais. Por meio deste documento buscam esclarecer que as construções da Conferência Mundial Escoteira, tiveram como base "os mais recentes relatórios e comentários da UNESCO"<sup>28</sup>. Em sua perspectiva educativa, WOSM (2019a) defende que: "A aprendizagem é um processo contínuo de desenvolvimento holístico, ao longo da vida, apoiado em igual medida por cada um dos quatro pilares de aprendizagem definidos no relatório de Delors para UNESCO"<sup>29</sup>(WOSM, 2019a, p. 10).

Os quatro pilares principais (DELORS, 1996), são : aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser. Pilares estes que servirão de base para a educação escoteira que será apresentada no capítulo terceiro desta dissertação. De acordo com o autor, estes quatro pilares são assim descritos:

*Aprender a conhecer*, combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. O que também significa: aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida.

*Aprender a fazer*, a fim de adquirir, não somente uma qualificação profissional mas, de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Mas também aprender a fazer, no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho que se oferecem aos jovens e adolescentes, quer espontaneamente, fruto do contexto local ou nacional, quer formalmente, graças ao desenvolvimento do ensino alternado com o trabalho.

*Aprender a viver juntos* desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências — realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos — no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.

*Aprender a ser*, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso, não negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se. (DELORS, 1996, p. 101-102, grifo do autor).

A obra que inspirou os quatro pilares, produzida por Delors (1996), foi denominada "Educação um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI".

Observa-se, de fato, que no decurso do período considerado e sob a

<sup>27</sup> *The Essential Characteristics of Scouting*

<sup>28</sup> Refere-se a: Rethinking Education (2015), the Incheon Declaration: Education 2030 (UNESCO and UN System, 2015), The Nature of Learning (OECD, 2010), United Nations 2030 Agenda for Sustainable Development.

<sup>29</sup> Tradução do original "Learning is a continuous, lifelong process of holistic development, supported in equal measure by each of the four pillars of learning defined within UNESCO's Delors report"

pressão do progresso técnico e da modernização, a procura de educação com fins econômicos não parou de crescer na maior parte dos países. As comparações internacionais realçam a importância do **capital humano** e, portanto, do investimento educativo para a produtividade. A relação entre o ritmo do progresso técnico e a qualidade da intervenção humana torna-se, então, cada vez mais evidente, assim como a necessidade de formar agentes econômicos aptos a utilizar as novas tecnologias e que revelem um **comportamento inovador**. Requerem-se **novas aptidões** e os sistemas educativos devem dar resposta a esta necessidade, não só assegurando os anos de escolarização ou de formação profissional estritamente necessário, mas formando cientistas, inovadores e quadro técnicos de alto nível (DELORS, 1996, p. 70-71, grifo nosso).

No trecho citado nota-se uma preocupação que o investimento educativo estava vinculado com a produtividade e os demais fins econômicos, embasado em uma perspectiva formativa sobre a teoria do capital humano e o desenvolvimento de um "comportamento inovador" e "novas aptidões".

Os fundamentos da educação defendida pela UNESCO foram reunidos no volume 5 da Série Educação da Coleção Cadernos da UNESCO de autoria de Werthein e da Cunha (2000). Estes fundamentos tiveram como base duas conferências que foram apresentadas em diversos eventos. A primeira conferência era sobre os *pilares da educação* e a segunda quanto às *perspectivas do ensino superior para o século XXI*. Neste mesmo caderno, os autores sugerem que:

Uma nova educação, que leve em conta os quatro pilares do Relatório Delors e os sete saberes pensados por E. Morin, tornou-se imprescindível para que o século XXI avance em direção à universalização da cidadania. Essas idéias devem ser exaustivamente debatidas por todos os que têm responsabilidade na formulação e execução da política educacional. No contexto desse debate, deve assumir papel instigador e propulsor a universidade, que continua a ser um local privilegiado para o confronto de idéias e a indicação de caminhos e alternativas (WERTHEIN E DA CUNHA, 2000, p. 9)

À primeira vista, esses quatro pilares apresentados para a educação do século XXI podem se apresentar como fundamentos que trariam um desenvolvimento amplo na formação humana. Mas isso apenas se forem considerados fora do contexto da estrutura social capitalista permeada pelo descontentamento das classes dominadas. Um descontentamento que pode se transformar em revolta social e, por isso mesmo, é abrandado por meio de normas morais expostas pelas classes dominantes, conforme explicado por Duarte (2001). São normas morais que, sob pretexto do princípio do pluralismo e da aceitação da diferença, buscam legitimar a exploração e as injustiças sociais.

Por um lado, procura-se dar aos explorados e aos excluídos o suficiente para que sua condição concreta de vida não se tome generalizadamente



insuportável e, por outro lado, busca-se difundir uma mentalidade de convivência pacífica, por meio da qual as desigualdades seriam identificadas com as diferenças, no intuito de enfraquecer qualquer clamor por uma sociedade menos injusta e desigual. Por fim, é necessário, nessa ótica, difundir o ideal da participação colaborativa, construtiva, otimista, em oposição ao espírito pouco construtivo daqueles que criticam o projeto social atualmente hegemônico. (DUARTE, 2001, p. 75)

Ainda segundo Duarte (2001) o relatório educativo apresentado por Delors (1996) visa conciliar concepções completamente distintas de educação, em uma tentativa de superar diferenças. O objetivo seria contribuir para a sobrevivência do capitalismo adotando uma noção de educação permanente em que o educando deveria constantemente se adaptar às imposições do mercado. Por conseguinte, sobre essa justificativa de valorização do conhecimento, escondendo-se a delimitação de conhecimento restrito ao grupo cultural o qual o educando é oriundo.

Duarte (2001) também conclui que, em decorrência dessa delimitação, reduz-se o anseio de aquisição do conhecimento que é desestimulado em decorrência da exigência de aprender a adaptar-se constantemente ao sistema produtivo. Esta perspectiva educacional possui característica utilitarista, uma vez que reduz a formação à sua aplicação imediata no mercado. Ademais, possui uma abordagem esvaziada de conteúdo, porque subsume a totalidade dos conteúdos humanos à sua colaboração com a inovação e a produtividade no emprego.

### **3.3 A TEORIA DO CAPITAL HUMANO E SUA INFLUÊNCIA NO ESCOTISMO**

A concepção de trabalho fundamentada na teoria do capital humano se fez presente no documento escoteiro *Planejamento Estratégico 2011-2015: Muitos olhares, a mesma visão* da UEB ([2010?]). Neste, é citado a "Valorização do capital humano" (UEB, [2010?]) como um dos valores da instituição escoteira, exprimindo como perspectiva, melhorias nas "habilidades, talentos e conhecimento dos profissionais e voluntários" (UEB, [2010?], p. 13).

Com uma linguagem empresarial, a obra supracitada se apresenta, nas palavras do "Presidente do Conselho de Administração Nacional", ensejando que os membros da UEB "vistam a camisa" para que a missão escoteira<sup>30</sup> possa ampliar seu alcance público. De forma símil, no planejamento, ao elencar as perspectivas

---

<sup>30</sup> A missão escoteira é tratada mais adiante no texto.

almejadas a UEB [2010?], exterioriza que estas tratam de seu "negócio social". Ambas as expressões foram colocadas entre aspas pelo próprio autor. Termos que indicam uma perspectiva empresarial para o desenvolvimento do escotismo e que acompanha uma leitura de contexto alinhada a teoria do capital humano.

A teoria do capital humano, desenvolvida por Theodore Schultz (1962 apud FRIGOTTO, 2015a e 2015b) a partir da década de 1980, possui a finalidade de conectar a formação escolar com a produtividade do mercado. Sendo uma das respostas à crise das políticas de bem-estar-social, a teoria visava um conjunto de características que envolviam conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e condições de saúde que seriam capazes de aprimorar a força de trabalho.

Por meio da Teoria do Capital Humano, foram formuladas diretrizes para o planejamento educativo, principalmente nos países de *capitalismo dependente*<sup>31</sup>. Essas formulações tinham como base a concepção de uma ascendência segura, a partir da formação escolar, que permitiria alcançar postos de trabalho com bons salários. No entanto, esta expectativa não se sustentou quando esbarrou nas contradições das relações socioeconômicas, permeadas pela concentração de renda, monopólio da ciência e da tecnologia, desemprego estrutural e a escassez do trabalho assegurado (FRIGOTTO, 2015b).

Frigotto (2015a) descreve que Schultz formulou, como base de seus estudos empíricos, e a partir de suas constatações, a tese de que as famílias que investiam melhor, eram as que priorizavam a saúde e a educação formal. Com base nisso, realizou uma comparação entre o Produto Interno Bruto e o investimento em escolarização, o que em determinado momento revelou uma convergência entre esses dois dados. No entanto, utilizou-se destes indicadores, negligenciando o processo histórico, por exemplo, da relação entre as classes no modo de produção capitalista, pautada na exploração da venda da força de trabalho pelos possuidores dos meios de produção.

A construção da teoria do capital humano, segundo Frigotto (2015a), parte do pressuposto reducionista de que o trabalhador é uma mercadoria. Assim, ele pode ser aperfeiçoado com o devido investimento, da mesma forma que as demais

---

<sup>31</sup> Teoria que parte da premissa que os países periféricos estão sob jugo de uma dominação imperialista dos países metropolitanos. Florestan Fernandes (1972) explica que esta dinâmica envolve a aglutinação de interesses que favorecem uma extrema concentração de renda da burguesia local, dos países subdesenvolvidos, com uma dominação externa, que mina incessantemente as riquezas permanentes.

mercadorias envolvidas na produção. Isto, por si só, carrega uma grande contradição, uma vez que o trabalhador aprimora sua formação para ampliar a produção que, por conseguinte, acarreta na redução do valor de custo desta. Neste mesmo sentido, o aumento da produção resulta a redução do custo trabalhador enquanto mercadoria.

Marx (2004) já havia alertado das consequências na ampliação da produção, pelo trabalhador que vende sua força de trabalho:

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a *valorização* do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens (*Menschenwelt*). O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral. (MARX, 2004, p. 80)

Enquanto o trabalhador se desvaloriza como mercadoria, Marx (2004) esclarece que o capital possui tendência de se concentrar. A concorrência entre os detentores do capital faz com que os que possuem maior concentração de renda levem à falência os que menos possuem. Estes últimos passam a integrar a classe dos trabalhadores, o que faz acirrar ainda mais a disputa por emprego entre os integrantes desta classe. Como resultado, alguns decaem de trabalhadores para a condição de miseráveis, em um movimento de decadência constante na estratificação social.

A concentração do capital não perturba os defensores da teoria do capital humano porque, de acordo com Frigotto (2015a), estes acreditam no pleno emprego e desconsideram a existência do *exército de reserva*. Marx (2013) cunhou este termo ao demonstrar que existe uma propensão de crescimento do número de trabalhadores inativos, o qual ele denominou de exército industrial de reserva, que tende a expandir à medida que a riqueza social aumenta. Essa formação de excedente de força de trabalho acontece quando a exploração da mais valia relativa cresce. Este excedente, no aglomerado da classe trabalhadora, resulta na pauperização desta camada social e, conseqüentemente, na sua marginalização.

### **3.4 A EDUCAÇÃO PARA COMPETÊNCIAS E SUA RELEVÂNCIA PARA O ESCOTISMO**

A educação por competências tem servido como parâmetro tanto na preparação de trabalhadores para o processo produtivo quanto para a educação escolar. Zarifian (1988; 2001; 2003 apud Nomeriano, 2007) desenvolveu estudos da categoria de competências, desde que este modelo de educação e de gestão de recursos humanos nas organizações se destacou a partir dos anos de 1970. Aqui será apresentado a relevância de educação por meio de competência para o movimento escoteiro.

O escotismo possui um programa educativo pautado em objetivos e competências definidos para seus jovens durante sua trajetória neste movimento:

*c) **Objetivos educativos e competências:** a malha de objetivos educativos do Movimento Escoteiro confere coerências, continuidade e complexidade crescente ao processo educativo. Para efeitos de aplicação e avaliação desse processo, eles se apresentam sob a forma de competências;* (UEB, 2013, p.43)

Para a UEB (2013, 2015a) "competências" são definidas como a junção de três aspectos: teoria, prática e sentido da prática. Em outras palavras, o "saber" (ou também chamado de conhecimento), em adição ao "saber fazer" (habilidade), e por fim, adicionado ao "saber ser" (atitude)<sup>32</sup>. Em relação a atitude, são considerados os valores morais que corresponde a ação praticada. Estes três aspectos (saber, saber fazer e saber ser) são três dos quatro pilares abordados por Derlors (1996), sendo que o quarto e último seria "saber viver em conjunto"<sup>33</sup> (WOSM, 2019a).

Rios (1999), ao analisar as competências necessárias aos educadores, define como *competência o saber fazer bem*. O *saber fazer bem* implica no domínio de duas capacidades: o de saber e o de saber fazer. Dessa forma refere-se ao domínio do conteúdo e das técnicas de como executá-lo. O adjetivo *bem*, de como se deve *fazer*, denota a eficiência necessária para que a tarefa empreendida concretize o objetivo almejado.

Rios (1999) especifica que o conceito de *bem*, não pode ser compreendido de forma metafísica, pois entende que sua relevância se vincula às necessidades que são constituídas, historicamente, em cada contexto social. Mesmo porque, ela explica que os conteúdos e técnicas são conhecimentos carregados de elementos

<sup>32</sup> Estes três aspectos não são detalhadamente abordados no significado para escotismo nestas obras, se limitando as explicações aqui apresentadas.

<sup>33</sup>No original *learning to live together*.

políticos e não isentos de diferentes intencionalidades que correspondem às correlações de forças antagônicas presentes na sociedade. A defesa de uma posição “apolítica” na educação demonstra o desconhecimento de sua dimensão política. Por conseguinte, essa negação política se apresenta arraigada de *moralismo* (ética ideológica de moral naturalizada).

Os elementos políticos da educação podem ser notados ao se analisar o processo de formação humana por meio do trabalho. Segundo Ramos (2002), este processo considera a formação enquanto particularidade e enquanto generalidade do indivíduo. Dessa forma, cada indivíduo internaliza os determinantes históricos e sociais, todavia se estabelece por sentidos singulares das relações sociais e dos conhecimentos. A formação a partir de uma sociedade de capitalismo hegemônico resulta em um processo contraditório de subsunção e resistência ao capital.

Na contribuição da análise da pedagogia das competências, Ramos (2002) desvenda que o termo *competência* passou a ser usado como superação da formação, que antes era chamada de *qualificação*. Não se trata apenas de uma mudança terminológica, mas de todo um conjunto de reestruturação na linguagem nas práticas educativas e na organização da formação com a finalidade de se adequar melhor ao modelo de produção flexível. Ou, nos termos da autora, uma mudança de *signo*, um *deslocamento conceitual* de qualificação para competência. Ramos (2002) utiliza do conceito de qualificação como ponto de partida para compreensão das relações de trabalho e educação no processo produtivo.

Sob a predominância do taylorismo fordismo, o conceito de qualificação esteve restrito às relações diretas, por um lado, com a formação e com os diplomas e, por outro, com os códigos das profissões. Isto é, destacaram-se as dimensões conceitual e social, intimamente relacionadas entre si, justificadas por um determinismo tecnológico inicial, seguido por um cunho societal. (RAMOS, 2002, p. 61)

Com o advento das necessidades do trabalho flexível, a rigidez das relações de trabalho estruturado por meio das qualificações passa a ser questionada, isto inclui, como exemplo: especialização do trabalho, classificação de postos de trabalho, planos de carreira, salários fixos e outros. Ramos (2002) exemplifica que a combinação entre a posse do diploma e posse de uma profissão assegurava direitos duráveis que não comungam as necessidades, constantemente mutáveis, dos novos processos gerenciais de produção.

A educação complementar proposta, a partir da aquisição de competências,

satisfaz as novas características valorizadas para formação dos trabalhadores, marcada pela flexibilização do trabalho.

[...] a emergência da noção de competência é fortemente associada a novas concepções do trabalho baseadas na flexibilidade na reconversão permanente em que se inscrevem atributos como autonomia, responsabilidade, capacidade de comunicação e polivalências. Nesse sentido, o domínio do processo de trabalho faz apelo às qualificações tácitas, implícitas e não formalizadas por parte dos trabalhadores. (RAMOS, 2002, p. 66)

Esta transição de organização do trabalho de especialização para o de competências foi fundamental para que o trabalhador pudesse devolver os comportamentos adequados a essas novas relações que se configuram no processo produtivo.

Centrado seu foco no desenvolvimento de atitudes comportamentais e intelectuais/mentais do indivíduo, o modelo da competência tende a desvincular a formação profissional das relações antagônicas entre capital e trabalho, imbuindo-se de uma pretensa neutralidade a respeito. (ALANIZ, 2002 apud NOMERIANO, 2007, p. 47 )

Ao aceitar a neutralidade dessa relação antagônica entre capital e trabalho, as competências incentivam que o indivíduo adapte seu comportamento às vicissitudes do capital, incrementando os interesses de exploração do trabalho que gera valor. Assim, Nomeriano (2007) conclui que o modelo de competências permite seduzir o indivíduo de modo a que ele adquira os mesmos valores de organizações empresariais. Estes valores empresariais se apresentam por meio de características comportamentais subordinados às finalidades competitivas dessas organizações.

Essa prevalência dada aos aspectos comportamentais em relação aos aspectos técnicos, abre, ao capital, a possibilidade de explorar ao máximo o componente intelectual do trabalhador. Ao expropriar todas as suas potencialidades, agora entendidas no saber fazer, saber ser e saber aprender, o capital obtém um controle ainda maior e mais sofisticado sobre esse trabalhador. (NOMERIANO, 2007, p.47-48)

Com isso, conclui-se que o modelo de desenvolvimento de competências do trabalhador visa atender as demandas exclusivas do mercado, que são necessariamente opostas às do trabalho. Ao adotar os comportamentos esperados pelo modelo de competências, o trabalhador se sente impelido a vender sua força de trabalho confundindo os interesses empresariais como se fossem os mesmos que os de sua classe, absorvendo a visão social de mundo que favorece uma classe que ele não pertence.

Visões sociais de mundo seriam, portanto, todos aqueles conjuntos estruturados de valores, representações, idéias e orientações cognitivas. Conjuntos esses unificados por uma perspectiva determinada, por um ponto de vista social, de classes sociais determinadas. (LÖWY 2010, p. 13)

Löwy (2010) explica que as visões sociais de mundo se dividem em duas categorias: uma que reafirma a ordem social vigente, que seria a *visão social ideológica*; e outra que critica, estando inclinada a uma realidade que não existe, que seria uma *visão social utópica*. Nesta perspectiva, uma concepção de trabalho que se pautar na educação por competências, tal qual apresentada no objetivo educativo escoteiro, se mostra alinhada a uma visão social ideológica da classe dominante, vinculando a uma *visão ideológica* que comunga dos mesmos valores, ideias, representações e orientações cognitivas.

### 3.5 A EDUCAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO NO ESCOTISMO

Para melhor compreender a concepção de trabalho dos Escoteiros do Brasil, foi analisado elementos que correspondem ao planejamento deles buscando identificar os fundamentos organizacionais e sua relação com os objetivos propostos que ressaltam a transformação social por meio da educação de crianças e jovens, entendendo como elementos chave deste processo: **o desenvolvimento de competências e o empreendedorismo**. Buscou-se também explorar e analisar os limites da educação escoteira em abordar as contradições inerentes à exploração do trabalho. As falas dos escotistas, seniores e guias aparecem como forma de ilustração dos apontamentos que permitem compreender a concepção de trabalho na realidade estudada.

A análise do Planejamento Estratégico dos Escoteiros do Brasil para o intervalo dos anos de 2016 até 2021, possibilitou identificar os fundamentos que orientam a atuação do escotismo brasileiro na atualidade. Seguindo o mesmo ordenamento apresentado no planejamento, o escotismo no Brasil esclarece, neste documento, que a *missão* do escotismo no Brasil está alinhada à mesma *missão* da OMME.

Contribuir para a educação de jovens, por meio de um sistema de valores

baseado na Promessa e na Lei Escoteira<sup>34</sup>, para ajudar a construir um mundo melhor onde as pessoas se realizem como indivíduos e desempenhem um papel construtivo na sociedade. (UEB, 2016a, p. 14).

Nesta *missão*, o enfoque em “[...] construir um mundo melhor” repousa na atuação de indivíduos que desempenhem papéis importantes na sociedade, que aconteceria conjuntamente com a promoção da cidadania, com uma postura crítica e democrática:

Um cidadão ativo é aquele que se esforça para construir um mundo melhor, que é agente de paz, que respeita as opiniões e as diferenças dos outros. Um cidadão ativo é uma pessoa comprometida e responsável, dotada de pensamento crítico e postura democrática. UEB (2018, p. 14).  
Até 2023, o Escotismo no Brasil será o mais relevante movimento de educação juvenil, possibilitando que 200 mil jovens sejam cidadãos e cidadãs ativos que inspirem mudanças positivas em suas comunidades e no mundo. (UEB,2016a, p. 14).

A UEB (2018) define como um cidadão com pensamento crítico aquele capaz de usar de lógica e de raciocínio para avaliar uma situação. Quanto a última citação acima trata da *visão* da UEB (2016) em seu planejamento estratégico. Para concretizar esta *visão* o movimento escoteiro almeja alcançar em um de seus nove objetivos estratégicos:

- 1.1.1 Compilar e detalhar a Política Nacional de Programa Educativo.
- 1.1.2 Rever que a malha de objetivos educativos e, por consequência, o conjunto de competências oferecemos aos nossos membros juvenis.
- 1.1.3 Inserir, de forma explícita no Programa Educativo, temas que permitam desenvolvimento de **competências relacionadas ao empreendedorismo, finanças, economia e política.**
- 1.1.4 Desenvolver, de forma contínua, o Programa de Proteção Infantojuvenil, capacitando os jovens para que possam reconhecer e se proteger de situações de abuso.
- 1.1.5 Avaliar o alcance e o impacto dos materiais educativos dos Ramos. (UEB, 2016a, p. 24, grifo nosso)

O item 1.1.1 se refere apenas a compilação da Política Nacional de Programa Educativo. Enquanto no item 1.1.2. trata-se de uma revisão dos objetivos e das competências<sup>35</sup> educativas tanto de cada ramo. O item 1.1.4 se refere a inclusão de conteúdos de proteção infantojuvenil, das situações descritas, nos guias escoteiros. No último item, 1.1.5, trata-se de produzir e aplicar uma avaliação dos alcances e

<sup>34</sup> A promessa e a lei escoteira estão disponíveis no Anexo D. Em tiragens diferentes da mesma 10ª edição do P.O.R.a UEB (2013) alterou a primeira lei escoteira "O escoteiro tem uma só palavra, sua honra vale mais que sua própria vida" para "O escoteiro é honrado e digno de confiança". A primeira versão inicial em que este trabalho se refere é identificada pelas alterações datadas no livro de 22/05/2017, já a versão que traz a lei alterada, está datada pelas alterações feitas em 26/10/2020.

<sup>35</sup> Os conceitos de objetivo e competência para os Escoteiros do Brasil encontra-se no subitem 3.3 desta dissertação.



impactos nos materiais educativos escoteiros.

Destes cinco objetivos, no item 1.1.3 encontra-se os elementos mais relevantes nesta pesquisa: desenvolvimento de competências relacionadas empreendedorismo, finanças, economia e política. O enfoque em competências pode ser encontrado no planejamento estratégico dos escoteiros conforme indicado abaixo:

(...) passaremos a incluir nos materiais de Programa temas que permitam desenvolver competências relacionadas ao empreendedorismo, finanças, economia, proteção infante juvenil e política, em estrita conexão com as demandas que a sociedade espera de uma instituição centenária que se propõe a formar líderes. (UEB, 2016a, p. 23)

Ao mencionar a inclusão dessas características para o desenvolvimento do programa escoteiro e entendê-las como oriundas de demandas sociais atuais, o movimento escoteiro se alinha à dinâmica do trabalho pelo desenvolvimento de competências e do empreendedorismo, bem como pretende formar pessoas que assumam o protagonismo deste processo.

Para um entendimento mais abrangente deste processo, é preciso analisar o que o movimento escoteiro entende por empreendedorismo. Na obra denominada *Jovens Empreendedores: como captar e gerenciar recursos para patrulha*, lançada como documento da UEB (2016b) e para suprir o objetivo do programa, citado acima, foram estabelecidas as competências esperadas dos jovens escoteiros para que se tornem empreendedores. Nesta, define-se como empreendedorismo:

(...) a capacidade de propor e executar ideias, buscar soluções e inovar, nos parece que oferecer e estimular os jovens a desenvolver ações que os possibilitem gerar recursos financeiros para conquistar seus sonhos, dentro e fora do Escotismo, seja pertinente ao Propósito do Movimento e ao Método Escoteiro. (UEB, 2016b, p. 5)

Na mesma obra, uma afirmação de que a aquisição de tais habilidades e competências possibilita aos jovens se tornarem “[...] protagonistas de seu próprio desenvolvimento e serem capazes de realizar suas plenas potencialidades” (UEB, 2016b, p.5).

Para fundamentar as habilidades e competências necessárias para que o jovem se torne um empreendedor de sucesso, UEB (2016b) cita David McClelland [19-?] <sup>36</sup> e sua tese comportamental, para defender que as pessoas que trabalham

---

<sup>36</sup> O guia não apresenta referências bibliográficas com ano de publicação, portanto foi utilizado aqui a norma técnica para século provável da obra citada.

com "determinação e afinco", um dos princípios da meritocracia burguesa, são as que conseguem o que querem e as que se destacam porque sabem empreender. Esta definição do perfil empreendedor também está presente na gestão do grupo em questão:

O limite eu acredito... Eu acho que limite ele é uma questão de autoimposição. Porque não há esse limite para nenhuma pessoa. O empreendedorismo ele pode ser feito, ser desenvolvido em qualquer área, por qualquer pessoa. Basta você realmente ter aquele perfil de querer mudar. Isso é algo que não tem como partir de outra pessoa que não seja da pessoa mesmo. Que ela vai ter que se desenvolver em várias áreas. Então eu acredito que o limite é uma autoimposição, não existe esse limite. (Coordenador de métodos).

A referida teoria comportamental, ilustrada pela fala anterior, serve então como justificativa para o enfoque no indivíduo, quanto a responsabilidade de sucesso ou fracasso dos resultados do trabalho empreendedor, desconsiderando qualquer contexto histórico social, uma vez que o sucesso repousa no comportamento do indivíduo.

É divertido pensar que entre vocês, rapazes, que agora estão lendo estas palavras, alguns serão com certeza homens ricos, e alguns eventualmente morrerão na pobreza e na miséria. Isto dependerá da conduta de vocês. (BADEN-POWELL, 2006, p. 280)

A relação que a gente pode estabelecer entre trabalho, riqueza e pobreza seria: se a gente tivesse, se a gente tem um trabalho bom, a gente pode alcançar a riqueza. Se a gente não tem um trabalho tão bom a gente pode ser pobre (...). (Sênior 3)

Nota-se certa naturalidade na forma com que Baden-Powell trata a questão da ligação entre a acumulação de riqueza de uns, em consequência da pobreza de outros, como uma recompensa de merecimento da conduta adotada, tendo como base princípios neoliberais.

A naturalização do processo de enriquecimento por meio da exploração do trabalho não decorre da ação isolada de indivíduos, mas de forma coletiva da composição sociometabólica contemporânea. Enquanto Alves (2008) sinaliza que na nova forma de produção com base no toyotismo o trabalhador se predispõe intelectual-afetiva em uma unidade orgânica de ação e pensamento, Mészáros (2011) desvenda que o capital possui uma forma de controle sociometabólica incontrolável. Nesta ótica, a defesa comportamental do empreendedorismo é parte de uma estrutura totalizadora, que exige dos seres humanos a capacidade de adaptação ao modelo produtivo vigente como única forma aceitável de se viver.

O empreendedorismo eu acho que, no Brasil, o empreendedorismo só é tratado quando tem a falta do seu trabalho. É algo que agente só começa a ter estudo quando tem realmente a falta, e eu acredito que seja algo, principalmente nesse momento de pandemia, que agente meio que caiu a ficha, que é necessário ter uma renda que vá agregar na sua renda principal. Empreender é o, é algo que assim, faz você, com que você cresça. O trabalho, às vezes, não, você fica ali no silêncio e te é cobrado pra você executar algo. E o empreendedorismo não, você tem que desenvolver em todas as suas áreas pra você ter, você ser bem sucedido como empreendedor. (Coordenador de métodos)

A UEB (2016b) afirma que: "Empreender é um desafio e as habilidades e competências relacionadas a ele vêm se tornando uma qualidade cada vez mais requisitadas no mundo atual" (UEB, 2016b, p.7)". O empreendedorismo seria mais do que uma opção, mas uma necessidade para que indivíduo obtenha a renda necessária para sua sobrevivência. Enquanto resigna-se perante a necessidade de complementação da renda, não há um questionamento da razão disto, considerando que o emprego é insuficiente para fornecer uma qualidade de vida adequada.

Mészáros (2011) explica que este sistema de controle sociometabólico é o mais dinâmico se comparado a outros, ultrapassados na história humana, classificando-o também como irrecusável e irresistível. Um sistema a tal ponto totalizador que a perda do controle dos processos de tomada de decisão ocorreria sobre todos e não somente sobre os trabalhadores. Este descontrole afeta até mesmo os mais proeminentes capitalistas, devendo eles também obediência aos imperativos do sistema, sob pena de sofrer perdas no negócio.

O desemprego para incontáveis milhões, entre inúmeras outras bênçãos da "economia de livre mercado", pertence então à categoria da "livre opção econômica", da qual, no devido tempo, surgirão os frutos da "livre opção política" – nada menos (e, certamente, nada mais) do que a "democracia multipartidária". Depois disso, naturalmente, viveremos todos felizes para sempre... (MÉSZÁROS, 2011).

A perspectiva de individualizar as responsabilidades sociais e os meios de transitar pela crise ou por momentos de bonança no sistema atual é reafirmada pelo movimento escoteiro quando este focaliza na educação financeira, meio para regulação da renda e suas variações.

### **3.6 O ESCOTISMO E A EDUCAÇÃO FINANCEIRA**

Assim como o empreendedorismo busca firmar que o trabalhador é

responsável pelos ônus e os bônus de seu sucesso financeiro, a educação financeira abrange também outros aspectos para que o trabalhador se responsabilize pela gestão de sua própria previdência, eximindo o capital e seus detentores das consequências adversas do trabalho. Nesta perspectiva, o escotismo busca orientar seus jovens a serem empreendedores capazes de gerir seus próprios recursos.

O referido manual escoteiro para *Jovens Empreendedores* da UEB (2016b) intenciona auxiliar os jovens, dentro e fora do escotismo, para uma gestão de finanças que ajude a alcançar os objetivos almejados que dependam de recursos financeiros. O guia traz um planejamento de finanças que inclui: noções de contabilidade; aplicações financeiras e elaboração de fichas de atividades de arrecadação de recursos. Na parte contábil ensina-se os elementos básicos do balanço contábil: ativo, passivo e patrimônio líquido, buscando exemplificar sobre as receitas e despesas. As aplicações financeiras são apresentadas como forma de guardar os recursos adquiridos por meio de aplicações de renda fixa<sup>37</sup>: caderneta de poupança, CDB<sup>38</sup>, título do tesouro direto e RDB<sup>39</sup>.

O empreendedorismo e as aplicações financeiras por parte dos trabalhadores representam uma inversão de papéis, no sentido prático e, ainda mais expressivo no sentido ideológico quando o trabalhador acredita estar assumindo uma posição do empresariado. A inversão dos papéis decorre dessa adaptação do comportamento em que todos estão sujeitos em uma sociedade capitalista.

Marx está mais preocupado com os papéis econômicos que os indivíduos desempenham do que com os indivíduos que os desempenham. Por isso, ele examina as relações entre compradores e vendedores, devedores e credores, capitalistas e trabalhadores. De fato, n' *O capital*, o foco está mais nos papéis do que nas pessoas, e Marx reconhece que os indivíduos podem ocupar – e com frequência ocupam – vários papéis diferentes e até mesmo posições profundamente contraditórias (como o trabalhador que tem um fundo de pensão com investimentos no mercado de ações). Esse foco mais nos papéis do que nos indivíduos é tão legítimo quanto se analisássemos as relações entre motoristas e pedestres nas ruas de Manhattan: a maioria de nós já assumiu os dois papéis e soube adaptar seu comportamento a cada um deles. (HARVEY, 2013, p. 40)

Se por um lado educação financeira reforça essa inversão de papéis, em que o trabalhador financia aquele que compra seu trabalho, por outro, ele se torna um

---

<sup>37</sup>As aplicações de renda fixa envolvem menos risco e maior controle do valor do rendimento por ser previamente definido. (PROGRAMA BEM-ESTAR FINANCEIRO, 2018).

<sup>38</sup> Certificado de Depósito Bancário.

<sup>39</sup> Recibo de Depósito Bancário.

guia para não se fixarem completamente expostos aos ditames do mercado (HARVEY, 2013). Na medida em que o empreendedorismo avança, em conjunto com a retirada de direitos e do trabalho formal, resta ao trabalhador a necessidade de buscar novos meios que assegurem sua sobrevivência, nas circunstâncias antes tuteladas pela seguridade social. Eis que neste ponto, o manual para jovens empreendedores se torna um guia de preparação para os perigos da vida contemporânea, que não mais estão na natureza selvagem ou na iminência de guerras constantes, como na época de Baden-Powell, mas na vida moderna cotidiana em situações como a falência financeira ou inalcançável aposentadoria.

A aquisição de ativos financeiros, tanto os de renda fixa quanto os de renda variável<sup>40</sup>, é um subterfúgio que o trabalhador pode se valer para suprir sua subsistência e se proteger de um futuro com qualidade de vida precária. As aplicações em renda fixa, de maior liquidez<sup>41</sup>, podem servir como uma reserva de emergência para eventualidades que um trabalhador autônomo possa sofrer no trabalho ou na vida cotidiana. Enquanto nas aplicações de renda variável, o risco se torna menor no longo prazo, servindo de retornos que podem contribuir para uma melhor aposentadoria ou mesmo independência financeira da empregabilidade (PROGRAMA BEM-ESTAR FINANCEIRO, 2018).

Em relação às atividades de arrecadação financeira sugeridas no *Jovens Empreendedores*, algumas já são práticas semelhantes são corriqueiras do escotismo anapolino.

Eles se organizam, por exemplo, se eles querem acampar, então o que que eles fazem pra acampar? Eles ficam fazendo docinhos, brigadeiros, ficam vendendo para ter recursos financeiros para conseguir participar das atividades [...] Então a gente ensina o que, economia, porque o que eles fazem? Tem muitos jovens que recebem mesada, daí eles vão economizando sua mesada para a inscrição. Então, a gente fala pros pais "não paga a inscrição não", "não deixa as coisa fácil pro menino não", ele tem que sentir e valorizar. Porque tudo que é ganhado assim de mão beijada, a pessoa não valoriza [...]. Se você não consegue o valor total para participar de um acampamento, pelo menos metade o jovem paga e a outra metade o grupo escoteiro banca. Mas a gente nunca costuma bancar tudo, nós já vimos vários casos que o jovem não reconhece, não valoriza (Presidente).

Empreendedorismo é você fazer alguma coisa, empreender alguma coisa no movimento escoteiro não é muito fácil. Movimento escoteiro ele tem as

---

<sup>40</sup> Neste tipo de aplicação envolve maior risco de oscilações ou mesmo perda de parte do valor investido, porém com possibilidades de maiores rendimentos. (PROGRAMA BEM-ESTAR FINANCEIRO, 2018).

<sup>41</sup> Capacidade de resgatar a aplicação em dinheiro. (PROGRAMA BEM-ESTAR FINANCEIRO, 2018).

regras básicas, então assim nós somos impedidos de, a gente já tentamos algumas coisas pra ver se avançava. Precisava achar alguma coisa pra se manter. Dentro do empreendedorismo seria um artesanato, alguma coisa nesse lado poderia estar ajudando. [...] Economia, dentro do escotismo é a coisa mais complicada do mundo, a gente trabalha com a taxa de inscrição que ele vai um pouco pra UEB nacional, UEB regional, fica um pouquinho lá para o grupo. Essas galinhadas, atividade que a gente faz junta um dinheiro [...] (Chefe Sênior).

Como se pode perceber os escotistas do grupo relatam dificuldades financeiras na administração do grupo, bem como nos gastos dos jovens para participarem das atividades. A falta de recursos é explorada de forma educativa justificando que é por meio das dificuldades em obtê-los é que se garante que se atribua seu devido valor. Todavia, mesmo com o empenho descrito pelos escotistas, a "regra" do esforço não surtiu o efeito esperado para que o grupo se tornasse próspero financeiramente. Como não há uma forma permanente de arrecadar recursos, é constante a necessidade deles despenderem de seu capital individual para financiar o grupo.

Além disso, acreditamos que ensinar o jovem, desde cedo, a gerar receita e utilizar o dinheiro de maneira responsável, é uma excelente opção para potencializarmos futuros empreendedores e minimizarmos as chances de uma geração de endividados. (UEB, 2016b, p. 5)

Evidencia-se que este enfoque da proposta educativa escoteira parte do princípio de que, por meio da educação dos indivíduos torna-se possível impedir que se crie uma geração de endividados, ou que resulte em uma condição menos expressiva de desigualdade socioeconômica (UEB, 2016b). Todavia, o contexto periférico e histórico brasileiro revela um movimento diferente. A educação financeira, tal qual exposta anteriormente, mostra-se irrealizável para a maioria das pessoas, considerando a distribuição desigual de oportunidades de trabalho na atual configuração das relações de trabalho.

Mesmo com as mediações da realidade brasileira, o sucesso continua fortemente atribuído ao esforço individual, inclusive nas palavras dos próprios membros da tropa sênior: "a riqueza e a pobreza depende do seu esforço no trabalho, eu acho que é isso pra mim. E sobre esse assunto no escotismo eu não me lembro" (Sênior 1).

A não concretização do sucesso financeiro de todos, ao contrário do que é creditado na fala a cima, não depende do esforço. Por mais que o manual escoteiro traga dicas práticas, e possivelmente úteis, para que os futuros adultos estejam

preparados para proteger e expandir seus recursos, é a partir da classe social em que ele se insere, que será possível proporcionar um papel para cada indivíduo, dentro da estrutura social orientada pelo capital, bem como seu grau possível de sucesso no ambiente do livre mercado. Pois vale lembrar que "ser empreendedor" não torna ninguém possuidor dos meios de produção, como foi discutido no capítulo II desta dissertação.

Como vimos, as possibilidades de ascensão social aos trabalhadores estão vinculadas a sua classe social. O ambiente de educação formal, representado pela escola, convive, no Brasil, com uma dualidade estrutural na formação de alunos que têm acesso a educação diferenciada, conforme a classe em que pertencem. Na análise dos documentos do movimento escoteiro mostram que o escotismo enfrenta um dilema nesta questão.

Além disso, atendemos fortemente uma parcela, ou seja, um grande extrato dos nossos escoteiros é oriundo das classes média/média alta. Temos penetração moderada nas classes populares e nas comunidades de baixa renda, privadas de uma educação de boa qualidade ou mesmo outras formas de educação não formal. Desta maneira, nossa capacidade de transformação social acaba sendo limitada. (UEB, 2016a, p.16)

Os Escoteiros do Brasil reconhecem que há um delimitador de acesso a formação, por eles oferecida, que está vinculada a uma questão de classe. Participar do escotismo exige um mínimo de despesa que impede a participação de pessoas de classes sociais desprovidas de recursos. Os participantes têm que arcar com despesas do uniforme que inclui: a compra separada de acessórios, roupa para atividades esportivas, anuidade, mensalidade, despesas de atividades individuais internas e externas, dentre outras.

(...) hoje o escotismo abrange mais uma população mediana. Então a maioria deles estudam em escolas boas. Mas tem muito poucos meninos de periferia. O escotismo se tornou caro, um uniforme escoteiro hoje completo é duzentos reais. Você paga mais uma mensalidade de vinte e todo acampamento é pago. É uma atividade prazerosa, então hoje tem esse problema da desigualdade. Aqueles que têm menos posse, sente dificuldade de fazer as atividade escoteiras (...). (Chefe Sênior)

Embora esta questão financeira seja um delimitador na participação do brasileiro no movimento escoteiro, a UEB (2016a) entende que o número de participantes deveria ser mais expressivo do que os 80 mil associados, se for considerando o proporcional em relação ao tamanho da população equiparando a outros países, embora ela não esclareça quais países se refere esta comparação.

Mas seguindo este raciocínio poderia se ter um ponto de partida para investigar uma possível dualidade estrutural de acesso ao movimento escoteiro a partir da origem de classe social.

Como forma de solucionar este problema, a UEB (2016) propõe a ampliação de unidades escoteiras por meio de parcerias que incluem, desde espaços públicos como escolas, instalações de forças armadas e até mesmo espaços privados. Cabe então perguntar se uma eventual parceria com tais instituições, poderiam influenciar na formação escoteira, conforme os objetivos, interesses e valores próprios de cada um desses locais, uma vez que, na história do escotismo, aqui apresentada, o movimento sofreu forte influência do militarismo, durante seu período de expansão, por estar vinculado às instituições militares.

### **3.7 POTENCIALIDADES E LIMITES DA FORMAÇÃO SÊNIOR POR MEIO DE COMPETÊNCIAS**

As concepções de trabalho e educação revelam os movimentos postos na educação escoteira. Neste item será apresentado uma síntese das informações sobre a base formativa do Ramo Sênior, as competências almejadas e a repercussão da formação escoteira para os sêniores e guias de Anápolis.

A UEB assim destaca alguns benefícios da formação do escoteiro na idade sênior:

Os jovens, na idade do Ramo Sênior, são atraídos pelo Movimento Escoteiro porque querem fazer atividades interessantes e desafiadoras, testando seus limites. Eles se conhecerão melhor, aceitarão e aprimorarão suas características pessoais em uma permanente busca de sua identidade. (UEB, 2015a, p. 30).

Sobre este primeiro aspecto formativo, na busca da identidade individual, apresentado para o Ramo Sênior, Gohn (2006) assinala que em espaços educativos não formais, voltado para jovens, costumam apresentar resultados que ajudam em seu desenvolvimento. Um desses resultados se refere à auto valorização, ajudando o jovem a, por exemplo, superar preconceitos sofridos e compreender a necessidade de reconhecimento de suas diferenças em seu meio social.

Nós explicamos para os meninos para ter paciência e para ajudar esses



jovens que tem essa diferença para participar também e não deixar de lado. Porque uma coisa que agente sempre procura ver é o *bullying*. Porque agente sempre presta atenção para que não ocorra o *bullying*. (Presidente do Grupo)

O escotismo possui um programa educativo sistematicamente elaborado. Sua prática decorre por meio de um método educativo "[...] composto por um conjunto de elementos que procuram converter ao jovem como principal agente de seu desenvolvimento, de maneira que chegue a ser uma pessoa autônoma, solidária, responsável e comprometida" (UEB, 2015a, p.31) . O programa educativo se divide em quatro princípios: aceitação da Promessa e da Lei Escoteira; aprender fazendo, vida em equipe, denominada nas tropas "sistema de patrulhas"; atividades progressivas, atraentes e variadas; desenvolvimento pessoal com orientação individual.

As mesmas características do método educativo escoteiro descritos pela UEB (2015a) se fazem presentes no escotismo a nível mundial. A UEB (2013) e WOSM (2019b) acrescentam como características intrínsecas ao programa educativo: o apoio de adultos; o quadro simbólico da identidade escoteira; a aprendizagem ao ar livre em conjunto com a natureza; e o envolvimento em atividades comunitárias.

Com as galinhadas, as feijoadas. São essas campanhas financeiras que agente faz(...). Esse ano o que que agente fez: como agente tava na pandemia, agente resolveu vender máscaras. (...) O pessoal sempre me vê pedindo doação de roupas para orfanato, para asilo, fraldas geriátricas. (...). Toda a renda arrecadada pras vendas das máscaras foi para reforma do grupo. E a festa junina que agente fez esse ano foi por meio de *drive thru*. (Presidente do Grupo)  
 (...) o trabalho é algo que você faz independente de ser remunerado ou não. Tipo no escoteiro, você faz um trabalho voluntário, você não espera nada em troca. (Guia)

A contribuição formativa do programa educativo visa um desenvolvimento gradativo de competências dividido em etapas que julgam ser comuns à maioria dos jovens. Além das etapas já definidas pela faixa etária para membros do Ramo Sênior, cada indivíduo possui sua própria etapa de desenvolvimento que simboliza sua progressão no ramo, o qual está enquadrado naquele momento.

Nas etapas percorridas dentro de cada ramo, embora comuns a todos, existe um sistema de preparação do chefe escoteiro para que ele esteja atento às particularidades de cada escoteiro. Inclusive, sugere considerar a história de vida de cada um.

Observe que a divisão dos períodos e fases considera a maturidade

apresentada pelos jovens em determinadas idades, mas embora o critério de idade seja baseado no que se observa na maioria dos jovens, deveremos estar atentos para o fato de que as pessoas são diferentes, com diferentes histórias e possibilidades, razão pela qual deveremos, principalmente, avaliar como poderemos ajudar os jovens a crescer (UEB, 2015a, p. 37).

O programa educativo mencionado visa a educação integral do jovem, no sentido de completar a formação escolar com a educação escoteira. Para tanto, considera que este processo de desenvolvimento deve abarcar em seis áreas: "Desenvolvimento Físico, Intelectual, Social, Afetivo, Espiritual e do Caráter" (UEB, 2015a, p. 39).

Para alcançar este desenvolvimento integral proposto, são definidos alguns objetivos que tem como parâmetro condutas consideradas comuns à maioria das pessoas. Estas condutas são denominadas de "objetivos intermediários" ou "objetivos educativos", enquanto as seis áreas de desenvolvimento são chamadas de *objetivos finais* ou *terminais* (UEB, 2015a).

Na avaliação dos objetivos, estes são transformados em competências, que compõem uma lista de atividades. As etapas de progressão sênior foram divididas em três, sendo elas: escalada, conquista e azimute. Destas etapas espera-se o desenvolvimento de 32 competências que devem ser adquiridas progressivamente. O alcance dessas competências é definido a partir do cumprimento de 75 atividades pré-definidas. A cada 1/3 de atividades sênior cumpridas, passa-se de uma etapa para outra. Novamente, a UEB alerta que na avaliação do cumprimento das atividades deve ser observada as particularidades individuais, incluindo as limitações ou as superações previamente percebidas, podendo o chefe escoteiro desconsiderar a necessidade do cumprimento de alguma atividade (UEB, 2015a).

Temos pedagogos e psicólogos que são chefes também. Nós deixamos mais eles acompanhando os meninos, mas eles continuam trabalhando como chefes do Ramo Sênior. Mesmo com essas diferenças, para conquistar o distintivo de escoteiro da pátria, que é o distintivo especial do grau máximo, nós não exigimos tanto do jovem que não tem tanto conhecimento, tanta habilidade ou coordenação motora como dos outros jovens. (Presidente do Grupo)

Como se pode notar, a avaliação das competências é adaptada às condições e limitações de cada indivíduo. Os jovens utilizam de seus conhecimentos prévios e vão desenvolvendo buscando superar suas próprias limitações aprendendo na prática. As áreas de desenvolvimento e as competências para os seniores e guias estão citadas no **Quadro 1** a seguir:

**Quadro 1: Competências do Ramo Sênior**

<b>Área de Desenvolvimento</b>	<b>Competência</b>
<b>DESENVOLVIMENTO FÍSICO</b>	Cuido da minha saúde, evito hábitos que possam comprometê-la, e aceito a minha imagem corporal, compreendendo as diferenças físicas e psicológicas entre homens e mulheres.
	Assumo tarefas permanentes na organização e limpeza dos ambientes que utilizo e mantenho constantemente uma boa apresentação pessoal.
	Preparo programas de alimentação apropriados para diversos tipos de atividades da minha patrulha, distribuindo-os corretamente ao longo do dia, incorporando também uma alimentação saudável ao meu cotidiano.
	Valorizo o meu tempo, adequando-o às minhas obrigações, compromissos familiares e sociais, sem abrir mão dos momentos de descanso e lazer.
	Acampo em boas condições técnicas e participo frequentemente das atividades ao ar livre com minha patrulha.
<b>DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL</b>	Mantenho-me informado da atualidade pelos mais diversos meios, avaliando-os criticamente e fundamentando minhas opiniões.
	Demonstro capacidade de sintetizar, criticar e propor alternativas a serem analisadas pelos meus amigos.
	Procuro conhecer diversas opções vocacionais, associadas aos meus interesses e aptidões.
	Exponho minhas criações artísticas.
	Mantenho minha individualidade, analisando criticamente modismos e ídolos.
	Correlaciono meus valores e crenças pessoais com os métodos empregados pela ciência.
<b>DESENVOLVIMENTO DO CARÁTER</b>	Reconheço o significado da Lei e Promessa Escoteiras, considerando os valores pessoais nelas contidos como úteis para minha vida.
	Possuo capacidade de auto-crítica, procurando identificar minhas capacidades e limitações e a partir delas projetar melhorias para minha vida.
	Realizo ações para melhoria pessoal a partir de metas elaboradas em minhas auto-avaliações e consigo avaliar os resultados alcançados.
	Demonstro através de minhas atitudes em todos ambientes em que convivo, inclusive em minha seção, os valores que me inspiram.
	Sou reconhecido em todos os ambientes em que convivo como uma pessoa alegre e otimista, capaz inclusive de rir de meus próprios absurdos, mas sem praticar um humor hostil, preconceituoso ou vulgar.
	Reconheço que minha patrulha é uma comunidade de vida com a qual posso contribuir com minha experiência pessoal e na qual posso receber críticas construtivas que auxiliem meu crescimento.
<b>DESENVOLVIMENTO AFETIVO</b>	Consigo controlar progressivamente meus sentimentos e emoções, compartilhando-os com meus amigos e aceito sem depressões meus insucessos.
	Sei expressar respeitosamente minhas opiniões, sem menosprezar as alheias e mantenho amizades profundas.
	Respeito e defendo o direito de todos serem valorizados pelo que são e não pelo que têm e atuo de forma solidária e fraterna sem esperar retribuição.
	Assumo atitudes coerentes com meus valores, a respeito de temas relacionados com a sexualidade.
	Amplio minha autonomia respeitando limites, contribuo para um ambiente familiar saudável e valorizo o equilíbrio nas relações amorosas.
<b>DESENVOLVIMENTO SOCIAL</b>	Assumo posição ativa diante dos abusos à dignidade das pessoas.
	<b>Valorizo a democracia respeitando a autoridade legitimamente constituída, aceito e compreendo a importância das normas, sem renunciar ao direito de lutar para modificá-las, bem como respeito as ideias opostas às minhas e exerço minha autoridade sem abusos.</b>
	Participo de atividades de serviço comunitário dentro e fora do Movimento Escoteiro, conhecendo as principais organizações sociais e de serviços comunitários

	da minha cidade.
	Conheço a rica herança cultural brasileira e sou capaz de expressá-la por meio de manifestações artísticas.
	Valorizo a diversidade cultural e a fraternidade escoteira mundial, possuindo informações gerais sobre o Escotismo na América Latina.
	Sou capaz de identificar os principais problemas que afetam o meio ambiente na minha comunidade, participando de projetos de conservacionismo com jovens não vinculados ao Movimento Escoteiro.
<b>DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL</b>	Demonstro por meio de minhas atitudes diante da Natureza, que tenho consciência de minha responsabilidade com a obra de Deus.
	Busco confirmar minha opção religiosa, aprofundando meus conhecimentos sobre ela.
	Procuro refletir diariamente sobre a relação de coerência entre meus atos e os valores de minha crença religiosa, especialmente diante das decisões mais importantes de minha vida.
	Conheço os conceitos básicos das principais religiões e me interesso pelo pensamento religioso das pessoas com quem convivo.

Fonte: UEB, 2015, grifo nosso.

Os roteiros das perguntas, tanto das entrevistas quanto do grupo de discussão, não foram elaborados considerando as áreas desenvolvimento das competências. Porém, foi possível estabelecer vínculos entre as falas dos sujeitos, com algumas das competências esperadas pelo Ramo Sênior.

As competências esperadas para sêniores e guias no escotismo possuem uma gama de aprendizados para além do que são esperados por instituições não formais de educação. O programa escoteiro possui etapas de desenvolvimento por meio de atividades específicas, que devem ser cumpridas para que tal competência possa ser alcançada. Este aspecto se difere do que Gohn (2006) indica sobre a educação não formal, que ocorre de maneira não esperada, sem certificações ou titulações. Um exemplo é o uso de distintivos escoteiros<sup>42</sup> para especialidades<sup>43</sup>, que são conquistados de acordo com um cumprimento mínimo de determinadas etapas vinculadas a algum ofício de trabalho. Os distintivos escoteiros se assemelham aos que são afixados em uniformes militares em decorrência de méritos conquistados durante sua trajetória na instituição.

Na primeira **área de desenvolvimento**, que trata do **físico**, tem-se a valorização de competências de cuidado pessoal, que vão desde a higiene até a imagem corporal. Valorizam-se as atividades saudáveis, ao ar livre e alimentação mais adequada, longe de vícios e de quaisquer estilo de vida que possam prejudicar

<sup>42</sup> Distintivos Escoteiros são acessórios, geralmente de tecido, que são afixados nos trajes oficiais que podem apresentar diversos significados, dentre eles: a filiação aos Escoteiros do Brasil, a modalidade do escotismo de um grupo, identificação da unidade local, anuidade, participação em atividades, graduação, idiomas, especialidades alcançadas e vários outros elementos (UEB, 2013).

<sup>43</sup> Especialidades são distintivos usados no cumprimento de etapas divididas em três níveis percentuais de cumprimento, possuindo cinco ramos de conhecimento que se subdividem em centenas de especialidades pela UEB (2021).

o corpo humano.

No escoteiro, antes de eu entrar pra aí eu era muito desorganizado com as coisas. Minhas coisas da escola, de tudo. Aí entrei para o escoteiro, eu vi que, pensava que entrar pro escoteiro eu ia só ralar no chão, terra. Eu aí eu comecei a ver que tem algo muito mais além disso: ter dignidade, ensinar a ter organização com as coisas, se aproximar mais de Deus, porque "O escoteiro é limpo de corpo e alma". Então, não adianta nada ele ser uma pessoa boa para os outros, por fora e ser um lixo por dentro. Então o escoteiro me ensinou muita coisa e, hoje em dia, eu sou o que sou hoje por causa do escoteiro também, me ajudou bastante. (Sênior 4)

Esta perspectiva higienista do escotismo ajuda o jovem no autoconhecimento corporal, contribuindo, inclusive, com a compreensão de suas mudanças biológicas, sua identificação sexual e desenvolvimento de uma vida amorosa que preserve a saúde (UEB, 2015a).

Na segunda **área, do desenvolvimento intelectual**, o escotismo pretende estimular o pensamento crítico das questões da atualidade, bem como a arte, o desenvolvimento vocacional diverso de atividades com base nas aptidões e o conhecimento científico. O uso dos termos "vocação" e "aptidão" ainda sugerem um alinhamento a uma concepção de trabalho nos moldes fordista/taylorista, estando desconectados com a concepção de trabalho esperada por um mundo do trabalho que busca cada vez mais valorizar a capacidade dos indivíduos em se adaptar a diferentes ofícios de trabalho. Já em relação ao desenvolvimento vocacional diversificado, sugere a flexibilidade almejada no contexto da acumulação flexível.

O desenvolvimento de opiniões críticas é uma competência esperada no desenvolvimento intelectual. No intuito de lograr êxito neste objetivo, sugere-se a realização de debates, como exercício para se fundamentar opiniões de forma democrática:

Um bom exercício para uma noite de inverno, ou de chuva, na sala da sede é realizar um debate sobre qualquer assunto de especial interesse, como o Chefe escoteiro atuando como presidente da reunião. Previamente o Chefe Escoteiro providenciará para que haja um orador preparado para apresentar e defender um ponto de vista sobre o assunto e outro preparado para expor uma opinião contrária (Baden-Powell, 2006 ,pg. 66).

O exercício proposto se encerra com o votos aprovando ou rejeitando a moção apresentada, depois de ouvir cada um dos demais que queiram expor seu ponto de vista a respeito do assunto. Valendo lembrar que o senso crítico, para o escotismo, se limita a organização racional de ideias, e não com relação a crítica ao sistema produtivo e suas consequências a partir do trabalho precarizado.

Na sequência tem-se a **área de desenvolvimento do caráter**, que é apontado como um elemento de grande relevância no escotismo, por isso se configura como o terceiro conjunto de competências. Há preocupação de que os sêniores e guias desenvolvam um caráter considerado exemplar na sociedade atual, tal qual B.P. acreditava ser um código de conduta de cavaleiros. Incentiva-se, conjuntamente, o sentimento de comunidade "(...) o Escotismo não é apenas divertimento pois também exige de você uma série de obrigações; mas eu sei que posso confiar em você e que você fará tudo o que for humanamente possível para viver de acordo com a promessa que fez " (Baden-Powell, 2006, p. 46).

Há uma expectativa que o sênior e a guia se tornem pessoas de destaque em todos os ambientes por eles frequentados, inclusive no ambiente de trabalho. De acordo com os relatos e literatura escoteira, além dos aspectos formais descritos no programa escoteiro, o escotismo ajuda a construir e solidificar relações de confiança.

(... ) o que que acontece no nosso grupo, nós fizemos uma conversa lá com a Geolab a respeito de dar um emprego para os jovens, porque lá ele emprega o jovem aprendiz. A empresa comprou a ideia, então nós já tivemos dois ou três jovens do movimento escoteiro que foram ingressados lá, foi um facilitador dele ser escoteiro. A empresa deu pra nós essa possibilidade e agente queria alcançar isso em outras empresas, então começamos com algumas (...) Ele acha interessante porque é um menino que ele pode confiar, então ele deu a oportunidade e os meninos chegaram a abraçar essa oportunidade e ele se sentiu, ele viu que os meninos estavam preparados: psicologicamente, nessa parte de fazer mesmo, eles compraram a ideia e parece que foi bom, foi bom para o empresário contratar um escoteiro (Chefe Sênior).

O objetivo do escotismo é de realmente contribuir para a formação de um jovem. Porque as leis, as promessas, a base do escotismo sempre trabalha com isso. Atualmente ensina muitos valores que muita gente não aprende em casa: ensina a lealdade. Todas as leis lá cabe com a formação do jovem. E a gente escuta muito de quem já foi escoteiro, quem ainda é, que se não fosse o escotismo as coisas seriam bem diferentes. A falta da educação que muita gente não tem em casa, recebe no escotismo, isso contribui muito na vida de um jovem. Ainda mais num mundo que está tão conturbado, é difícil achar um movimento que contribui tanto quanto o escotismo. (Sênior 1)

Segundo o relato dos próprios escoteiros, a sociedade tem uma receptividade com maior confiança em um jovem oriundo do movimento. Eles justificam isto com base em uma formação solidificada em uma relação de maior confiança em pessoas que passaram pelo escotismo, que tem uma tradição fortemente fundamentada na lealdade e na verdade.

A patrulha em que o jovem está inserido na tropa sênior serve como uma pequena comunidade em que ele compartilha elementos que ajudam a constituir seu caráter e que está ligado a **área de desenvolvimento de vínculos afetivos**. A UEB

(2015a) orienta quanto às relações de carinho, bem querer e chama atenção sobre evitar situações de atividades que envolvam toque íntimos que possam proporcionar libido. Destaca, também, que as amizades permitem o apoio mútuo e o compartilhamento de ideais e sentimentos. Por fim, estimulam o fortalecimento de uma boa relação do jovem com sua família.

Se a gente for responder aqui, a gente fica até amanhã porque é muita contribuição que o escotismo gera pra gente: você pensa de uma maneira diferente, você aprende a trabalhar em equipe, e você, com pessoas, você acaba criando um laço com as pessoas que você nem conhecia e hoje você considera como uma família (...) você fica mais organizado sim e você aprende a caminhar com as próprias pernas, aprende a ser honesto, gentil, cortês. (...). (Sênior 2)

Eu acho que o escotismo trouxe para minha vida independência (...).O escotismo não é só presença ali todo sábado, A gente passa pelo escotismo pra viver o resto da vida. É uma coisa que você nunca esquece. É uma coisa que te marca muito. Não é uma coisa que a gente aprende só num sábado que a gente se encontra. (...) É o lugar onde a gente tem amigo, é um lugar onde a gente cria algo muito incrível com outras pessoas e onde a gente tem momentos inesquecíveis é o acampamento. (Guia 1)

No que tange ao desenvolvimento afetivo, as competências de sênior e guias visam desenvolver relações de fraternidade e vínculos duráveis, ao contrário do que ocorre com a fragilidade nos laços sociais contemporâneos.

E assim a política de "precarização" conduzida pelos operadores dos mercados de trabalho acaba sendo apoiada e reforçada pelas políticas de vida, sejam elas adotadas deliberadamente ou apenas por falta de alternativas. Ambas convergem para o mesmo resultado: o enfraquecimento e decomposição dos laços humanos, das comunidades e das parcerias. Compromissos do tipo "até que a morte nos separe" se transformam em contratos do tipo "enquanto durar a satisfação", temporais e transitórios por definição, por projeto e por impacto pragmático - e assim passíveis de ruptura unilateral, sempre que um dos parceiros perceba melhores oportunidades e maior valor fora da parceria do que em tentar salvá-la a qualquer - incalculável - custo. (BAUMAN, 2001, p. 146)

O desenvolvimento afetivo proporcionado a estes sênior e guias vai na contramão dos laços sociais frágeis e líquidos, descritos na sociedade atual que, por serem mais fluídas, são menos duradouras e desinteressadas de um senso comunitário.

Na **área do desenvolvimento social**, o grifo que destaca a segunda competência do quadro acima, traz um elemento que promove a democracia e o direito de se manifestar em prol da conquista de novos direitos, bem como rechaça o autoritarismo. Elementos estes que são de preocupação de escotistas do grupo entrevistado, mas é tratado de forma delicada dificultando a efetivação do desenvolvimento desta competência.

(...) É complicado agente falar questão de política, mas é algo que eu coloco que seria muito interessante. Não tem como agente ensinar o jovem a lutar por seus direitos sem que agente possa realmente não falar de partidos, da política em si (...). (Coordenador de métodos).

Apesar da dificuldade de tratamento da temática política, esta área também apresenta outros elementos potenciais, além dos que já foram comentados: a valorização cultural e artística do povo brasileiro, o envolvimento em programas sociais comunitários, a dignidade humana e os problemas socioambientais.

Quanto ao **desenvolvimento espiritual**, as competências do Ramo Sênior acatam a multiplicidade de crença e estimula o conhecimento sobre as diversas religiões. É curioso verificar que nesta área do desenvolvimento reside a educação ambiental<sup>44</sup>.

Eu acho que tem sim diferença de níveis, mas no escotismo isso é bem pouco, faz muito pouca diferença lá dentro. Porque agente não tem diferença com quem tem mais e quem tem menos. (Sênior1)

Na área de competências espirituais reside os princípios do escotismo, os quais são: deveres para com Deus, para com o próximo e para consigo mesmo (UEB, 2015). Os princípios escoteiros possuem uma consonância com a religiosidade e com a solidariedade com o próximo, que, por vezes, vem antes de si mesmo.

Ao percorrer todas as cinco áreas das competências do Ramo Sênior, percebe-se que elas possuem certa equivalência em alguns aspectos os quais Gohn (2006) expõem a quanto aos processos educativos de desenvolvimento em espaços não formais. Na criação de uma consciência coletiva, no sentimento de identidade com a comunidade escoteira, na formação para enfrentamento de adversidades da vida, na autovalorização e em uma certa perspectiva de compreensão de mundo.

A educação não- formal poderá desenvolver, como resultados, uma série de processos tais como:

- consciência e organização de como agir em grupos coletivos;
- A construção e reconstrução de concepção(ões) de mundo e sobre o mundo;
- contribuição para um sentimento de identidade com uma dada

---

<sup>44</sup>A Educação Ambiental (EA) é outra competência esperada não somente para este ramo, estando também presente em toda trajetória dos participantes do escotismo. A concepção de Educação Ambiental do escotismo seria melhor analisada em um estudo específico que contribuiria para alargar o conhecimento a respeito da concepção de trabalho dos escoteiros, isto partindo do entendimento que a questão ambiental se refere a um desdobramento da forma de produção material por meio do trabalho humano. Preliminarmente, o fato da EA estar vinculada ao desenvolvimento espiritual denota que o escotismo não entende sua relação com a natureza se inicia por meio do materialidade do trabalho humano.



comunidade;

- forma o indivíduo para a vida e suas adversidades (e não apenas capacitação para entrar no mercado de trabalho);
- quando presente em programas com crianças ou jovens adolescentes a educação não-formal resgata o sentimento de valorização de si próprio (o que a mídia e os manuais de auto-ajuda denominam, simplificada, como a auto-estima); ou seja dá condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de auto-valorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos, o desejo de lutarem para ser reconhecidos como iguais (enquanto seres humanos), dentro de suas diferenças (raciais, étnicas, religiosas, culturais, etc.);
- os indivíduos adquirem conhecimento de sua própria prática, os indivíduos aprendem a ler e interpretar o mundo que os cerca. (GOHN, 2006, p. 30-31)

Os processos de desenvolvimentos descritos se fazem presentes quando se compara ao programa educativo escoteiro às competências esperadas para o Ramo Sênior e as falas dos sujeitos. Percebe-se que o escotismo possui uma elaboração substancial para cumprir os objetivos que almeja, fornecendo uma formação abrangente a seus jovens, com um forte apelo ao desenvolvimento do caráter.

A gente aprende trabalho, lá no escotismo, como uma coisa que a gente faz em equipe - a gente é uma engrenagem que faz a coisa fluir, cada um tem sua função. A gente aprende que a lealdade é acima de tudo. Dificilmente um escoteiro que trabalhar em algum lugar, vai roubar, pegar dinheiro escondido. Porque no escotismo ele aprendeu que é errado. (Sênior 1)

O escotismo enquanto espaço formativo não formal, assim como qualquer outro espaço educativo, está fundamentado sobre uma concepção de trabalho que se relaciona dialeticamente com a concepção de trabalho dominante em nossa sociedade.

Eles falam até que o movimento escoteiro é educação informal. Por que não deixa de ser educação porque a gente ensina os meninos. Por exemplo: os mais velhos, da tropa sênior e do ramo pioneiro agente ensina os meninos o respeito, a cidadania, o compromisso e a responsabilidade. O que você falou tem que ter palavra, o que falou tem que cumprir. Ensina os meninos para serem inseridos na sociedade como bons jovens e os melhores cidadãos. (...) (Presidente).

O aprender fazendo mostra que o escoteiro é um cara que tem que trabalhar constantemente. Então pra ele poder adquirir aquilo que ele almeja, ele tem que trabalhar bem. E o trabalho então é o que dignifica a pessoa, dignifica o jovem (...). (Chefe sênior)

O programa educativo escoteiro, assim como na fala acima, sustenta a formação da cidadania como um elemento fundamental para o jovem. Entretanto esta formação desconsidera as contradições da cidadania burguesa abordadas no capítulo I. As competências do Ramo Sênior se eximem de estabelecer correlação da estrutura do trabalho contemporâneo com os problemas ambientais, sociais e econômicos abordados. Ao desconsiderar o contexto social de produção material com base do processo do desenvolvimento de competências, a formação do jovem

se torna abstração desconectada da realidade histórica e universal; mas idealizado a partir de uma concepção de trabalho fomentada pelos interesses do capital.

Contudo cabe salientar que as competências do Ramo Sênior abrangem uma série de elementos que se alinham a conquistas históricas da humanidade, como, por exemplo: os direitos humanos, a democracia, a diversidade, a cortesia, a paz mundial, a práticas saudáveis e livres de vícios e vários outros elementos que instigam as crianças e jovens a uma vida com maior qualidade e harmonia social. O escotismo se desenvolve como um espaço de pluralismo de ideias e com capacidade de se tornar um espaço de maior contradição na questão do trabalho contemporâneo.

Ao identificar uma abordagem delimitada pela cidadania burguesa, entende-se a relevância de contribuir para uma educação com fundamentos do trabalho de emancipação de indivíduos e com vistas a transformação social, tão almejada pelo escotismo. Para tanto propôs-se elaborar um material escoteiro com conceitos do trabalho e de seu contexto contemporâneo. Nesta perspectiva, foi elaborado uma cartilha como produto educacional, que contempla alguns destes elementos e que pode ser utilizado em atividades do Ramo Sênior.

## **PRODUTO EDUCACIONAL**

O produto educacional é uma ferramenta que possui peculiar relevância nos cursos de pós-graduação em EPT. O grupo de discussão realizado com uma tropa sênior de Anápolis, forneceu elementos passíveis de análise, que subsidiaram a elaboração de um produto educacional que abarcasse uma compreensão e reflexão de parte dos processos sociais vinculados à concepção de trabalho dominante na sociedade atual.

O produto educacional, aqui proposto, surgiu a partir das conclusões a partir de uma perspectiva materialista, histórica e dialética para elaborar um material educativo. Este empenho se traduziu em uma cartilha que pode ser trabalhada com qualquer tropa sênior, visando desenvolver conhecimentos e reflexões sobre as contradições do trabalho e o estímulo de perspectivas críticas de percepção do ordenamento social. A cartilha tem como objetivo oferecer uma perspectiva de

formação alternativa, à partir de uma proposta educativa do trabalho enquanto o princípio educativo, discutidas no ambiente acadêmico, integrando à proposta educativa escoteira.

O grupo de discussões forneceu informações concernentes à concepção de trabalho da Tropa Sênior, que foram consideradas para a elaboração da cartilha. Foram considerados também os condicionantes sociais que se estabelecem a partir das relações de trabalho no Brasil. A cartilha foi estruturada a partir do problema abordado nesta pesquisa, que coloca em questão a concepção de trabalho dos Escoteiros do Brasil, tendo como base as conclusões e análises. Considerou também o nível de desenvolvimento educativo para a idade dos jovens que compõem o Ramo Sênior, embora possa ser prontamente útil a pioneiros, bem como a atividade de escotistas ou adaptadas para o ramo escoteiro.

A cartilha completa encontra-se no apêndice C deste trabalho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Escotismo se consolidou como uma instituição educativa se projetando como um espaço de educação não formal. Em alguns aspectos, extrapola esta natureza com um método educativo sistematizado um programa consolidado em vários países contribuindo assim, para a formação de gerações a mais de um século. O programa educativo escoteiro tem acompanhado o desenvolvimento social global do trabalho, sofrendo forte influência das organizações internacionais de educação que estão ligadas a grandes interesses corporativos.

Partindo do problema de qual a concepção de trabalho do Ramo Sênior dos escoteiros de Anápolis, a análise realizada permite concluir que a tropa sênior possui uma concepção de trabalho de subsunção ao sistema produtivo capitalista.

Tendo o trabalho como elemento central da estrutura social, os demais fenômenos sociais são compreendidos a partir da sua relação com essa centralidade. A educação converte-se, no contexto da sociedade contemporânea, em uma instância que permite a apreensão de visões de mundo e suas respectivas ideologias podendo ser identificadas quando confrontadas com a concepção de trabalho da atual conjuntura global e local. Esse processo de identificação de concepções de trabalho a partir de práticas educativas é possível pela estreita

origem e relevância que as práticas e instituições ainda ocupam na preparação para o trabalho.

A interpretação de uma visão de mundo de um grupo específico deve estar contextualizada na totalidade social, que nos fornece subsídio necessário para compreender os fundamentos educativos ligados à concepção de trabalho do Ramo Sênior dos escoteiros de Anápolis em Goiás.

As competências específicas do Ramo Sênior buscam fornecer uma educação complementar nos aspectos mais amplos da dimensão humana: físico, espiritual, intelectual, moral e social. Uma formação pautada na aquisição de comportamentos tidos como adequados no atual mundo do trabalho, se diferenciando em comparação com aqueles que não tiveram acesso a mesma formação, tornando-os mais propensos a buscarem uma qualidade de vida saudável e religiosa.

Por outro lado, tais comportamentos evidenciam que estas competências delimitam uma formação que não abrange a compreensão do antagonismo de classe que resultam no acesso desigual a formação de pessoas para o trabalho, uma vez que, para o capital não é viável que os trabalhadores reconheçam a dimensão totalizadora da exploração do trabalho intrínseca do sistema produtivo vigente.

As competências incentivam os seniores guias a se tornarem mais aptos a desempenhar múltiplas tarefas, por meio de aquisição das especialidades, que ensinam noções de diferentes profissões e outras competências diversas. Abordam também as questões relacionadas à conservação do meio ambiente e a serem fraternos com as pessoas em vulnerabilidade social. Igualmente, estimulam o patriotismo e o desenvolvimento de vínculos interpessoais duradouros.

Esta competências estão vinculadas as nova exigências da acumulação flexível e é prontamente naturalizada no metabolismo social e disseminada a partir do capitalismo globalizado, delimitando as questões sociais e ambientais com base em um desenvolvimento socioeconômico insustentável que retirar direitos dos trabalhadores e os colocam em uma posição de responsabilização pelo sua condição social e sua vida financeira.

Em seu último planejamento, o escotismo tem se empenhado em fornecer ao jovem uma educação financeira que permita alcançar uma qualidade de vida mais equilibrada, que é uma das poucas alternativas permitidas aos trabalhadores para se

precarer de uma aposentadoria em pauperismo, considerando as condições possibilitadas pela estrutura econômica.

Contudo, para melhor analisar a formação escoteira e seus fundamentos relacionados à concepção de trabalho, é preciso atentar não somente aos impactos que esta proporciona a seus membros, mas também como esta formação cidadã está integrada no contexto social atual.

As transformações nas formas de organização e preparação para o trabalho se intensificaram a partir dos modos de produção industrial do fordismo e taylorismo. Estes foram substituídos pelo modelo produtivo do toyotismo, que tem se aprimorado em modalidades cada vez mais flexíveis de trabalho. Tais transformações resultaram no aprofundamento da captura da subjetividade do trabalhador, que não se reconhece como pertencente à sua classe de origem e acredita-se pertencente a classe hoje denotada como empresarial. A flexibilização do trabalho desconstituiu no âmbito coletivo a organização trabalhadora sufocando sua resistência e destruindo postos de trabalho, tornando o trabalhador adaptável a funções diversas.

Estas transformações nas relações de trabalho estão implícitas nos mais diversos programas formativos de instituições educativas formais e informais. Como destaque, está a mudança da organização do trabalho por meio da valorização do capital humano das empresas, substituindo o emprego direto pela terceirização de serviços e incentivando o empreendedorismo. Concomitantemente, a relação de trabalho tem se tornado mais informal, por meio da prestação de serviço sem vínculos, congruindo com a retirada de direitos angariados pelos trabalhadores e a extinção de postos de trabalho. Nesta nova forma de trabalho, sobre um suposto incentivo ao empreendedorismo, imputa-se, ao trabalhador, a responsabilidade pelo seu próprio sucesso ou fracasso profissional, aniquila-se toda forma de trabalho ocioso e eleva-se a mais valia a patamares maiores do que visto em outros momentos do capitalismo, intensificando a desvalorização do trabalho.

Na esteira das adaptações do trabalho ao modelo flexível de capitalismo, o escotismo defende que "criar um mundo melhor, mais justo e fraterno" (UEB, 2016a, p. 7) decorre da formação de jovens que saibam como se adequarem e se tornarem protagonistas do atual processo de desenvolvimento socioeconômico. Isto, denota a existência de um alinhamento da concepção de trabalho dirigida pelo capital, que exige das pessoas a subsunção do trabalho para geração e acumulação de riqueza

para os detentores dos meios de produção.

Em oposição a este contexto, a transformação social só pode ser concreta e voltada aos trabalhadores, se houverem mudanças estruturais no trabalho, por meio da apropriação dos meios e processos de produção pelos trabalhadores. Na ausência de tal transformação, o capital continuará ditando as relações de trabalho que culminam com os problemas sociais, tais como: o desemprego, a desigualdade social e a miséria. A educação, por si só, é incapaz de solucionar tais problemas, no entanto, ela tem possibilidades de adaptar e amortecer os efeitos da precarização humana. Como prática social, humana e historicamente localizada, os processos educativos, se localizado nas contradições da educação para o capital, podem contribuir para problematizar e dar as condições para que sujeitos históricos e políticos revolucionarem as dinâmicas desumanizadoras do trabalho.

O trabalho quando é assumido como princípio educativo, ou seja quando se revela constituidor do ser humano, pode ser potencializador da atividade humana. Todavia, nas atuais circunstâncias, tem revelado potencial desconstitutivo, uma vez que parte do trabalho na sua forma hegemônica, atualmente centrada na exploração.

O trabalho é o princípio que precisa nortear o desenvolvimento econômico e não o seu contrário, como acontece no capitalismo global. Este se beneficia exclusivamente a acumulação e concentração de renda por sujeitos e países mais ricos. Esse processo, que conta com a coordenação dos organismos internacionais, resulta em uma organização de trabalho centrada na apropriação de recursos dos países mais pobres e que tem estimulado mudanças cada vez mais árduas sobre a classe trabalhadora.

A convicção de que o empreendedor tem o poder de causar uma grande alteração da atividade econômica desconsidera todo o contexto estrutural do trabalho, que delimita fortemente a ascensão social por meio do trabalho, favorecendo a concentração do capital pela classe dominante. O empreendedorismo se tornou uma forma social que cumpre uma dupla função. Ao mesmo tempo em que acalenta e dá esperança ao trabalhador precarizado, aprofundar a crise do trabalho, repassando ao trabalhador o ônus total do processo produtivo e exigindo dele uma constante adaptação de sua forma de viver, para atender a quaisquer necessidades do mercado.

O atual programa educativo escoteiro se configura no posicionamento de contribuir com a manutenção da atual forma de configuração das relações de

produção e trabalho, visando o aprimoramento desta estrutura. Se o movimento escoteiro almeja, de fato, a transformação social, precisa revisar a concepção de trabalho que fundamenta suas propostas educativas e buscar compreender os fundamentos do trabalho humano, para que seja capaz de fornecer uma educação que reconheça e que se oponha a precarização do trabalho, elemento central dos problemas sociais.

O movimento escoteiro, enquanto um espaço educativo não formal amplamente reconhecido e de pluralismo de ideias, tem potencialidade de ampliar seu espaço de contradição, de forma que permita debater sua concepção de trabalho e propor transformações em sua proposta educativa, para que inclua, como objetivo, a compreensão do trabalho a partir do atual contexto histórico de produção material em vistas a desenvolver uma formação fundamentada no trabalho enquanto princípio educativo. Uma formação para que seniores e guias tenham reais condições de se tornarem líderes de uma transformação social que beneficie a coletividade, tão almejada pelo escotismo.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1985.

ALVES, Giovanni. **Trabalho e subjetividade**: o metabolismo social da reestruturação produtiva do capital. Marília: [s. n.], 2008. Disponível em: <<https://incubadorasocialpucrs.files.wordpress.com/2013/12/trabalho-e-subjetividade.pdf>>. Acesso em: 26mar.2020.

ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Luci. **A sociedade dos adoecimentos no trabalho**. *Serv. Soc. Soc.* [online]. 2015, n.123, pp.407-427. ISSN 0101-6628. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/sssoc/n123/0101-6628-sssoc-123-0407.pdf>>. Acesso em: 26abr.2021.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

Antunes, Ricardo. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a qualificação e a negação do trabalho. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. *Práticas pedagógicas*

ensino integrado. **Revista Educação em Questão**, v. 52, n. 38, p. 61–80, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/viewFile/7956/5723>>. Acesso em: 24 mai. 2019.

BADEN-POWELL, Robert. **Escotismo para rapazes**. Edição da Fraternidade Mundial. Curitiba: União dos Escoteiros do Brasil – UEB, 2006.

BALIBAR, Étienne. **A filosofia de Marx**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

BELOQUE, Leslie Denise. **A cor do" trabalho informal**: uma perspectiva de análise das atividades "informais". 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2007. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3785>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. ISBN 978-85-378-0611-1. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2543654/mod\\_resource/content/2/Bottomore\\_dicion%C3%A1rio\\_pensamento\\_marxista.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2543654/mod_resource/content/2/Bottomore_dicion%C3%A1rio_pensamento_marxista.pdf)>. Acesso em: 3fev. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 5.497, de 23 de julho de 1928**. Assegura a União dos Escoteiros do Brasil o direito ao uso de uniformes, emblemas, distintivos, insígnias e lemas que forem adotados pelos seus regulamentos. Diário Oficial da União - Seção 1, 25 jul. 1928. <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-5497-23-julho-1928-562492-publicacaooriginal-86526-pl.html>>. Acesso em: 24 mai. 2019.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 8828, de 24 de janeiro de 1946**. Dispõe sobre o reconhecimento da União dos Escoteiros do Brasil como instituição destinada a educação a extra-escolar. [S. l.], 28 jan. 1946. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/De18828.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De18828.htm). Acesso em: 1 jul. 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 26 abr. 2021

CAMPOS, Francisco Itami. **Ciência Política. Introdução à Teoria de Estado**. Goiânia: Vieira, 2005.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo dando asas ao espírito empreendedor**: Empreendedorismo e viabilização de novas empresas. Um guia eficiente para iniciar e tocar seu próprio negócio. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2007. 282 p. ISBN 978-85-02-06433-2.

COLL, Liana. Aumento da miséria extrema, informalidade e desigualdade marcam os dois anos da Reforma Trabalhista: Mudanças trabalhistas de Temer, junto a medidas



do governo Bolsonaro, acentuam precariedade no mundo do trabalho, analisam professores Ricardo Antunes e Andréia Galvão. **Jornal da Unicamp**, Campinas, p. 1-2, 11 nov. 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/594278-aumento-da-miseria-extrema-informalidade-e-desigualdade-marcam-os-dois-anos-da-reforma-trabalhista>. Acesso em: 11 out. 2021.

DANTAS, JÉFERSON SILVEIRA. O que almeja o Movimento Escola sem Partido?. In: TRICHES, Jocemara et al. (Org.). **Os Rumos da Educação e as (Contra) Reformas:: os Problemas Educacionais do Brasil Atual**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2019. cap. 8, p. 108-118. ISBN 978-85-9457-038-3. Disponível em: <https://nup.ced.ufsc.br/files/2019/06/Os-rumos-da-Educa%C3%A7%C3%A3o-e-as-contrareformas.pdf>. Acesso em: 18 out. 2021.

DELORS, Jacques. **Educação um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1998.

DIAS, Carlos Eduardo Sampaio Burgos. "**O jogo escoteiro**": uma análise da pedagogia escoteira". Orientadora: Helena Maria Sant'Ana Sampaio Andery. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/305046>. Acesso em: 26 abr. 2021.

DUARTE, Newton et al. **Vigotski e o "aprender a aprender"**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2.ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.

FEDERAÇÃO DE BANDEIRANTES DO BRASIL. **Caminho a seguir**. [S. l.], 2008. Disponível em: <http://www.bandeirantesp.org.br/downloads/>. Acesso em: 30 jan. 2020.

FEDERAÇÃO DE BANDEIRANTES DO BRASIL. **Estatuto**. [S. l.], 2014. Disponível em: <http://www.bandeirantesp.org.br/downloads/>. Acesso em: 30 jan. 2020.

FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.

FREITAS, Luiz Carlos de. Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico da escola. **Revista Educação & Sociedade, Campinas**, v. 35, n. 129, p. 1085-1114, out./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/xm7bSyCfyKm64zWGNbdy4Gx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 out. 2021.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A produtividade da escola improdutiva 30 anos depois: regressão social e hegemonia às avessas. **Trabalho necessário**, [s. l.], ano 13, n. 20, p. 206-233, 2015a. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/8619>. Acesso em: 5 mar. 2020.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe. **Revista Brasileira de Educação**. v. 14, n. 40, p. 168-194, jan./abr. 2009.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Contexto e Sentido ontológico, epistemológico e político da inversão da relação educação e trabalho para trabalho e educação. **Revista Contemporânea de Educação**, [s. l.], v. 10, n. 20, p. 7-26, 2015b. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1254093/mod\\_folder/content/0/Frigotto%20%20e%20a%20Teoria%20do%20Capital%20Humano.pdf?forcedownload=1](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1254093/mod_folder/content/0/Frigotto%20%20e%20a%20Teoria%20do%20Capital%20Humano.pdf?forcedownload=1)>. Acesso em: 6 mar. 2020.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e Trabalho: bases para debater a educação profissional emancipadora. **Perspectiva**, Florianópolis, v.19, n.1, p.71-87, jan./jun. 2001.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: **FAZENDA**, I. (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 75-100.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. **Droit à l'éducation: : solution à tous les problèmes ou problèmes sans solution?**, Sion, 2005. Disponível em: <[https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305950/mod\\_resource/content/1/Educacao\\_Formal\\_Nao\\_Forma\\_2005.pdf](https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305950/mod_resource/content/1/Educacao_Formal_Nao_Forma_2005.pdf)>. Acesso em: 26 abr. 2021

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em Educação**, série 2., n. 1, 2014. Disponível em: <<http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/4>>. Acesso em: 07 fev. 2020.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, jan./mar. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**: Temas de cultura. Ação católica. Americanismo e fordismo.. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. v. 4. ISBN 978-85-200-1342-7.

GRAMSCI, ANTONIO. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1982. v. 48.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**. 17. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2008.

HARVEY, David. **Para entender O capital**. 1. ed. São Paulo: Ed. Boitempo, 2013.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Educação e trabalho no Brasil**: o estado da questão. Brasília: INEP, 1991.

KUENZER, Acácia Zeneida. Da dualidade assumida à dualidade negada: o discurso da flexibilização justifica a inclusão excludente. **Educ. Soc.** Campinas:2007, vol.28,

n.100, pp.1153-1178. ISSN 0101-7330. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302007000300024&script=sci\\_abstract&lng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302007000300024&script=sci_abstract&lng=pt)>. Acesso em: 26 abr. 2021.

LEANDRO, Andressa Barbosa de Farias. “**Do Melhor Possível ao Sempre Alerta**”: Disciplinando corpos e construindo identidades no Escotismo em Campina Grande-PB (1980-1990). 2014. 171 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2014. Disponível em :<<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/242>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010

LIBÂNEO, José Carlos. Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar. **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, n. 159, p. 38-62, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cp/v46n159/1980-5314-cp-46-159-00038.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social**: elementos para uma análise marxista. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2010. ISBN 978-85-249-0040-2.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Luiz Antônio. Da informalidade à empregabilidade (reorganizando a dominação no mundo do trabalho). **Caderno CRH**, v. 15, n. 37, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18603>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004. ISBN 975-85-7559-002-7

MARX, Karl. **O Capital**: Livro 1. [S. l.]: Boitempo Editorial, 2013. Disponível em: [http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/o-capital-livro-1.pdf/at\\_download/file](http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/o-capital-livro-1.pdf/at_download/file). Acesso em: 24 jun. 2019.

MEINERZ, Carla Beatriz. Grupos de Discussão:: uma opção metodológica na pesquisa em educação. **Educ. Real**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 485-504, maio/ago 2011. Disponível em:<<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/16957>>. Acesso em: 27 set. 2019.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: Rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2011. ISBN 978-85-7559-145-1.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et. al (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOURA, Dante Henrique; LIMA FILHO, Domingos Leite; SILVA, Mônica Ribeiro.

Politecnicia e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 63, p. 1057-1080, 2015.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira.. Educação e civismo: o movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930). **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, v. n. 7, n.Jan./Jun., p. 43-73, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38670>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

NASSIF, Vânia Maria Jorge; GHOBRI, Alexandre Nabil; DO AMARAL, Derly Jardim. Empreendedorismo por necessidade: o desemprego como impulsionador da criação de novos negócios no Brasil. **Pensamento & Realidade**, [s. l.], ano XII, v. 24, n. 1, p. 143-168, 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/7075>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley; PRONKO, Marcela Alejandra. **O mercado do conhecimento e o conhecimento para o mercado**: da formação para o trabalho complexo no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008. 204 p. ISBN 978-85-98768-34-2.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

NOMERIANO, Aline Soares. **A Educação do trabalhador, a pedagogia das competências e a crítica marxista**. Maceió: Eudfal, 2007. 118 p. ISBN 978-85-7177-321-9.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Folha informativa sobre COVID-19**. [S. l.], [2020?]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 23 ago. 2021.

PARO, Vitor Henrique. Gestão da escola pública: alguns fundamentos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 75, n. 179-80-81, 2007.

PROGRAMA BEM-ESTAR FINANCEIRO. Módulo 06: Introdução aos Investimentos. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: <[https://www.investidor.gov.br/portaldoinvestidor/export/sites/portaldoinvestidor/menu/Menu\\_Academico/Programa\\_Bem-Estar\\_Financeiro/Apostilas/apostila\\_06-bef-investimentos.pdf](https://www.investidor.gov.br/portaldoinvestidor/export/sites/portaldoinvestidor/menu/Menu_Academico/Programa_Bem-Estar_Financeiro/Apostilas/apostila_06-bef-investimentos.pdf)>. Acesso em: 11 fev. 2021.

RAMOS, Marise Nogueira. **A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?** 2. ed. São Paulo:Cortez, 2002.

REIS, Lia Presgrave. Resenha de "Escola Sem Partido". In: TRICHES, Jocemara et al. (Org.). **Os Rumos da Educação e as (Contra) Reformas**: os Problemas Educacionais do Brasil Atual. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2019. cap. 8, p. 138-155. ISBN 978-85-9457-038-3. Disponível em: <https://nup.ced.ufsc.br/files/2019/06/Os-rumos-da-Educa%C3%A7%C3%A3o-e-as->

contrareformas.pdf. Acesso em: 18 out. 2021.

RIBEIRO, Andressa de Freitas. Taylorismo, fordismo e toyotismo. **Lutas Sociais**, [S.l.], v. 19, n. 35, p. 65-79, dez. 2015. ISSN 2526-3706. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/ls/article/view/26678>>. Acesso em: 18 mar. 2020.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Ética e competência**. 8. ed., São Paulo: Cortez, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a concepção de politecnia**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1989.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 32. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

SAVIANI, Dermeval. Ética, educação e cidadania. **PhiloS - Revista Brasileira de Filosofia de 1o. Grau**, Florianópolis - SC, v. Ano 8, n.15, p. 19-37, 2001. Disponível em: <<http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/saviani.pdf>>. Acesso em: 17abr. 2020.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**. v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007.

SAVIANI, Dermeval. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: FERRETI, Celso João. et al. **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SENNETT, Richard. **A Corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SIQUEIRA NETO, José Francisco. Flexibilização, desregulamentação e direito do trabalho no Brasil. In: OLIVEIRA, Carlos Alonso B. (Org). **Crise e trabalho no Brasil: modernidade ou volta ao passado?** 2. ed. São Paulo: Scritta, 1997.

TAVARES, Maria Augusta. O empreendedorismo à luz da tradição marxista. **Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea**, v. 16, n. 41, p. 107-121, 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/36687>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

TEIXEIRA, Ana Beatriz; DA SILVA, Flávia. A importância do planejamento de eventos. estudo de caso: Grupo Escoteiro Bernardo Sayão 2º GO. **REVISTA ADMINISTRAÇÃO**.N. 3 - ISSN 2237-5805, [S. l.], 2006. Disponível em: <<http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/administracao/article/view/346>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Curiosidades**. [S. l.], [20-?]. Disponível em: <<https://www.escoteiros.org.br/curiosidades/>>. Acesso em: 13 mai. 2019.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Escotistas em Ação - Ramo Sênior**. Curitiba - PR: [s. n.], 2015a. Disponível em: <[https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2016/04/escotistas\\_em\\_acao\\_senior.pdf](https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2016/04/escotistas_em_acao_senior.pdf)>. Acesso em: 2 jul. 2019.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Escotismo Mundial**. 2. ed. Curitiba [?]: [s. n.], 2015b. 100 p. Disponível em: <[https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2016/04/Carilha\\_escotismo\\_mundial.pdf](https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2016/04/Carilha_escotismo_mundial.pdf)>. Acesso em: 27 ago. 2019.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Estatuto, 2011**. Brasília, 30 abr. 2011. Disponível em: <[https://www.escoteiros.org.br/arquivos/documentos\\_oficiais/estatuto\\_UEB\\_2011.pdf](https://www.escoteiros.org.br/arquivos/documentos_oficiais/estatuto_UEB_2011.pdf)>. Acesso em: 24 mai. 2019.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Planejamento Estratégico 2011-2015: Muitos olhares, a mesma visão**. [S. l.: s. n.], [2010?]. Disponível em: <[http://www.escoteiros.org.br/arquivos/documentos\\_oficiais/planejamento\\_estrategico\\_o\\_2011\\_2015.pdf](http://www.escoteiros.org.br/arquivos/documentos_oficiais/planejamento_estrategico_o_2011_2015.pdf)>. Acesso em: 17 fev. 2021.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Plano Estratégico 2016-2021: Crescer para transformar**. [S. l.: s. n.], 2016a. Disponível em: <<https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2016/04/Planejamento-Estrategico-2016-2021.pdf>>. Acesso em: 6 abr. 2020.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Jovens empreendedores:: Como captar e gerenciar recursos para a Patrulha**. Curitiba: [s. n.], 2016b. ISBN 978-85-87050-08-3. Disponível em: <[https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2017/04/Jovens\\_empreendedores\\_como\\_captar\\_e\\_gerenciar\\_recursos\\_para\\_a\\_patrulha-2.pdf](https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2017/04/Jovens_empreendedores_como_captar_e_gerenciar_recursos_para_a_patrulha-2.pdf)>. Acesso em: 6 abr. 2020.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Política Interamericana de Diversidade e Inclusão**. [S. l.: s. n.], 2016c. Disponível em: <[https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Pol%C3%ADtica\\_interamericana\\_de\\_diversidade\\_e\\_inclus%C3%A3o.pdf](https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Pol%C3%ADtica_interamericana_de_diversidade_e_inclus%C3%A3o.pdf)>. Acesso em: 26 abr. 2021.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Política nacional de programa educativo dos escoteiros do brasil: Vivendo aventuras, transformando pessoas..** [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: <[https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2018/02/politica\\_nacional\\_de\\_programa\\_educativo.pdf](https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2018/02/politica_nacional_de_programa_educativo.pdf)>. Acesso em: 4 mar. 2021.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Princípios Organizações e Regras**. 10. ed. Curitiba - PR: [s.n.], 2013. 182 p. Disponível em:

<<https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2016/01/por.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Projeto Educativo do Movimento Escoteiro**. Curitiba, 2017. Disponível em: <[https://escoteiros.org.br/arquivos/documentos\\_oficiais/projeto\\_educativo\\_ueb.pdf](https://escoteiros.org.br/arquivos/documentos_oficiais/projeto_educativo_ueb.pdf)>. Acesso em: 24 mai. 2019.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da Práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

WADE, EileenKirkpatrick. **O chefe: a vida de Robert Baden-Powell**. London: Wolfe PublishingLtd. 1975. Disponível em: <<https://www.lisbrasil.com/arquivos/Livros2/OChefeVidaDeBP.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

WERTHEIN, Jorge; DA CUNHA, Célio. Fundamentos da Nova Educação. **Cadernos UNESCO**: Série educação, Brasília, v. 5, 2000. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000129766>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

WORLD ORGANIZATION OF THE SCOUT MOVEMENT (Malaysia). **The essentialcharacteristicsofscouting**. 2. ed. [S. l.: s. n.], 2019a. Disponível em: <[https://www.scout.org/sites/default/files/library\\_files/The%20Essential%20Characteristics%20of%20Scouting\\_EN.pdf](https://www.scout.org/sites/default/files/library_files/The%20Essential%20Characteristics%20of%20Scouting_EN.pdf)>. Acesso em: 27 abr. 2021.

WORLD ORGANIZATION OF THE SCOUT MOVEMENT (Malaysia). **The scoutmethod**. [S. l.: s. n.], 2019b. Disponível em: <[https://www.scout.org/sites/default/files/library\\_files/The%20Scout%20Method\\_EN\\_1.pdf](https://www.scout.org/sites/default/files/library_files/The%20Scout%20Method_EN_1.pdf)>. Acesso em: 1 mar. 2021.

## **Apêndice A – Roteiro de Entrevista aos Escotistas e Dirigentes**

1. O que é trabalho para você? Qual o sentido da educação escoteira?
2. Como você identifica a relação entre educação e trabalho?
3. Qual o sentido do trabalho no grupo de escoteiros? E a especificidade desse sentido no Ramo Sênior?
4. Quais dimensões de formação humana, considerando o ser humano em sua totalidade, o escotismo contribui na educação dos jovens?
5. Quais os conhecimentos da ciência, da cultura e do trabalho são fundamentais para a educação do Ramo Sênior?
6. Quais as potencialidades da educação escoteira para formação do jovem brasileiro? Qual sua percepção sobre a relação entre a educação escolar e a educação escoteira?
7. Como a educação escoteira lida com a diferença de conhecimento devido a idade, com a diferença entre pessoas com e sem deficiência e com relação a desigualdade educacional dos jovens que participam do seu grupo escoteiro?
8. Que tipo de formação você percebe que o escotismo oferece aos jovens no tocante ao trabalho?
9. Como você compreende o empreendedorismo, a economia e a política no escotismo? Como você vê a relação entre esses elementos e o trabalho?
10. O trabalho na sociedade brasileira tem se tornado cada vez mais complexo. Quais os limites e as possibilidades que você identifica no trabalho contemporâneo?
11. O Ramo Sênior trabalha com jovens entre 15 e 17 anos. Na legislação brasileira, a partir dos 16, pode se inserir no trabalho formal. Como o escotismo se relaciona com esse processo na vida dos jovens escoteiros?
12. A inserção no trabalho ou sua preparação para tanto, tem sido um elemento que limita a formação dos seniores e guias dentro e fora do escotismo?
13. Tem mais alguma questão sobre a relação do trabalho e o escotismo que você acha que seria interessante mencionar que eu não perguntei a você?



## **Apêndice B – Roteiro de Perguntas para o Grupo de Discussão com os Sêniores e Guias**

1. Para você, o que é trabalho?
2. Segundo sua percepção quais as contribuições do escotismo para a formação do jovem?
3. O que vocês aprendem sobre o trabalho aqui nas atividades do grupo escoteiro?
4. O que vocês identificam que o trabalho espera dos jovens brasileiros no mundo do trabalho?
5. Quais as dificuldades vocês identificam no trabalho remunerado?
6. Atualmente se fala muito em empreendedorismo, especialmente relacionado ao trabalho, o que vocês entendem por empreendedorismo? Vocês identificam empreendedorismo, ou formação para o empreendedorismo nas atividades de seu grupo escoteiro?
7. Qual a relação vocês estabelecem entre trabalho, riqueza e pobreza?(pergunta secundária) Nas atividades do escotismo vocês percebem essas questões? (pergunta terciária) Como?
8. Vocês diriam que há diferença de classe social no grupo de escoteiro de vocês? Diferença de classe social entre os participantes do grupo? E entre pessoas que estão e que não estão no grupo escoteiro?
9. Alguém gostaria de acrescentar alguma coisa sobre essa relação entre escotismo e trabalho que você queria ter dito e de repente faltou a oportunidade? Sobre essa questão de trabalho e escotismo? Sobre o conceito de trabalho?

Apêndice C – Produto Educacional



2021

Weberty Ferreira Lima

# O QUE É O TRABALHO?

Cartilha sobre o trabalho contemporâneo  
para o ramo sênior do movimento escoteiro



# DESCRIÇÃO TÉCNICA

Produto: Material Textual – Texto de apoio

Origem: Trabalho de dissertação do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT do Instituto Federal de Goiás – IFG – Campus Anápolis e intitulado “A CONCEPÇÃO DE TRABALHO VEICULADA POR ESCOTEIROS DE ANÁPOLIS-GO: O RAMO SÊNIOR EM FOCO”.

Nível de ensino a que se destina o produto: Jovens participantes do escotismo – ensino em espaços não-formais.

Público-alvo: Jovens da tropa Sênior do movimento escoteiro (15-17 anos).

Área do conhecimento: Ensino

Categoria: Desenvolvimento de material didático e instrucional

Finalidade: Colaborar com a compreensão do trabalho contemporâneo.

Registro: Biblioteca Anápolis

Avaliação do Produto: Banca examinadora do PROFEPT

Disponibilidade: Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria e vedado o uso comercial por terceiros.

Divulgação: Digital e impresso

Produto acessível após Validação em: <https://www.ifg.edu.br/profept>

Idioma: Língua Portuguesa

Cidade: Anápolis – GO País: Brasil

Diagramação e arte: Kássia Marques

Imagens: Banco de imagens Freepick

# Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

LIMA, Weberty Ferreira

L732o

O que é o trabalho? : cartilha sobre o trabalho contemporâneo para o ramo sênior do movimento escoteiro / Weberty Ferreira Lima, Guenther Carlos Feitosa de Almeida. -- Anápolis: IFG, 2021.  
16 p. : il. color.

Produto Técnico/Tecnológico (Mestrado) – IFG –  
Câmpus Anápolis, Programa de Pós-Graduação em  
Educação Profissional e Tecnológica, 2021.

1. Escotismo. 2. Educação não formal. 3. Trabalho. 4.  
Ramo sênior – Escotismo. I. ALMEIDA, Guenther  
Carlos Feitosa de. II. Título.CDD 370.7

CDD 370.7

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário  
Matheus Rocha Piacenti CRB1/2992



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO  
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

**Identificação da Produção Técnico-Científica**

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese  | <input type="checkbox"/> Artigo Científico              |
| <input type="checkbox"/> Dissertação   | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro              |
| <input type="checkbox"/> Monografia - Especialização                               | <input type="checkbox"/> Livro                          |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação   | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input checked="" type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: Cartilha |   |

Nome Completo do Autor1: Weberty Ferreira Lima

Matrícula: 20182060150246

Nome Completo do Autor2: Guenther Carlos Feitosa de Almeida

Matrícula: 1837844

Título do Trabalho: O que é o trabalho?: cartilha sobre o trabalho contemporâneo para o ramo sênior do movimento escoteiro

**Autorização - Marque uma das opções**

- Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
- Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ (Embargo);
- Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Aplicar a opção **2** ou **3**, marque a justificativa:

- O documento está sujeito a registro de patente.  
 O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.  
 Outra justificativa: \_\_\_\_\_

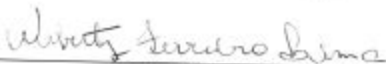
**DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA**

O/A referido/a autor/a declara que:

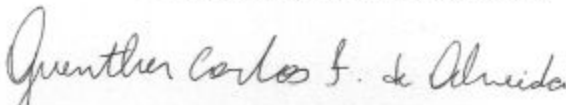
- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Local      Data

Anápolis, 28/10/21.



Assinatura do Autor1 e/ou Detentor dos Direitos Autorais



Assinatura do Autor2 e/ou Detentor dos Direitos Autorais

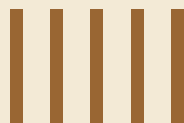


# APRESENTAÇÃO

O escotismo é uma forma de educação diferente daquela que temos na escola, na família ou e outras instituições sociais. No escotismo o trabalho é uma atividade central que ensina muito sobre a vida e suas dinâmicas.

Neste texto trazemos algumas características do trabalho nos dias de hoje mostrando suas limitações e suas potencialidades. Mais do que compreender o que é o trabalho, temos que entender como ele se apresenta hoje.

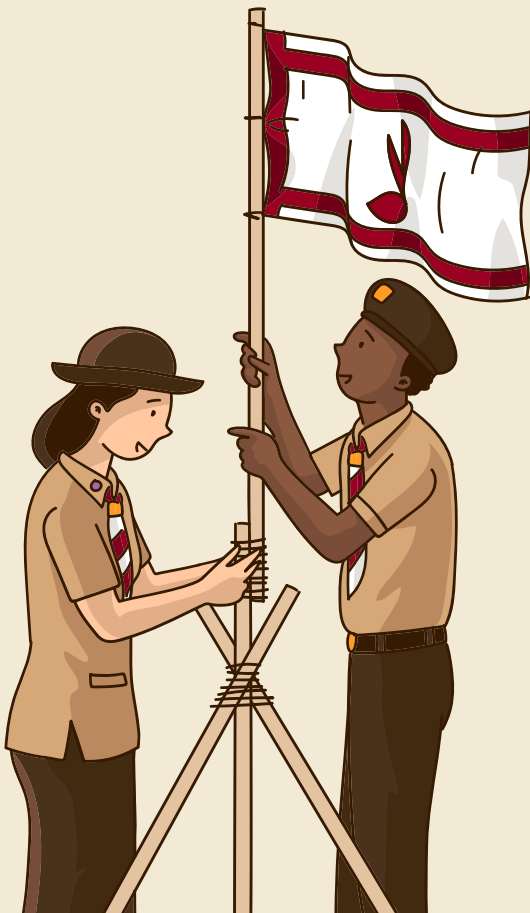
Por fim, esperamos contribuir com o processo formativo dos jovens cidadãos e escoteiros!



# O TRABALHO

O trabalho é um processo em que atividade humana transforma o que existe para atender às necessidades dos seres humanos. É uma relação do homem com a natureza. Quando muda as características dos recursos naturais para satisfazer às necessidades de comida, ferramentas, vestimenta, os humanos também se transformam. Inventam coisas, relações sociais, conhecimentos e muito mais.

Nem sempre o trabalho é exclusivamente para produzir as necessidades de quem o produz. Quando o trabalhador não mais produz para sua necessidade ele emprega sua força de trabalho para produzir para outras pessoas.



Nasce aí a relação de trabalho. Muitas vezes o processo de trabalho nesse contexto não satisfaz às necessidades dos indivíduos que produzem ou de seus grupos. No trabalho vendido para outra pessoa, muitas vezes, as ferramentas, o maquinário, os equipamentos, não pertencem ao trabalhador, mas sim ao patrão. No ramo sênior, assim como em todas as etapas do escotismo, ensina-se várias técnicas fundamentais de trabalho para por meio de jogos.



# RELAÇÕES DE

# TRABALHO

As relações de trabalho são relações sociais e jurídicas estabelecidas entre pessoas ou entre pessoas e empresas. Esse tipo de relação social tem por finalidade a execução de algum serviço ou produto.

Na sociedade em que vivemos as relações de trabalho são mediadas por valores como a disciplina, mérito, produtividade, e também por direitos que foram duramente conquistados pelos trabalhadores para maior valorização e segurança de vida.

O conhecimento dos direitos do trabalho e da história de suas conquistas, ajuda à sêniores e guias a rejeitarem à exploração do trabalho.





## TRABALHO FORMAL

O trabalho formal são aqueles postos de trabalho que existem e são mediados por relações de trabalho estáveis e pelo conjunto de leis do trabalho que garantem uma execução da atividade de trabalho. Atualmente, infelizmente, as vagas de trabalho formal estão em declínio o que faz com que mais postos de trabalho precarizado surjam.

# TRABALHO PRECARIZADO

O trabalho precarizado é aquele que acontece fora das relações seguras e saudáveis de trabalho. É marcado por jornadas de trabalho excessivas (10 ou mais horas de trabalho), ausência de equipamentos e procedimentos de proteção contra acidentes de trabalho. A existência de trabalho precarizado, diminui a possibilidade das pessoas que trabalham terem segurança contra acidentes e uma qualidade de vida maior.



# INFORMAL

## TRABALHO

O trabalho informal é aquele que não garante todas ou uma parte das leis de trabalho. O trabalho informal é muito conhecido no Brasil por atividades esporádicas ou que possuem uma regularidade pequena durante a semana ou mês (faxina, bico como encanador/eletricista). O trabalho informal no Brasil, junto com o desemprego, tem sido combatido com o estímulo ao empreendedorismo.



# TRABALHO TERCEIRIZADO

O trabalho terceirizado é quando uma atividade de um ramo produtivo é delegada, por uma pessoa ou empresa, a um outro trabalhador ou empresa. Dessa forma toda a atividade produtiva não é executada por uma pessoa ou instituição. Há assim uma relação de dependência para que o processo produtivo seja efetivado.





# TRABALHO FLEXÍVEL

Trabalho flexível é a forma contemporânea de organização da produção de produtos e serviços diversos. Essa forma surge no capitalismo como maneira de mudar relações de trabalho e de organização da indústria, amplamente conhecidas no começo do século XX.

O trabalho flexível tem tornado os trabalhadores mais propensos a flexibilizarem seus direitos para atender os interesses dos empresários, renunciando a seus próprios direitos.

# DIREITO DO TRABALHO

Direito do trabalho são as leis e outras normas que tem como função garantir justiça nas relações de trabalho. Estas leis são fruto das necessidades do trabalhador e dos empregadores. Muitas vezes essas normas surgem de relações de trabalho precárias, como o trabalho análogo à escravidão ou em ambientes onde há muito risco de ferimento e morte no trabalho. Outras tantas vezes as normas do trabalho surgem das necessidades que os trabalhadores demandam por maior qualidade de vida, como a redução de jornada de trabalho, descanso semanal remunerado, férias remuneradas. Em todos os cenários o direito do trabalho existe para garantir relações de trabalho mais civilizadas.



# EMPREENDEDORISMO

Empreendedorismo é uma ação diante da ordem econômica. Muitas vezes é motivada pela organização de um negócio em um lugar ou mercado específico. O empreendedor é conhecido como os agentes que planejam e executam a organização deste negócio.

No Brasil ao mesmo tempo em que pode ser uma oportunidade de negócio, o empreendedorismo tem sido utilizado como recurso para minimizar os efeitos econômicos de uma profunda crise de empregos.



Ao mesmo tempo em que o empreendedorismo pode ser uma saída para o aumento da renda e da independência financeira, também pode significar diminuição da renda e das condições de trabalho e segurança social (como aposentadoria, seguro saúde, seguro desemprego, entre outros). No escotismo o empreendedorismo pode ajudar a arrecadar e a controlar os recursos da sua patrulha.



# EMPREGABILIDADE

É o estado de possibilidade de empregar-se. Quando o trabalhador está sem ocupação ou em ocupação não compatível com sua formação/qualificação, a possibilidade de integrar-se a outra organização ou ocupação se torna iminente. A depender das taxas de emprego a empregabilidade pode ser uma necessidade do capitalismo. Se as taxas de desemprego forem altas há um maior estímulo à empregabilidade.

Em alguns momentos a empregabilidade é um dos mecanismos de ser abaixar o valor pago pelo trabalho formal. Em conjunto com os desempregados os empregadores pressionam os trabalhadores a receberem menos pela atividade de trabalho.

No futuro, alguns sêniores e guias serão empregadores enquanto outros serão empregados. O que define este futuro individual está além do esforço empreendido. No sistema capitalista há uma tendência de acumulação de recursos e de manutenção da desigualdade de classe, o que faz com que poucas pessoas tenham sucesso em se tornarem empregadores.





São os processos sociais de formação e valorização do trabalho. A qualificação possui dimensões conceituais, sociais e experimentais. A formação profissional para uma área, a valorização social e econômica e o saber prático de um trabalhador expressão a sua qualificação. O sênior e a guia, a cumprirem suas etapas , desenvolvem competências que os preparam para a vida profissional.



# EDUCAÇÃO FINANCEIRA

A educação financeira é o conjunto de processos e conhecimentos que permitem os sujeitos e as corporações lidar com os aspectos imediatos e a longo prazo das finanças. Em âmbito individual se localizam os conhecimentos relacionados à renda, à poupança e ao investimento dos recursos financeiros dos sujeitos. Em âmbito corporativo diz respeito ao trato com o lucro, o capital, os rendimentos e os investimentos de uma organização.

A educação financeira pode ser potencializadora para sêniores e guias na medida em que fornece os elementos para uso cuidadoso das finanças. Ao mesmo tempo essa forma de educação não pode ser usada para justificar menor qualidade alimentar, de saúde e de vida com a única finalidade de poupar ou aumentar capital individual.





## PARA CONHECER MAIS...

- **Documentário - Indústria Americana. 25 de janeiro de 2019.**

Júlia Reichert e Steven Bognar. Higher Ground Productions, Participant Media.

- **Documentário - Capitalismo: uma história de amor.**

Michael Moore. 2009.

- **Trabalho em condições análogas à escravidão:**

<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/01/brasil-resgatou-mais-de-mil-trabalhadores-do-trabalho-escravo-em-2015>

- **Trabalho em condições análogas à escravidão:**

[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/05/130508\\_trabescravo\\_estrangeiros\\_fl](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/05/130508_trabescravo_estrangeiros_fl)

- **Empreendedorismo justificado pela criatividade e persistência do brasileiro e como saída para o desemprego.**

<http://economia.ig.com.br/2017-04-18/empreendedorismo-no-brasil.html>

- **Empreendedorismo individual supera o número de empresas no Brasil.**

<https://economia.uol.com.br/empreendedorismo/noticias/redacao/2016/01/29/microempreendedores-individuais-superam-numero-de-empresas-abertas-no-pais.htm>



Anexo A – Jornal Autoria Desconhecido

# ESCOTEIRISMO EM ANÁPOLIS

Uma grande conquista – Notável escola de civismo



Francisco Garcez e Cyd Torres ladeados pela 1.ª patrulha uniformizada de Anápolis

Ao focalizarmos neste documentário os ângulos mais interessantes da cidade de Anápolis no ano do seu jubileu, não poderíamos, de maneira nenhuma, deixar de dar um pulinho ali no 1º andar do "Estadobanco", onde funciona a sede do Grupo de Escoteiros Tiradentes, sob a presidência do grande idealista anapolino Francisco Garcez Chiquito.

Lá encontramos o velho amigo Garcez às voltas com um bando de meninos, moças e rapazes, todos filiados aos diversos ramos do escoteirismo, inteiramente atarefados com as coisas atinentes às diversas atividades da agremiação.

Palestramos longamente sobre essa extraordinária escola de civismo que é o encanto da meninada, o escoteirismo. Não só de meninos, mas também de moças e rapazes, pois tivemos oportunidade de ver ali bandeirantes e pioneiros.

Antes, porém, de falarmos sobre as atividades desse grupo de escoteiros, falemos primeiro como surgiu o escoteirismo em nossa cidade. Primeiramente a idéia partiu do professor Ananias Pereira da Silva, que, em companhia de Cyd Torres, fundaram em nossa cidade a Associação de Escoteiros de Anápolis que, por motivos que escapam à nossa memória, teve curta duração, retirando-se o sr. Ananias. Posteriormente, fez-se uma reunião para reorganizar aquela associação, promovida pelo sr. Cyd Torres, chefe geral de instrução, tendo na ocasião sido eleita a primeira diretoria. Isto se deu em 15 de

outubro de 1956. Em 22 de Dezembro do mesmo ano, foi dada a posse a essa diretoria, que ficou assim constituída e que vem dirigindo os destinos do Grupo Tiradentes: Comissário distrital, Plínio A. Gonzaga Jayme; Presidente, Francisco Garcez Chiquito; Chefe geral, Cyd Torres; chefe das bandeirantes, Leila Fayad Hanna; chefe Aquilá, Sálua Fayad Hanna.

Há, atualmente, grande entusiasmo em torno do escoteirismo em nosso meio, pois, apesar de funcionar recentemente em nossa cidade esse grupo, já existem matriculados quase 300 alunos, com uma frequência aproximada de 150, havendo mais de 50 exercendo atividades escoteiras. Há aproximadamente, matriculadas, 50 bandeirantes, mais de 100 lobinhos e mais de 50 fadinhas. Existem mais de 60 pioneiros, sendo intenção da diretoria atual formar dois grupos destes.

A título de ilustração, queremos explicar aqui que lobinhos são os meninos de menos de 12 anos; os escoteiros são de 12 a 18 anos; e pioneiros são os de 18 a 23 anos. Pela estatística acima, é fácil de se notar quanto interesse tem despertado em nosso meio essa magnífica escola de civismo fundada por Baden Powell, general inglês, cuja instituição comemora agora, em 1957, 50 anos de existência.

Os escoteiros de Anápolis já tiveram oportunidade de prestar assinalados serviços à cidade, principalmente no setor do trânsito, onde sua atuação mais se tem feito sentir. Durante os

dias de carnaval prestaram serviços valiosos aos anapolinos.

As atividades escoteiras já estão bem desenvolvidas. Além dos chamados bivaques, os escoteiros recebem instrução moral, cívica, militar e física. Uma particularidade interessante que desejamos salientar é o fato de os escoteiros receberem aulas práticas ministradas por diversos professores, onde qualquer profissional poderá falar de sua especialidade, ampliando assim os conhecimentos dos escoteiros.

Pelo que vimos e ouvimos, existe grande entusiasmo e animação no Grupo Tiradentes. Está sendo preparada uma grande concentração escoteira em nossa cidade, para o dia 25 de julho próximo, como parte das comemorações do cinquentenário da cidade. Os escoteiros pretendem construir um obelisco como homenagem sua a Anápolis, no qual se assentará a pira para o fogo simbólico. Haverá interessantes números regionais e a apresentação do fogo do conselho.

Entre os escoteiros locais já existe também a "Patrulha Relâmpago". Só poderão integrar essa patrulha os elementos mais ativos do grupo, os que mais se destacaram pela disciplina e grau de adiantamento.

A diretoria atual tem recebido valiosa cooperação dos srs. Sebastião Richelleu da Costa e Jarbas de Oliveira, dois entusiastas do escoteirismo em nosso meio, sendo o primeiro um dos pioneiros do "Grupo" e o segundo combativo jornalista.

Ao finalizarmos esta singela reportagem, desejamos ressaltar

a atuação do sr. Francisco Garcez frente ao "Grupo Tiradentes", que, com o máximo de boa vontade e desprendimento, tudo tem feito para manter sempre acesa a chama do escoteirismo em nosso meio.

A esse esforço cidadão que tem sido o braço forte dos escoteiros, que orienta, que ensina, que ajuda, que faz palestras pelo rádio, que tem em todo de si uma lição de meninice a lhe fazer o sinal de "sempre alerta", "A Cinquentenária" apresenta um voto de louvor, registrando em suas páginas o nome de Garcez como grande benfeitor da juventude anapolina.

— Casar para ter apenas uma mulher bela, equivale a trocar a herança paterna por um prato de lentilhas — MANTEGAZZA.

— E melhor nada saber do que saber muitas coisas pela metade — NIETSCHE.

Relógios de ouro

Anéis de formatura

Jóias finas em brilhantes, perolas e platinas

Distinção e qualidade

**JOALHERIA  
NORMA**

Rua Barão do Rio Branco, 220

ANÁPOLIS - E. Goiás

A CINQUENTENÁRIA



8 de novembro de 1997  
FOLHA DE ANÁPOLIS

**Escoteiros**

**REPORTAGEM**

**SEMPRE ALERTA**

Escoteiro "Bernardo Sayão" forma a juventude anapolina há dez anos. O espírito religioso e a formação moral constituem a base das instruções prestadas, esses jovens que aprendem a amar e a colaborar com a comunidade, seja de uma prática saudável e no campo.

Comemorando os dez anos de atividades em Anápolis o Grupo de Escoteiros "Bernardo Sayão" mostrou à população, ontem, uma parte de sua ação na formação da juventude dentro de um trabalho programado de atividades na cidade e no campo. Os escoteiros, que tem por lema estarem "Sempre Alerta" para servirem ao próximo recebem vários adestramentos para a vida futura e sólida formação moral e religiosa embora não exista filiação a qualquer igreja.

**HISTÓRIA**

Fundada em 1961 com o nome de Grupo Anhanguera, transformou-se mais tarde em "Bernardo Sayão" passando a fazer parte da estrutura de recreação do SESC. Após algum tempo, o Grupo de Escoteiros separou-se do SESC organizando sua sede ao lado da Igreja Bom Jesus, onde funciona até hoje. Lá, o grupo encontrou um entusiasta, o Padre Aloísio Catão que é o Comissário Distrital dos Escoteiros, além de assistente religioso para os católicos no Estado de Goiás.

**MUDANÇAS**

Muita coisa aconteceu nestes dez anos, comenta o Chefe Darcil Correa, que viveu quase todas as etapas do Grupo. Partindo de pequeno grupo, sem grande conhecimento do escotismo

foi possível a formação de um grupo homogêneo com a tropa perfeitamente adestrada dentro do espírito escoteiro. Para o Chefe de Tropa, Gentil Pio de Oliveira, as maiores dificuldades foram vencidas e os escoteiros, hoje, podem ingressar na tropa recebendo um adestramento completo.

**HOJE**

Assinala o Padre Catão que o Distrito de Anápolis possui um número ideal de escoteiros. Não são muitos, o que seria incontrolável, nem poucos, quando realizariam grandes atividades. Citou que a tropa de escoteiros possui 32 jovens, todos uniformizados e já com a promessa escoteira realizada. A Alcaetia de Lobinhos, chefiada pela Senhora Almeida Brasil, tem 24 elementos além da tropa senior (escoteiros com mais de 15 anos) ter 16 membros. Para o comando, além dos chefes citados, os escoteiros de Anápolis possuem ainda a Comissão Executiva Distrital que é presidida pelo Delegado Regional Miosés Daher e composta pelos srs. Gerson Berlink, João Bento Correa, Solino Câmara e Walter Lopes de Deus. Funciona ativamente, ainda, a Comissão Executiva de Grupo, presidida pelo prof. Rui de Oliveira Lopes e composta pelos srs. Dilson Vilmar Correa, João Itagiba Nunes, Lacy Martins, Ot-

to Shtz e Altair Pio de Oliveira.

**ATIVIDADES**

Os escoteiros tem várias atividades durante todo o ano. Já por cinco anos são realizados os chamados acampamentos de férias, onde durante uma semana os jovens escoteiros participam intensamente na vida do campo recebendo adestramentos tais como conhecimentos de escotismo, primeiros socorros, utilização da natureza em obras, levantamentos topográficos, orientação explicação, aventuras e jogos. Em todos, o espírito criativo dos jovens é altamente incentivado.

Além disso os escoteiros fazem muitas viagens através do Brasil, participando de acampamentos. Na cidade, recebem instruções em reuniões semanais dentro do espírito de aprender através de jogos. O espírito religioso e a formação moral, formam a base da instrução.

**VIDA**

Para o Padre Catão a vida escoteira é antes de tudo a vivência completa da comunidade. Os escoteiros estão participando de todos os acontecimentos importantes. Assim, auxiliam nos desfiles e comemorações, além de praticarem boas ações pessoais, ou coletivas como co-



leta de fundos para o Leprosário. Em Anápolis está o primeiro Escoteiro da Pátria do Centro Oeste, o jovem Cláscopen Lopes que atingiu o mais alto grau es-

dad  
gru  
me  
dad

## ANEXO C



## **Anexo D**

### **Promessa Escoteira**

“Prometo, pela minha honra, fazer o melhor possível para: cumprir meus deveres paracom Deus e minha Pátria; ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião; e, obedecer à LeiEscoteira.”

### **A Lei Escoteira, composta por dez artigos, é a seguinte:**

- I. O escoteiro é honrado e digno de confiança;
- II. O escoteiro é leal;
- III. O escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação;
- IV. O escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais Escoteiros;
- V. O escoteiro é cortês;
- VI. O escoteiro é bom para os animais e as plantas;
- VII. O escoteiro é obediente e disciplinado;
- VIII. O escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades;
- IX. O escoteiro é econômico e respeita o bem alheio;
- X. O escoteiro é limpo de corpo e alma.